

(Versão 10.
13-9-2007)



ADVERTÊNCIA

**O MISTÉRIO SEM SAÚDE ADVERTE:
CONSUMIR ESTE PRODUTO PODE PROVOCAR
RISOS, LÁGRIMAS, SAUDADE, CHORO AMENO OU CONVULSIVO,
UNHA ENCRAVADA, NÓ NA GARGANTA, SAUDADE, SOLUÇOS,
ESTÔMAGO EMBRULHADO, RUGAS NA TESTA, SAUDADE,
DIARRÉIA, ORGASMOS, SAUDADE, RAIVA, CIÚME, INVEJA,
DOR DE CABEÇA, SAUDADE, FLATULÊNCIA, CÓLICAS RENAIIS,
SAUDADE,
FÚRIA SUAVE OU DESVAIRADA,
ENFIM,
QUALQUER SAUDADE, REFLEXO OU REFLEXÃO!**

**PREPARADO PARA USO INTERNO E MODERADO,
NÃO SE DESTINA A PROVOCAR DESCONFÔRTO, INCÔMODO,
CONSTRANGIMENTO OU DESAGRADO.
MÁGOA OU OFENSA,
PORTANTO, SE VOCÊ PREFERIR QUE SEJA RETIRADO ALGUM
INGREDIENTE CONSTANTE DA FÓRMULA,
CONTRAINDICADO OU DE EFEITOS COLATERAIS DESAGRADÁVEIS,
DIRIJA-SE DIRETAMENTE AO FABRICANTE,
erre@vivax.com.br,
QUE TUDO SE CONSERTA OU SE CONCERTA,
MENOS SAUDADE
E
FAZER FEIO FICAR BONITO!**

CHAMEM O RESGATE!

OLHA A GENTE DO CIDADE AÍ, GENTE!...

(A brincadeira começou assim, em fins de maio/2007)

Você está com saco para uma brincadeira, "um jogo de memória" com o nosso próprio passado (não tão remoto, né?), do tempo no "**Cidade de Santos**" ?...

A idéia é simples, é só ir lembrando da turma toda que trabalhou lá, nas diversas épocas, e montar uma espécie de álbum, começando pela lista aí embaixo. Podemos ir lembrando a turma, completando nomes, anotando antigas funções. Depois, conforme a vontade de cada um, podemos adicionar e-mails, telefones, endereços, **fotos**, time do coração, ocupação atual, melhores matérias, livros, prêmios, *causos*, feitos, preferências literárias, artísticas, gastronômicas (tá, escrevi isso mas não sei prá quê!), sexuais (essa eu sei!!), tamanho do p.. (não, isso não, para não dar inveja), medidas de *bussto* (prá mim, por razões óbvias, essa palavra tem que ser mesmo com 2 esses!), quadril, cintura e coxas (oô, isso já é influência da volta do Miss Brasil!) -- atenção,. meninas: medidas dos melhores tempos, dos bons tempos!, não outras (se bem que, né, quem sabe, né, conforme for, né...) --, e outras gracinhas. IDADE, NEM PENSAR, NÉ MENINAS?

Prá começar, a lista está com 6 partes:

1. **ÓI NÓIS AQUI** (evidente provocação à turma do copy);
2. **QUEM FOI NA FRENTE;**
3. **CASAIS** (vamos tentar descobrir quantos casais se formaram entre o pessoal que trabalhou junto, casais formais ou informais, desde que com certa estabilidade, tá bom? -- comer uma vez ou outra não conta! --, mesmo que não estejam mais juntos.) (Lá vem cacete pelo machismo, né?),
4. **MUSEU** (quem é que tem as melhores e/ou mais esquisitas lembranças da época? Um metro de papel do telex picotado? Um daqueles fios de telefone com 5 m de comprimento - - versão A CABO do telefone celular ? Uma das ratazanas de estimação que circulava na redação, empalhada [não falo de nenhuma daquelas figuraças bípedes] ? Um *gomeiro* daqueles, com o pincel que parecia broxa [o que passava a cola, não quem segurava o pincel] ? Pautas em branco (algum vagabundo que até hoje não fez a matéria!)? Uma cueca do Gazetinha?),
5. **CHUVEIRO** (a nossa versão do paredão do BBB: você dá cartão vermelho e manda pro chuveiro o mau caráter ou filho da p*# que tinha por lá -- ninguém, nem nenhum lugar é perfeito! --, e com 5 votos [tá bom? É muito? É pouco?] a peça vai para a lista. Com mais de 10 o nome vai para um despacho na encruzilhada! Os votos ficarão em sigilo!) e, finalmente,
6. **MAIS**, para outras brincadeiras, curiosidades, lambanças, memórias, enfim, o que não couber nos outros itens. .

Tá bom assim? Então tá, vão mandando as colaborações, correções, sugestões, idéias, díizimos etc. e tal.

Começa aqui (em ordem alfabética do nome mais conhecido ou nome de guerra), já com uma ou outra piadinha (feita antes de encher o saco) o nosso catatau!

* A *caveira* (crânio) é o símbolo da morte, aqui se trata de uma morte de 20 anos. Com duas *tíbias cruzadas*, como usavam os piratas, era o símbolo da afronta à ordem estabelecida, daí, com duas *Bics cruzadas* referenciar a afronta à ordem estabelecida por um jornal só: em lugar da *faca afiada presa nos dentes*, o *fio afiado do CS*, com um *olho que vê a verdade*, outro *fechado à mentira*. E reparem, A NOSSA CAVEIRA RI!



CIDADANIA:



CIDADE DE SANTOS



PRÓLOGO

(À maneira do teatro – Texto HILDA ARAÚJO, depois de feriado com frio e chuva...)

JORNAL CIDADE DE SANTOS

Em julho de 1967, a Empresa Folha da Manhã inaugurou o jornal CIDADE DE SANTOS, no primeiro andar do prédio 32 da rua do Comércio, no Centro de Santos.(*). O título, muito bom, não era original. O primeiro jornal CIDADE DE SANTOS circulara nas primeiras décadas do século XX.

Uma série de circunstâncias tornaria o novo diário muito importante: a ditadura militar, um forte movimento estudantil, um sindicalismo ativo e A liberação dos costumes. Neste cenário, em que Santos destacava-se pela oposição ao regime, havia espaço para mais um jornal pois o Diário já fechara suas portas, funcionando como sucursal dos Diários Associados, enquanto A Tribuna reinava sozinha. O curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos crescera bastante para reivindicar status de Faculdade de Comunicação.

O projeto do jornal CIDADE DE SANTOS foi elaborado por profissionais paulistanos, que deram modernidade à forma valorizando o conteúdo do produto que, além do dinamismo, introduzia duas novidades importantes: a impressão a *off set* e a cor. Mas o fator determinante foi a possibilidade de trabalho que ele abriu para os jovens que haviam se aventurado no curso de jornalismo.

Foi assim que o jornal CIDADE DE SANTOS acabou se transformando em uma continuação da Faculdade. Os focas entravam para estágio e quando eram contratados, convidavam colegas para estagiar. Alguns logo buscaram espaço em A Tribuna, outros embarcaram para São Paulo e, claro, a maioria foi ficando e lutando para conseguir uma vaga nesse diário que seduzia também pelo clima de liberdade, especialmente, de costumes.

Havia muito entusiasmo na redação. Muitas vezes, irreverência. O que nunca faltou, entretanto, foi responsabilidade. Às 18 horas, a poluição sonora estava no auge. Dezenas de barulhentas Remington's explodindo ao mesmo tempo; telefones tocando, gente dando entrevista de última hora; ar carregado de fumaça dos cigarros que se acendiam em quase todas as mesas...

Claro, que nem sempre o céu era de brigadeiro e havia raios trovões no paraíso. Embora fosse um jornal de oposição, nem sempre se concordava com a linha política - uma prerrogativa ditada pelos proprietários da empresa (gostemos ou não) e almejava-se ir mais além. Muitos tombaram nessa luta, mas levantaram e seguiram avante.

O jornal CIDADE DE SANTOS foi, realmente, uma grande escola. Não bastava escrever bem. Era preciso ser ágil, pois ele era escrito em Santos e impresso em São Paulo (famosa Alameda Barão de Limeira, onde havia uma mini secretaria). As notícias subiam a serra do Mar em viaturas amarelinhas (fuscas, Kombi ou possantes F-100) duas ou três vezes por dia, dependendo da situação. Previsão do tempo fazia diferença! O telex não parava, produzindo uma interminável serpentina amarela, enquanto as últimas fotos seguiam via telefone (telefoto?).

Nos últimos anos do jornal, com o advento da computação, boa parte do material seguia por linhas especiais da Folha. Havia digitadores de plantão para repassar as matérias. Por tudo isso, pode-se considerar que o jornal CIDADE DE SANTOS foi um grande laboratório da empresa FOLHA DA MANHÃ, embora não me lembre de que tenha absorvido alguém no processo de fechamento do seu diário santista em 15 de setembro de 1987.

(Outros textos da HILDA estão adicionados às “fichas” dos nossos heróis.)

(*) O n.º 32, endereço oficial, era a porta da Distribuição. Na verdade, a entrada do prédio, para a Redação, era pelo n.º 26, com direito a escadaria e elevador.



OUTRO PRÓLOGO

ENEIDA BARRETO

(À maneira de Jornal: depois de repórter, entra a copiel!...)

Algumas poucas considerações, já que HILDA sintetizou tudo muito bem no Prólogo.

O CIDADE DE SANTOS foi como cantou Paulinho da Viola: um rio que passou em nossas vidas... e o coração se deixou levar...

Águas nem sempre calmas, é verdade, ainda que quanto mais calmas, mais profundas. Das profundezas, lutando contra a corrente. Turbulências previsíveis em uma Redação que enfrentou os chamados anos de chumbo, AI-5, prefeitos nomeados, censura... Internamente, como em todos os jornais, a guerra contra o relógio, algumas pautas inaceitáveis, a birra do editor, a deslealdade de alguns, greves, demissões, tragédias, as "forças ocultas", mas sempre com a firmeza de profissionais que sabiam rir das próprias mazelas. E isso fazia toda diferença. Nós éramos A diferença.

Basta ler, em todos depoimentos, os sentimentos revigorados, a marca da saudade recíproca, da imensa alegria, muitas vezes da revolta, da necessária indignação que nos agigantava, prováveis extremos de raiva e amor, mas nunca a marca da indiferença!

Maioria de jovens absorvendo a vivência dos mais experientes e transmitindo a eles a força da irreverência, a mesma coragem e o mesmo idealismo. Escrevemos aprendendo. E aprendemos escrevendo nosso momento no velho casarão da rua do Comércio, já marcado, provavelmente, por grandes sarais dos senhores do café. Décadas depois, ressoaram outras músicas mais ritmadas, até chegar o som inesquecível daquelas máquinas que contaram histórias e registraram a História.

É dessa composição, de sons e letras, que sai a melodia do CIDADE sempre contemporânea, por mais que distante, da qual não esquecemos jamais" (ENEIDA)

1. ÓI NÓIS AQUI!

José da Conceição de **ABREU**, o ZEZINHO, colaborador, funcionário da CODESP, hoje aposentado, fazia diariamente a coluna de Espiritismo -- desde agosto de 74 ao fechamento do jornal, mais de 12 anos, nos últimos tempos já com alteração da frequência.

ADALBERTO Marques, fotógrafo, passou Por A Tribuna, casou com a VÂNIA, repórter, estão morando aqui no Litoral.

HILDA - ADALBERTO vivia caçando pautas. No final de 1984, ele estava convencendo o SAMPAIO a aprovar a cobertura de uma festa secreta de Ana Novo que uma tribo no litoral norte promovia dentro dos rituais pagãos. SAMPAIO concordou com a viagem desde que ADALBERTO achasse algum repórter voluntário (o que SAMPAIO duvidava, já que a tal festa era na madrugada de 31 de dezembro para 1º de janeiro). Para azar do nosso editor, ADALBERTO conversou comigo e achei muito mais interessante ir ver festa de índio do que assistir a fogos de artifício na praia. Assim, na véspera de Ano Novo, partimos para Ubatuba (ADALBERTO, eu e o seu JOÃO, tio da NILCE). O problema foi achar um índio em Ubatuba em plena temporada de verão. A fonte do ADALBERTO tinha sido meio vaga (ou totalmente vaga). Ninguém tinha ouvido falar de nada semelhante (claro, era secreta!). De madrugada, desistimos. Mas havia um outro problema. Como a "fonte" do ADALBERTO dissera que a festa durava a madrugada toda, SAMPAIO achara dispensável pagar diária para hotel. Assim, nós três tivemos que esperar nascer o 1º dia de janeiro de 1985 numa praia de Ubatuba contando história para boi dormir. Quando o dia clareou, tomamos café e continuamos a procurar (sob protestos do seu JOÃO) qualquer índio para voltarmos com uma matéria sobre o tema. Depois de caminhar por morros e mato, localizamos uma tribo. Infelizmente, não havia clima de festa pois os moradores estavam subnutridos e doentes. Acabei escrevendo uma reportagem denunciando a situação. Moral da história: se a festa era secreta, nenhum índio ia deixar cara pálida entrar, não é? Mas valeu a experiência!

ADELTO Gonçalves, repórter, hoje professor doutor e pós-graduado com PHD e tudo em História, um longo estágio de anos em Lisboa.

CHINEM – "ADELTO fazia esportes mas logo foi para o que vocês chamam de A Tribuna. E ficou por lá até que se mudou para São Paulo, onde foi copy do Estadão, editor de esportes na

Folha da Tarde e na revista PLACAR, da Abril (dirigida pelo Juca Kfoury) e novamente no Estadão. Depois entrou em História na USP e voltou para Santos, onde dá aulas de Comunicação em 2 Faculdades. Mora em Praia Grande, no Canto do Forte (deve ser propriedade de sua família, não?).

ERRE: A *bio-biografia* de ADELTO, além de tudo escritor, está no site www.agulha.revista.nom.br (pensei que fosse “.com”, mas é “.nom” mesmo), o Jornal de Poesia, bacanêrrimo: “é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É também mestre em Letras pela Universidade de São Paulo na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana. Em 1999-2000, fez um trabalho de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp). É professor titular da Universidade Santa Cecília (UNISANTA) e do Centro Universitário Monte Serrat (UNIMONTE), de Santos.” Mais adiante, “Jornalista desde 1972, trabalhou em O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, Editora Abril e A Tribuna, de Santos. Como articulista e ensaísta, mantém intensa atividade na imprensa e em revistas acadêmicas”, e também esqueceu o “**Cidade**”, né, amigão... Mantém dois blogs: www.blog.comunidades.net/adelto e www.adeltogoncalves.blogger.com.br

ADILSON Fernandes Pereira, motorista da Redação e da Distribuição, atualmente trabalhando em uma firma de vistorias para seguros de carga portuária.

ADOLFO Dias de Barros, no começo do jornal, responsável pela Distribuição.

Antônio **ÁGGIO** Jr., primeiro chefe de reportagem, depois editor da Folha da Tarde e repórter especial do Folhã, assessor do Senador Romeu Tuma.

A memória de reconhecimento da **ELIANA**: “É bom lembrar que foi graças ao **ÁGGIO**, ao **FREDDI** e ao **HORLEY** que muitos profissionais que atuavam no “**Cidade**” foram convidados a continuar carreira em São Paulo, mais especificamente na Folha da Tarde. Foi meu caso, do **SEQUEIRA**, da **CLÉOFE**, da **VERINHA**, do **SCHIAVETTO**, da **MIRIAM PEDRO**, do **EDISON** e da **GISELDA Tozzi** -- que acabou indo para o Notícias Populares para trabalhar ao lado do Ebrahim Ramadam --. Essa mudança para a metrópole foi muito significativa na vida desses profissionais.” (Adiante, a seqüência sobre ela, em **ELIANA**).



GAZETINHA - Não lembro se o “Capitão Lindóia” foi o primeiro chefe de reportagem. Ele somente chegava na Redação depois do almoço e ficava, quase sempre, até o final do expediente. Mas, dele, há muita coisa para contar. Com ele aprendi muito. Uma história: dia da eleição em que o Esmeraldo foi eleito Prefeito de Santos, domingo, quase 20 horas, somente ele e eu na Redação. O **MASCARO** liga passando uma pesquisa de boca de urna feita pelo Instituto Gallup e paga pelo Carlos Paiva. Foi a primeira e única pesquisa política que o Gallup fez no Brasil. Na época era proibida a divulgação de pesquisa eleitoral. O **ÁGGIO** teve a idéia de divulgar a pesquisa, mas não poderíamos dizer que era do Gallup, por motivos contratuais. Veio a genial idéia: vai falar com o Juiz Eleitoral, que morava lá no Atlântico Hotel, para saber se poderia ser publicada. Sua Excelência argumentou: “*A eleição já foi, portanto, podem publicar*”. O **ÁGGIO** deu uma arrumada nos números e escrevemos a matéria publicada na edição do dia seguinte em um quarto da página três intitulada “**PESQUISA FEITA PELO CIDADE DE SANTOS**” indicando os índices de votação, bem como outras informações. Inacreditavelmente, os índices do “**Cidade**” se aproximaram mais do resultado final das urnas. O duro foi mesmo explicar para o pessoal da reportagem, que, depois de ler a notícia, questionava: “Quem fez a pesquisa?”. Nós respondíamos brincando que “*foram os anjos*”...

AGUINALDO, contato de publicidade, hoje no Diário do Litoral.

AÍLTON Pereira Leal, laboratorista, no início do jornal.

ALBANO, porteiro, fanho! parecia que estava sempre meio assustado, desconfiado, sei lá, valeu para dar-lhe dois ou três sustos bem fáceis. Um dia entrei pela portaria, passei por ele, dei boa noite, notei que ele estava meio nervosinho (devia ter levado algum pega do **BLANDY**), apliquei um truque para deixá-lo ainda mais confuso: em lugar de entrar na Redação, desc

correndo pela escada da Distribuição, fui rapidamente pela rua para a entrada principal e tornei a entrar no prédio pela portaria, dando boa noite de novo, como se estivesse chegando naquele instante. Ele ficou meio atarantado, olhos arregalados, como se estivesse vendo um fantasma, mas agüentou firme. Nos 3 ou 4 dias seguintes, toda vez que eu entrava ele ficava de olhos arregalados. Quando percebi que já não estava mais prestando atenção em mim, repeti o truque... Até hoje ele deve achar que eu tenho um fantasma que vai na minha frente, antes de eu chegar...



ALBERONI, laboratorista.

ALEXANDRE Elias, o Turco, trabalhou no Espaço Aberto, com a NOEMI.

Armando **AKIO**, repórter (meu "Filho do Império do Sol Nascente!"), **místico**, numerólogo, cobriu porto, foi para a A Tribuna, onde chegou a editar o Porto & Mar. Hoje é editor da Revista Porto S.A., que está no site www.jornaldabaixada.com.br. Cena lembrada pela **ERCÍLIA**: ainda novato, saiu com uma viatura para fazer matéria no porto, no caminho viu um incêndio, não teve dúvida! Parou e ligou para o jornal para mandarem um repórter, porque estava a caminho para fazer matéria no cais...

ROCHA conta uma versão um pouco diferente desse caso (AKIO cobria porto, saíram para fazer a matéria do incêndio, quando voltou não tinha feito: o incêndio não era no cais!) mas registra um outro fato devidamente investigado, apurado e confirmado: AKIO *mastigava a água*, antes de beber!...



Fernando Toledo **ALLENDE**, repórter, cronista social e de automobilismo, cobria a chefia de reportagem, foi para A tribuna, vão lembrando ERRE: Advogado; manteve durante muito tempo um saite próprio. Tinha um arquivo particular, e, como todo mundo de sangue espanhol, guardava um monte de papelada, fotos e tranqueiras. Cuidadoso, mantinha o arquivo bem fechado, o que não impedia, volta e meia, em algum descuido dele, a inserção sub-reptícia de fotos do pessoal da galeria do ROCHA nas gloriosas pastas de fotos da coluna social... *Malhado* – gíria da época para malandro que não estrila, espera a vez --, quando achava, rasgava discretamente, jogava no lixo e devia dar o troco em alguém... Em um plantão de chefia, tipo domingo ou feriado, sem movimento, fez uma limpeza geral no tal arquivo. Montes de pastas, relises, livretos, apostilas, sobre um monte de assuntos, tudo para o lixo, inclusive uma apostila velha e encorpada sobre -- incrível -- patologias médicas, fotos horríveis! Deu um monte de mais de metro no lixo! Terminado o

a 16 — CIDADE DE SANTOS — 3.a-feira, 11 de novembro d

UM SÁBADO DE AMOR E MÚSICA NO ILHA.



expediente foi embora, satisfeito, deu o maior trabalho recolher e esconder boa parte dos rejeitos. Claro, depois, volta e meia, arquivo aberto enquanto trabalhava, era só sair de perto que pastas, relises, livretos voltavam para as gavetas, discretamente. Com o passar do tempo, dava para perceber quando achava a velharia, olhava, olhava – sabe quando a pessoa tem a sensação estranha, pô, já não tinha jogado isso fora? -, aí rasgava, bem rasgado, e jogava no lixo. (Algumas vezes, guardava de novo, carinhosamente!) Um dia, finalmente, percebeu que era gozação, quando riu e jogou fora uma batelada de velharias. Aí, sobrou para o VAGAREZA. Ele ia passando na Redação, deram-lhe uma pasta da Ferrari com a tal apostila de deformidades dentro, “Quer fazer o favor de entregar para o ALLENDE?”, .O VAGAREZA, prestimoso, levou. “Seo Fernando, é para o senhor”, ele abriu, disparou alto e bom som: “É prá o mim o...!”. Fim da brincadeira... Até porque tinha acabado o estoque a devolver... **Na foto, ói o jeitão do FERNANDÃO segurar o Pepino. (Di Capri, claro...)**

ÁLVARO Carvalho Jr., repórter, com passagem Por A Tribuna e depois, por concurso, conferente de carga e descarga, casado com a jornalista Beth Capelache de Carvalho, editora do caderno Galeria, de A Tribuna..

GAZETINHA - A confirmar: o ÁLVARO somente pediu demissão do jornal depois de nomeado Conferente de Carga e Descarga. O ROBERTO PERES também passou nesse concurso, começou a trabalhar no porto, desistiu depois de algum tempo, resolveu continuar no “Cidade”.

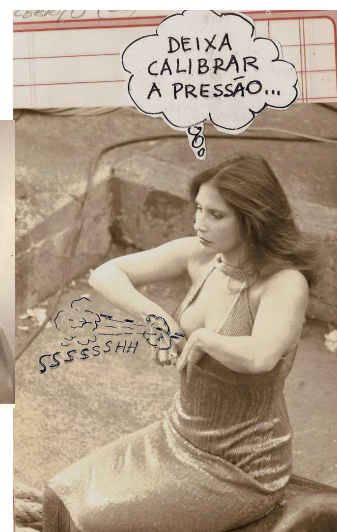
ANA MARIA Sachetto, repórter, copy, cobriu variedades e cultura, depois foi para A Tribuna. Casou com um amigão do jornal, C.^{el} PM Sachetto, antigo comandante dos Bombeiros. Canta também no coral Lavignac.

ANA MIRIAM, repórter..

ANDRÉ (Mianda?), filho do ITAMAR, um boy meio doidinho, hoje caprichoso montador de álbuns fotográficos, segundo a RITA.



ÂNGELA Gouvêa, repórter, para uns FAFÁ (de Belém, pela semelhança e por motivos óbvios), para outros Ro-Ro (só pelo nome, semelhante ao da outra cantora).

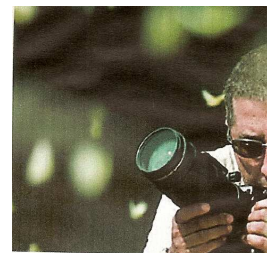


(Foto Adalberto – 1986)→

ANTÔNIO – o *TÁTICO MÓVEL* – contínuo em São Paulo. O apelido surgiu quando voltou de uma lotérica em que fora fazer um jogo e presenciara um assalto. Quando chegou na Redação, pálido de susto, contou que até o “Tático Móvel” tinha sido chamado!...

ARAQUÉM Alcântara, fotógrafo, hoje artista consagrado da arte da Fotografia (com F maiúsculo), vários álbuns e exposições no País e no Exterior. Vejam o belo saite dele www.araquem.com.br

GAZETINHA - Quando o ARAQUÉM chegou para estagiar era uma trinca, ele, MEIRELLES e o BAPTISTA. O detalhe é que os três andavam sempre com máquina fotográfica. Um dia o Araquém trouxe uma fotos e liguei para o PACO, remetendo-o para estagiar na Fotografia. Dias depois apareceu no jornal com umas fotos de pombos na Biquinha, em São Vicente. Vendeu essas fotos para uma agência de publicidade e, com o dinheiro no bolso, nunca mais apareceu no “**Cidade**”.



ARYLCE Cardoso Tomaz, repórter, hoje professora na UNIMONTE, lembra o FERNANDO que foi colega dela e da NOEMI na FACOS.

ARLETE, morena, única demitida na greve, mesmo tendo atuação discreta.

ARLETE, loira, olhos azuis, fez copy, sempre serena, tranqüila. Se não me engano (estou certo, turma?), ao deixar o jornal deixou uma carta-desabafo “caprichada” para o SAMPAIO e que arrepiou quem conseguiu ler...

ARLINDO Piva, do grupo de preparadores (em São Paulo) no início do jornal.

ARMANDO Canais Antunes, motorista, irmão do PIU, hoje sargento da PM.

ARMANDO, boy, passou para o telex com a morte do REINALDO, depois foi para A Tribuna.

ARMINDA Augusto, que a ERCÍLIA não tem certeza de ter trabalhado lá. “Gente fina”, com referendo da VERA SD: “*Não sei se trabalhou no “**Cidade**”, mas sei que está n’A tribuna hoje, onde atende muito bem assessores de imprensa em apuros... assim como eu — VERA SD*”).
HILDA desempata: não trabalhou lá -- mas fica, faz de conta que, né?, pelas boas referências... /// Pois é, não trabalhou mesmo, confirma a **LÍDIA**. A Arminda nunca foi do “**Cidade**”, formou-se depois que o jornal fechou. Entrou em A Tribuna em 1989, ficou um ano e saiu. Depois voltou em 1996 e é editora executiva.

Luiz Carlos de **ASSIS**, lembra a HILDA, fez esporte, depois foi para a Abril, onde trabalhou na Play Boy (andou pelo Jornal da Tarde também, quando foi ameaçado de agressão pelo ORÉFICE, veja adiante). Há alguns anos era editor da revista Supermercado Moderno, do Grupo Lundi.

José **AUGUSTO** de Freitas, repórter, cobriu política antes do MOITA, lembram a ZEZÉ e a HILDA – era claro, tipo nordestino e sério...

ENEIDA - Colega sossegado, boa gente, foi para Brasília.

ERRE: Assim, só com essas referências, não lembro dele. Mas para a ENEIDA achar “sossegado”, devia ser o maior paradão..

ENEIDA – Ó caro colega, o que você quer dizer? Nada contra loiras, por motivos óbvios, mas não entendi MUITO bem! Você está me chamando de quê, mesmo?

ERRE: Rárárá, neguinha, nada não!... É elogio: se você, um exemplo de tranqüilidade, equilíbrio, calma, bom senso, achava o colega sossegado... Outros éramos da turma dos malucos em vários graus, né?...

AURÉLIO, copy, também ex-radialista, tranqüilão, circula muito pelos lados Gonzaga / Canal 2 (no caso do Canal 2, circula pelo lado de fora!).

ÁUREO da Silva, repórter, sempre teve um pé na área imobiliária, pra onde se bandeou de vez. Casado com a NILCE -- o casal-maravilha! --, felizardo de ter diariamente comidinhas de botar água na boca de qualquer um, quase indescritíveis (aquelas que Vinícius dizia: *gostas*)

como só a mãe da gente sabe fazer!), com o impressionante detalhe: guardanapos com monogramas bordados (A e N, entrelaçados!) e - atenção! - engomados!! (ERRE)

AURORA Lanzillotta, repórter, muito legal e doidinha (no bom sentido), depois foi para a COSIPA (acho).

João **BAPTISTA**, repórter, dedicado também à fotografia, chegou ao jornal com ARAQUÉM e MEIRELLES..depois foi para o Estadão. Professor da FACOS na cadeira de Fotografia.

BEBÊ DIABO, Edson Carpentieri, repórter, hoje editor do Jornal da Orla. Descobriu cedo os perigos da vida de repórter, quando, em 1976, cometeu o arriscado ato de pedir uma caneta emprestada a um investigador, no então 4.º Distrito, o que lhe valeu três agressões! (Na época era o apogeu da Loteria Esportiva, daí gozarem que todo mundo acertava o triplo, ele foi acertado pelo triplo!).

BENALVA Vitório, repórter, professora-doutora em Comunicação, na FACOS, PHD, coordenadora da Universidade Aberta Para a Terceira Idade (Terceira Idade? *Vade retro!*), onde a ERCÍLIA diz que pretende entrar para arranjar um *maduro* gostoso.

ENEIDA – Colega querida, profissional competente, dividimos, no início, aquela ansiedade própria dos focas, até sermos contratadas. Fomos juntas a São Paulo, famoso prédio do *Folhão*, na Barão de Limeira, para ratificar nosso contrato de trabalho. Significou uma viagem e tanto!

BENEDITO Cubas - motorista (Será? Não, não será o Benedito! É o Benedito!). Foi o BENEDITO!

HILDA - Uma vez ficou indignado com ELAINE. Ele dirigia a Kombi, com ela e o fotógrafo na frente. O destino uma favela. Quando chegaram, todos desceram. ELAINE deu a volta por trás da perua, deu de cara com BENEDITO e perguntou: “-- Boa tarde, o senhor mora aqui? “... Anos depois, quando contava a história, BENEDITO ainda não se conformava porque ela viajara lado dele!

BERNARDINO, da Distribuição.

BETO PASCHOALINI, José Roberto, repórter, depois copy, passou para assessoria de imprensa, nos últimos tempos era o braço direito do deputado estadual Fausto Figueira (no mesmo caso, o MARCÍLIO).



ENEIDA - Amigo legal, dividiu bons tempos conosco na Secretaria, tão calmos quanto instáveis - os jornalistas unindo-se em greve. Lembro que, grávida, apreensiva com a demissão da ZULEIDE (alô, Erre, ela também), BETO se preocupava e tentava me sossegar: "Calma, mamãe, lembra do bebê, vai dar tudo certo". Guardo a lauda/cartão dele, bem escrito como sempre, no nascimento do meu primeiro filho.

/// **ERRE**: Acabo de receber (8-8) um e-mail dele, anunciando seu blog: www.omeulugar.wordpress.com, “anotações de um deslocado”... O sacana me chama de velho faz tempo, mas mandou o primeiro e-mail e esqueceu o anexo!... Rárárárá!... Isso é que é coisa de velho!...

(Vale demais ver o blog: há fotos lindas e declarações de amor, à cidade e a vocês sabem quem).

José Alberto de Moraes Alves **BLANDY**, que gostava de assinar **JAMABY**, foi repórter policial, depois editor chefe mais lembrado e folclórico do jornal. Era a fera da "Gaiola das Loucas" (embora ostentasse placa de Praça da Paz Universal!), mas morria de medo de camundongos (camundongos segundo a ERCÍLIA, sem óculos: aquilo eram robustas ratazanas!), a ponto de dar vexame na frente das vetustas senhoras das "Forças Vivas da Cidade" (aqui entre nós, nem tão vivas, né?), capitaneadas pela colega dona Lídia Federici. Depois do “**Cidade**” (antes do fechamento) foi para o falecido Notícias Populares, como



repórter especial, ao que parece com promessa de substituir o editor Ebrahim Ramadam., Advogado, pertenceu à falecida FEPASA e faz assessoria sindical". ///

Olhai pessoal: atualmente é Advogado da Federação dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado de São Paulo. Acabei de achar (3-7-07) uma notícia que fala dele, na Folha da Região (Araçatuba)!. ///

Uma cena: um dos esportes favoritos dele era, digamos (tem senhoras ouvindo) *encher o saco* do SAMPAIO. Um fim de dia chego na Redação, estranho o silêncio na Secretaria. Chego lá, está o BLANDY na cabeceira do bloco de mesas, sentado no lugar do João (aquele dia ele estava fora), tocando o fechamento do jornal, a turma em volta, todos de cara fechada, tromba geral, já devia ter rolado algum pepino. Foi a conta: cheguei perto do ouvido dele, fingindo que ia falar baixo, dei o tom de alerta: "Olha, você que é novo aqui, cuidado! Ali dentro (apontei para a "Gaiola") tem um maluco que é doido pra dar *esporro* em quem senta aqui!...). Sai de fininho, o sacana riu. Melhorou o ambiente: fazia bem pro ego, né? ///

Outra, na mesma linha: entro na Redação, ele está na "Gaiola", dando entrevista para uns 8 ou 10 alunos da FACOS, me chama. Abro a porta, ponho só a cabeça para dentro, ele provoca: "Diz pra eles quem sou eu..". Claro, a única resposta possível – e que ele queria: "Ele é um doido varrido!". Aí ele deu a risada especial de louco de pedra, saí, aquela turma nunca pediu emprego no "Cidade"!...

HILDA - Acho que é impossível falar do CIDADE DE SANTOS sem falar do BLANDY - um personagem bastante controverso. Quando entrei no CS ele já tinha ido embora para São Paulo e, assim, só o conheci como editor chefe, cargo que ele assumiu em 1971, provavelmente quando a tropa de choque (ALCI, SAMPAIO, DE PAULA, NASSIN E GAZETINHA) já me preparara para as agruras da vida de repórter. Aprendi muito com o BLANDY e, graças ao meu temperamento mais diplomático, nunca houve confrontações entre nós dois e sempre me tratou com grande consideração e respeito. Mas como toda mortal, conheci de perto as conseqüências de seu temperamento instável. Três histórias sobre ele:



A CHEFIA - Não gosto de cargos de chefia porque - por princípio - não gosto de mandar em ninguém. Adoro escrever, ouvir pessoas contar casos, descobrir os segredos que não são ditos mas sempre transparecem etc. etc. etc. Assim, quando o BLANDY me chamou para assumir a chefia de reportagem, minha resposta ingênua foi "obrigada, mas não quero". Eu já era repórter full-time há muito tempo, o que me satisfazia plenamente. Entretanto, ele não aceitou "não" como resposta, nem as justificativas que apresentei. Quando disse que não tinha experiência, disse que me ajudaria; quando levantei problemas de ordem pessoal (que ele já conhecia) também se prontificou a me respaldar. Não me lembro quanto tempo levou para ele me convencer. Acabei aceitando uma empreitada maior do que eu podia e pelo carinho com que todos lembram da época, creio que não fiz muitos estragos. Um ano depois pedi transferência para São Paulo - o que devo também agradecer ao BLANDY, porque ao aceitar permitiu que eu viesse descobrir um mundo de experiências importantes. (HILDA).

DECISÕES - O repórter do porto tinha que sair no máximo até as 8h30 para que todo material estivesse pronto às 14h, quando subia o primeiro malote. Entretanto, a primeira viatura dependia da Distribuição e, se houvesse algum problema, ele se refletiria na Redação. Certo dia, às 8h30, ainda não aparecera nenhum carro. Negocieei com todas as possibilidades e nada. (TAXI??? Nem pensar!) Por volta das 8h45, finalmente, a dupla (repórter e fotógrafo) saiu para o Porto. Quando BLANDY chegava, esperava a melhor oportunidade para ir até o "aquário" (*) fazer um relatório do que estava em andamento e do que se teria para o dia. Muitas vezes tinha que esperar os mais afoitos (**) que iam logo pedir a bênção - o que aconteceu nesse dia. Alguns minutos, os afoitinhos saíram e ele me chamou. Já sabia da viatura atrasada. - "Por que o carro saiu tarde?" Expliquei. -- "Por que não me telefonou?" -- Não achei necessário porque consegui resolver o problema "... ---

"Aqui, só eu resolvo problemas e blá blá blá..." - interrompeu ele, sem levantar a voz, mas notoriamente zangadíssimo. Esperei que ele dissesse tudo o que queria, terminando com um "da próxima vez me ligue". Não demorou muito que acontecesse de novo e numa manhã de sábado! Nada como acordar o chefe logo cedo com um problema! _ --"BLANDY, estou ligando para avisar que ainda não temos viatura para o porto." --"Resolve como puder!"... Esse é o JAMABY... (HILDA).

(*) Aqui, HILDA refere-se à "Sala da Paz Universal", vulgo sala do BLANDY. Também era chamada de "aquário" a sala dos aparelhos de telex, com uma grande "janela" interna envidraçada, dando para a Secretaria. Nesse vidro, de vez em quando, apareciam gracinhas como o cartaz "Não dê comida aos peixinhos", que os meninos detestavam. Até que, um dia, um sacana ensinou o REINALDO a se vingar: era só colar o cartaz do lado dele (de dentro)...

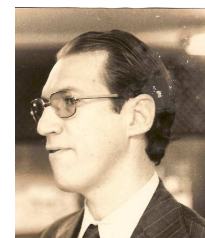
(**) puxa-sacos.

MALDADE - O secretário de Serviços Públicos, coronel Chaves do Amarante, fazia parte do gabinete do interventor federal na cidade, general Bandeira Brasil - detestado por todos. O coronel era um sujeito de bem com a vida, vivia sorrindo e tratava a todos muito educadamente. Por causa da coluna de bairros, eu tinha muito contato com ele que - espertamente - aproveitava todas as oportunidades para ganhar um espaço no jornal, fazendo visitas de inspeção, conversando com a população etc. e tal. Após uma chuvarada uma enorme pedra ficou exposta e ameaçava rolar a encosta de um dos morros da cidade. Chaves do Amarante esteve no local, onde eu já me encontrava, fez declarações e pediu-me se poderia conseguir para a Prefeitura uma foto do local. Levei a reivindicação para o BLANDY, que entrou em transe. Chamou o PACO, com quem bolou o plano diabólico: fizeram um novo negativo com o carimbo JORNAL CIDADE DE SANTOS aplicado bem no meio da pedra. Imagino a cara de todos na hora que abriram o envelope...(HILDA).

ERRE:: "Praça da Paz Universal"!... Essa foi de dar inveja: coisa de humorista profissional!... GAZETINHA - Quando o BLANDY veio de São Paulo para assumir o cargo de Editor, passou na minha casa, de manhã, me informando das mudanças na Redação. Numa reunião, às 13 horas, com todo o pessoal da reportagem, sem ter falado comigo, comunicou que eu seria o chefe de reportagem. Tive que aceitar, pois me comprometera a auxiliá-lo. Quanto à minha saída do jornal, por ordem dele, não o culpo. Um repórter e uma pessoa de fora do jornal criaram um clima para que ele me demitisse.

Antônio Cláudio Soares **BONSEGNO**, repórter, andou por Brasília e São Paulo, optou pela carreira de Advogado, depois Delegado de Polícia, trabalhando em Santos; aposentado, voltou à advocacia. ///

BONSEGNO na voz do próprio: "67 anos, casado, três filhos, sete netos legítimos e três adotados, trabalhou no "**Cidade**" entrando nos primeiros meses de fundação, a princípio não conseguiu vaga na Redação, então se propôs a fazer assinaturas dos jornais da Empresa. Conseguiu colocar os vários periódicos nos Municípios de São Vicente e Praia Grande, com entrega domiciliar, o que lhe valeu a atenção da administração que então, reconhecendo o seu trabalho, admitiu-o como repórter geral; dali, por sua insistência, o jornal instalou a sua única sucursal, em São Vicente, cobrindo esse Município e Praia Grande, tornando-se auto-suficiente porque conseguia publicidade oficial dos dois Municípios. Assumindo a editoria de política do Cidade. Foi substituído pelo jornalista Hugo Penteado Teixeira, então já um senhor respeitável que viera de São Paulo morar em São Vicente e fora jornalista político de vários jornais junto à Assembléia Legislativa, viera morar em São Vicente. Não queria deixar de trabalhar, um homem competente, sério, de larga bagagem na imprensa. Após sua saída do jornal, a sucursal foi fechada: nenhum outro jornalista queria cobrir dois Municípios e manter a auto-suficiência com a publicidade. Ao deixar o "**Cidade**", por volta de 1970, foi substituído pelo jovem jornalista José Augusto de Freitas, muito competente, que assumiu a editoria de Política



e mais tarde se transferiu para Brasília, onde inclusive trabalhou como jornalista credenciado no Palácio do Planalto. Despedido pelo BLANDY, junto com outros dos mais antigos e competentes jornalistas do “**Cidade**” foi para a sucursal dos Diários Associados, pelas mãos do jornalista OBERDAN Faconti, um grande amigo, pintor, boêmio, que deixou saudades. Dali, concluiu Direito na Faculdade Católica de Santos, ganhou bolsa e foi para Brasília estudar na UNB e depois contratado como advogado do Departamento Nacional da Produção Mineral, em São Paulo. Lá, foi convidado e nomeado Assessor do Gabinete do Ministro das Minas e Energia, onde ficou alguns anos, depois assumiu a Chefia do Escritório Regional da ELETROBRÁS, em São Paulo; em seguida foi levado como Assistente do Presidente da PETROBRÁS. Delegado de Polícia de carreira, atuou alguns anos na Baixada Santista e se aposentou. .Quem quiser trocar mensagens comigo, use o e-mail: acsbonsegno@terra.com.br .

Adílson Augusto, o **BRASINHA**, um dos copys da primeira fase do jornal, que veio de São Paulo com o FRATERNAL. Era santista e aproveitou para voltar para perto da família.

CARLOS Roberto Nogueira, fotógrafo, passou para A Tribuna onde está até hoje.

CARLOS ALBERTO, motorista (do bloco dos taxistas contratados, e que revezava com o pai).

CARLOS EDUARDO Correia de Souza, repórter de esportes, foi para A Tribuna.e está lá até hoje.

CARMINE Orival Francisco, primeiro repórter de Economia do “**Cidade**”.

GAZETINHA - Depois de alguns meses pediu demissão e foi trabalhar em distribuidora de títulos e valores ou de câmbio, não lembro ao certo, mas era algo relacionado à Economia.

Carlos Bastos de **CASTRO**, do grupo de preparadores do início do jornal (em São Paulo).

CATARINA Vitória La Terza, repórter, hoje vive bem do coração em Marília, casada com um cardiologista.—segundo a ERCÍLIA.

ELIANA - CATARINA, “CATA” na época do “**Cidade**”, foi trabalhar em São Paulo, no Jornal do Brasil, assim que casou com o Dr. Antonio Carlos Penna, cirurgião cardiovascular dos bons, aluno do Adib Jatene. Depois mudou para Marília onde vive até hoje. Já teve uma agência de turismo e hoje toca uma franquia da Livraria Nobel. Tem três filhos moços, é muito querida e como tem um apartamento em São Paulo, toda vez que chega nos encontramos e fazemos bons programas juntas - somos muito amigas até hoje e nos gostamos demais.

GAZETINHA - Em Marília existe uma “embaixada” santista e a CATARINA faz parte do grupo.

CÁTIA Ribeiro de Castro, repórter, morena que impressionava pela beleza (mas fumava demais!), colega de ginásio da ENEIDA, namorou o THOMAZ e deixou o jornal logo depois da morte dele. Foi para São Paulo trabalhar na Salles InterAmericana de Publicidade, do lendário Mauro Salles – juntamente com a ROSAMAR, a GLORINHA e a SONINHA -- fazendo assessoria de imprensa e jornais para empresas. Lá conheceu o Nemércio, com quem casou. Um irmão dela chegou a trabalhar algum tempo no jornal.

ELIANA - Trabalhou muitos anos com o Nemércio Nogueira na Salles e também fez uma bela carreira solo. São pais do Fábio, um misto de artista com advogado que é afilhado da GLORINHA.. CÁTIA continua muito bonita, - segue fumando. A família tem um apartamento na avenida da praia em Santos porque, até hoje, CÁTIA tem idéia de montar alguma coisa na cidade.

CAVALETE de madeira da Sabesp, ficou pouco tempo entre nós, coisa de uma semana, 10 dias, impávido, sem sair de seu posto: bloqueando o banheiro das meninas...[Um dia (noite) um palhaço chegou para fazer sua coluna, não tinha onde estacionar na rua do Comércio, só uma vaga bem defronte à entrada do prédio, com um cavalete da Sabesp impedindo a parada. Ia ter um concerto no dia seguinte. Aí o sujeito – não tinha ninguém olhando -- tirou o cavalete, estacionou, pôs o cavalete pra dentro, como não podia deixar na frente do elevador, pôs dentro – não tinha ninguém olhando --, subiu, tirou no primeiro andar, deixou no corredor, bem na

porta do banheiro das meninas – não tinha ninguém olhando --. O tal banheiro estava cheio de problemas, válvulas não davam descarga (imaginem!), faltava água ou saía suja da torneira, enfim, um meio caos – e ninguém tomava providências. A tal semana começou bem, as meninas comemoraram, enfim, providências! Depois de uma semana, 10 dias, usando o banheiro do andar de baixo (pior!) ou, as mais desesperadas, o dos homens, resolveram reclamar com o VERGARA já que ninguém aparecia para trabalhar. Foi aí que a comissão feminina descobriu que a administração também estava feliz, porque tinha passado uma semana sem escutar nenhuma reclamação – lá é que nunca tinha mesmo ninguém olhando...] Uma coisa puxa a outra, banheiro puxa banheiro, e a ERCÍLIA lembra que uma vez alguém levou um diplomata alemão pra visitar o jornal, aí o distinto teve vontade de fazer pipi (segundo ela, xixi é só para mulher) e entrou lá, no delas (vocês sabiam que em vários lugares da Europa é misturado? Ou melhor,, misto?), *num daqueles dias*. Teria saído meio esgançado, ‘My God! y God!’ e caído fora sem nem falar com o editor...



CEBOLA, o Luiz Carlos Ferraz, repórter, foi casado com a HELÔ, hoje é editor do jornal "Perspectiva". O saite dele é www.jornalperspectiva.com.br. (Atualmente, vejam a foto, DR. CEBOLA!...)

Maria **CECÍLIA** de Sá Porto, CIÇA, repórter, filha do professor Sá Porto, morou algum tempo nos Estados Unidos, depois em Brasília (onde foi vizinha da VERA SD) e hoje – segundo a mesma VERA SD – mora com o marido Carlos Eduardo (que esteve ou está no Valor Econômico) e o filho em São Paulo, onde dá aulas.

CÉLIA Maria Salgado Seoane, repórter, depois copy.

CELSO Bertoli, repórter, cobriu esportes, andou pelo nosso Sindicato e por A Tribuna.

CHICÃO, o Francisco Vicente Alóise Ferreira, repórter policial por muito tempo, depois sindical, escreveu pockt-books – “O Padre e o Pistoleiro” e “Oeste Inesquecível”, ambos de banguê-banguê – nos quais o sacana adaptava os nomes de amigos e colegas para seus personagens (reconhecem: Rivald's, Rubin Forty, Fortim, Adylce, Sony, Jalamal City, Izalt, Reynolds, Aurely, Degen ?), mais tarde tornou-se assessor sindical e vogal pelos empregados na Justiça do Trabalho (nível de juiz classista, né, Chicão?). Também passou por A Tribuna... (Olha ele aí, na foto, praticando para escrever seus livrinhos...)



Rivaldo **CHINEM**, repórter, começou cobrindo São Vicente, passou pelo Folhã, pelo Estadão, Veja, TV Gazeta e rádio, e nos alternativos O São Paulo, O Repórter e Versus (do qual ficou de me mandar um exemplar, que não recebi, e do qual mandou outro pelo MEIRELLES, malandrão, que nunca me entregou), deu aulas.. Era cartunista de traço muito pessoal, poético (não no sentido bicha, no sentido lírico!), acompanhei um dia de alegria ao enviar ao Pasquim alguns dos seus cartuns preferidos, e um





dia de desapontamento quando a idéia de um deles, chapadona!, foi publicada com a assinatura (se não me falha a memória) do Ziraldo. Um de seus desenhos foi aceito e incluído no 11.º Salão Internacional de Cartuns (1974), em Montreal, no Canadá. Hoje é escritor, escreve para o portal Mega Brasil (www.megabrasil.com.br) e está na assessoria de imprensa dos metalúrgicos, na Capital (saiu no Unidade, há um ou 2 meses). O homem é fera em assessoria de imprensa (trabalhou com Jânio – até segurar a alça do caixão -- com o Nelo Rodolfo, com um deputado que não lembro o nome). Escreveu “Terror Policial” (com o falecido Tim Lopes), “Sentença – Padres e Possesiros do Araguaia” (prêmio Herzog de Anistia e Direitos Humanos em 1982), “Imprensa Alternativa – Jornalismo de Oposição e Inovação”, reescrito e publicado com o título “Jornalismo de Guerrilha – a Imprensa Alternativa Brasileira da Ditadura à Internet”, “Marketing e Divulgação para a pequena empresa”, “Assessoria de Imprensa – Como Fazer”..

HILDA - SUCURSAL CALUNGA - CHINEM revelou-se um ótimo jornalista desde o início e foi para a Sucursal de São Vicente, que funcionava em uma sala no Centro daquele Município. Acho que ele substituiu Cláudio Rodrigues. Um dia VERGARA resolveu fazer as contas e achou que era mais barato pagar o ônibus ou a gasolina para o repórter do que o aluguel da sala. Assim, decidiu encerrar as atividades da sucursal. Certamente, avisou o editor, que deve ter avisado à chefia de reportagem, que esqueceu de avisar o correspondente - sujeito mais interessado. Assim, um belo dia CHINEM chegou para trabalhar e descobriu que estava no olho da rua, literalmente, sem eira nem beira. Transtornado, entrou na redação fumegando. Parecia um touro bravo. Com razão, naturalmente....

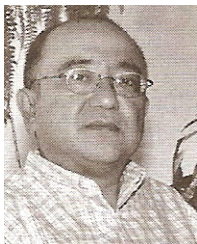
[HILDA, Hildinha, desculpa, mas CHINEM, e fumegando!, não pode ser touro: só pode ser **dragão**, pô! ! ERRE].

HISTÓRIAS DO CHINEM - CACHORROS 1 - "Adestramento sem maltratar os cães", anunciava a placa traseira de uma peruca. Como os instrutores conseguem a proeza não sei. Mas vou confiar que eles sejam politicamente corretos. Isso porque entendo que ninguém precisa ou merece maus tratos e que cachorro também é gente, como proclamava um ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri. Vivi dias piores, quando cachorros tinham nome e sobrenome. Era o que se chamava *pedigree*. Em plantões de fim de semana todo mundo cobria todos os assuntos. Em um deles fui a um desfile canino, o chefe de reportagem distribuiu várias pautas e disse que essa era só passar no Kennel Club e pegar o resultado. Fui em busca de uns papéis datilografados com nome dos cachorros ganhadores e de seus respectivos donos. Claro que não assisti ao desfile canino. Nem ouvi latido algum. Apenas procurei os organizadores que me entregaram umas folhas com o resultado do concurso. No jornal havia ordem de dar os nomes precedidos com um pomposo e solene Sr. Por exemplo, se ele se chamasse Rubens Fortes teria de escrever Sr. Rubens Fortes. Na segunda-feira um colega que também participava vez em quando desses torneios - levando seus cachorros - avisou que eu tinha trocado as bolas. Em vez de donos dos cães eu publicara os nomes dos bichinhos e em nome dos quadrúpedes eu tinha anunciado os nomes dos bípedes que evidentemente não foram os vencedores... Que confusão dos diabos. Como este colega era o único interessado na notícia, não houve maiores problemas, desses que atormentam a vida dos repórteres, os chamados pedidos de correção da matéria. Não tem coisa pior do que ser contestado, ainda que somente por correspondência, via correio ou internet, porque isso mostra que houve alguma falha na apuração ou na redação da notícia. Pior ainda é quando o documento acaba na Justiça. Mas não foi o caso da nota do concurso de cães porque ninguém tocou no assunto por não terem lido ou simplesmente ignorado.

CACHORROS 2 - Consta que um dono de revista tinha alguns cães e batizava as feras com nomes de inimigos. Era uma forma dele se vingar, ao menos simbolicamente. O cartunista Jota discordava. Para ele, quando a gente tem um cachorro seria normal batizá-lo com o nome de um amigo, nunca de alguém que a gente não goste. Ou odeie, como era o caso deste magnata

da indústria gráfica e editorial que, segundo consta, destilava veneno em cada frase ao se referir aos inimigos, ou ao chamar os cachorros que o cercavam.

CACHORROS 3 - O caso do Magri foi apenas um erro de interpretação, claro. Ele utilizou uma perua Kombi para levar sua cachorra ao médico. Foi um banzé danado na vida dele, ministro da era Collor. Por mais que tentasse, o sindicalista alçado ao posto de Ministro do Trabalho nunca foi devidamente ouvido para que se esclarecesse de vez a confusão. Ao ser criticado, Magri explicou que tratou sua cadela com todo carinho possível e ao seu alcance, afinal – disse – cachorro também é gente. Na tentativa de se explicar, e não tendo argumento para tanto, o então Ministro entrou para o mundo do folclore político.



CACHORROS 4 - Herman Hesse lembrou que tinha um amigo que foi obrigado a dar o cachorro. Levaram o bicho a cinquenta quilômetros de sua casa. O cachorro fugiu e voltou, encontrando o caminho, a trilha. Isso é mágico, dizia o grande escritor, ele também, a meu ver, um grande mago. (CHINEM).

{Pô, CHINEM, quanto cachorro!... E eu pensei que só coreano gostasse de cachorro!... Ao molho pardo, claro - ERRE.} - (V. + textos do CHINEM em SÔNIA REGINA e ZEZÉ.).

ENEIDA – “Concordo com a HILDA quando fala das qualidades do CHINEM, repórter dinâmico, de quem lembro sempre saindo ou chegando com pressa. CHINEM, como tantos, era bem-vindo lá pelos nossos lados (o editor nos colocava 'de castigo' depois do aquário, justificando necessidade de maior concentração pelo cuidado com os textos). Fazíamos parte de um grupo que sempre tinha muito a dizer e a escrever além das notícias diárias. Todas as nossas 'grandes' discussões literárias, por exemplo, nasciam primeiro em laudas enviadas entre salas, durante pequenos intervalos de trabalho, pra cansaíra dos boys -- sempre simpáticos, é bom registrar. Vejo hoje que aquele saudável exercício nos ajudava a coordenar idéias, discernir conteúdos, usar a criatividade, enfim, praticar a escrita com prazer. .Quase todas as laudas do CHINEM chegavam ilustradas. Pena que tenha se cansado, hoje não desenha mais.

Francisco M. Sanchez Filho, o **CHIQUINHO**, cobriu polícia e esportes, depois foi para o Notícias Populares e estava na sucursal de Santos do Estadão.

GAZETINHA - No começo do jornal veio de São Paulo para trabalhar no arquivo, junto com o EDUARDO. Depois, acho que por convite do ALCI, trabalhou no setor esportivo.

Francisco Viana Arrais Filho, o **CHIQUINHO ARRAIS**, na família PAQUITO, segundo a irmã. Laboratorista, atualmente fotógrafo na Prefeitura de Santos.



CIDA, a Maria Aparecida de Oliveira, segundo a ERCÍLIA, "vulga" Cida *Ducci*, por seus memoráveis carnavais no Ilha Porchat Clube (Ô CIDA, olha a ERCÍLIA te entregando!) estava no Estadão, onde enfrentou a barra de uma doença, antes do fechamento da sucursal de Santos. Tinha sido sócia do Espaço Aberto, com a NOEMI.

CLÁUDIA Fortes, repórter, também atriz de teatro amador – “A Casa de Bernarda Alba”, de Lorca (se não me engano).

CLÁUDIO Rodrigues, tio do Nestor.

Cláudio Barbosa, **CLAUDINHO**, diagramador.

HILDA – O CLAUDINHO viu o texto do Jornalistas & Cia. e mandou notícias via e-mail. (Em tempo: a idéia não é minha, mas do grupo todo).

CLAUDINHO - Nossa, quanto tempo, HILDA!... Fiquei feliz por você estar organizando este encontro, que bom. Não sei se lembra, mas trabalhei por 11 anos no Cidade de Santos e era conhecido por "Claudinho", lembra? Trabalhei com o CORI, ERASMO DE LUNA, CLÉA e diagramei a 1ª pág. com o João Sampaio e o Blandi(y)? (não lembro a grafia correta)... Trabalho hoje no Valor Econômico e estou aqui desde o início deste diário econômico. Ficarei feliz em rever amigos e posso dizer de antemão que esta sua idéia é sensacional! Parabéns! HILDA, já está meio tarde e amanhã volto ao batente (estava em férias), vamos nos falando e conte comigo."

CLÉA Noronha Reis, diagramadora, passou pelo Diário do Grande ABC e depois foi para A Tribuna, hoje goza merecida aposentadoria. Na conta dela ficou a diagramação da legenda "O Estranho Vício da Senhora Ward, no Independência" (um filme erótico com Edwich Fenech), mostrando o BLANDY recebendo medalha da Academia Santista de Letras...

HILDA - A troca da foto valeu uma suspensão para ela, que não gosta muito de lembrar da história. Aliás, o problema aconteceu porque na última hora resolveram tirar a matéria do filme para colocar a do chefe ... Na pressa, ficou a legenda...

ERRE - Ô HILDA, há dias encontrei com ela, falamos de uma porção de coisas, inclusive dessa estória, e ela não me pareceu aborrecida, já superou e acha graça. Até quer que eu lhe dê uma cópia do recorte, que está lá nos meus salvados de guerra...



CLEINALDO Simões, repórter de esportes, hoje empresário em Sampa.

HILDA -- Em seu site, **CLEINALDO** conta que trabalhou como "repórter de esportes, geral, comércio exterior, economia e negócios, atuou nos jornais Cidade de Santos, A Tribuna, Folha de S. Paulo e Jornal da Tarde. E executou reportagens para publicações como Quatro Rodas, Visão, Projeto, Obra, Mídia e Mercado, Cláudia, Cães, etc." Mais informações no www.cleinaldosimoes.com.br



CLÉOFE Valentin Monteiro, repórter, casou com o SEQUEIRA e foi com ele para a Folha da Tarde.

CLODOALDO Garcia, assinava uma coluna, cheguei a fazer ilustrações para ela, mas não lembro se existia e fazia a coluna, ou se era pseudônimo. Alguém lembra?

José **CORIO** Garcia, o CORI, diagramador, hoje magnata (está no Orkut) segundo a ERCÍLIA, de fato comerciante, dono da loja de roupas infanto-juvenis VIM VI VENCI – com esse nome parece mais atacado de armaduras de guerreiros romanos! --, no Gonzaga, Marechal Deodoro, 70.. Fala o CORI: "Achei o maior barato essa idéia de juntar a tropa do 'Cidade' e essas histórias, que são prazerosas demais de serem lembradas. Peço que retifiquem a informação de que 'atualmente sou magnata'. Pô, meu, sacanagem! Bem que eu queria ser um deles, mas vou ter que vender muita roupinha de criança e ralar muito meu umbigo no balcão pra chegar perto disso. E olha que lá se vão 23 anos. Tenho uma foto, com o Cláudio Barbosa, ex-laboratorista e diagramador, numa festa na Redação. Vamos ver como faço para chegar às suas mãos. Tenho também uma 'comida de rabo', assinada pelo SAMPAIO, que me deu uma suspensão, por eu não ter encaminhado para São Paulo, junto com o malote, uma página de Variedades com todas as matérias do dia... Sei lá como é que aquilo aconteceu... Sei que ficou dentro da gaveta juntamente com outras páginas de



Variedades, que eram feitas durante a semana, para o caderno especial publicado no domingo. Quando cheguei na porta da Redação, no dia seguinte, eram o ROBERTO Peres, a ZEZÉ, o SAMPAIO, todo mundo!, tipo pelotão de fuzilamento, saca? Eles copiaram a página do dia anterior.... Na minha carteira de trabalho

tem só dois registros: de 1977 a 1978 como contínuo, e de 1979 a 1987, como diagramador. Depois parti para carreira solo!....”

ENEIDA - CORI, diagramador divertido. Se tivesse algum “probleminha” com a Cátia, passava a tarde cantando a música que fez sucesso na voz de Maysa: “Meu mundo caiu”. E, diariamente, a gente perguntava: —“Já levantou. CORI?”... Virou brincadeira, e todo mundo no embalo de Maysa assim que chegava. Até hoje, basta ver o logotipo da loja e a melodia volta à memória. Ficou como marca daquele jovem atingido pela flecha do Cupido...

CORNÉLIO Lima Filho, preparador no início do jornal.

CRISTINA Guedes, repórter, saiu para A Tribuna, depois para a TV Record, voltou para a A Tribuna, atuou e chefiou a Assessoria da Prefeitura, virou apresentadora de TV, hoje é a segunda dama do Município, casada com o vice-prefeito, engenheiro Antônio Carlos Gonçalves, é presidente da Fundação Arquivo e Memória de Santos. Cena: a kombi do jornal pára no semáforo canal 1 x canal 2, defronte ao campo da Portuguesa, chego com meu carro de fininho, pelo lado direito da Kombi, encosto o máximo, o motorista não percebe e ela muito menos, preocupadíssima lendo a pauta que levava nas mãos. Bem na porta ao lado dela, quando dá verde e os carros avançam, acelero o meu e dou o maior murro na lataria da porta dela! Foi um susto e um berro do tamanho de um bonde... Quase que o motorista salta fora!...

(Não sei porque tanto susto, afinal o Antônio Carlos ainda não usava a barba terrível que usa hoje...). Cena 2: Redação, fim de tarde, hora de fechamento, em volta da



mesa dela umas 4 ou 5 senhoras dão entrevista sobre alguma coisa, ela séria na máquina. Corro, pego uma cadeira, sento ao lado das senhoras, bem de frente pra ela, encostado na mesa. Alguns instantes estáticos, ninguém entende nada, ela olha de rabo de olho, se agüenta um pouco, aí esbrega: “O que você quer aqui, ô Erre?!”. Olho bem cínico para as admiradas senhoras, faço a cara do Golias (hoje não faço mais, a dele encaveirou!) e imito o próprio: “Também paguei primeira fila, quero ficar no gargarejo!...”. Se não fujo me enfia

o gomeiro pela goela, mesmo as senhoras tendo dado boas risadas. Cena parecida, um domingo de manhã, bem cedo, Redação vazia, ela batendo à máquina sozinha, enquanto belisca um pacote de biscoitos Maizena. Entro correndo, sento do lado, pego uma bolachinha e, enquanto ela fica com aquele olhar de assustada (de novo!... a barba etc.). Aí faço a previsão do que acontece agora, neste exato momento: “Um dia vou contar pra todo mundo que nós tomamos café da manhã juntos!...”... Dessa não escapei de um tapa de raspão...



CRISTINA (a morena; a Guedes era a loira), repórter, que segundo o MAURI está vivendo num lugar chamado Klondike, no Norte do Canadá ou ao Sul do Alasca (ela mora é numa geleira, pô!)

Marco Antônio **DAMY** Castro, repórter, geral.

Maria **DAS DORES** Martins, repórter, copy, hoje conhecida por MADÔ MARTINS, escritora, poeta festejada, cronista, em A Tribuna.

DEGENAL dos Santos, boy, irmão do DOJIVAL.

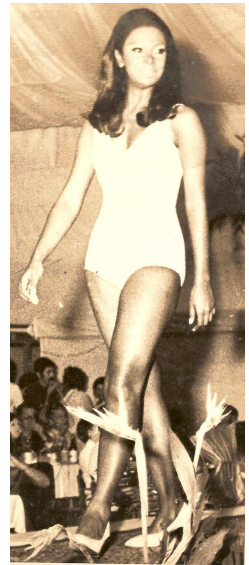
DEJAIR dos Santos, repórter, cobriu esportes, hoje na Universidade Santa Cecília. Amigão do Serginho, companheiros até algum tempo depois, nas *paradas* do Paquetá.

DELEGADO, motorista.

DEMIR Triunfo Moreira, repórter. **HILDA**: "Dizem que o melhor lugar para um foca aprender é o setor policial. E assim foi com ele. Um sábado à tarde começou um incêndio em um prédio da Ponta da Praia. Ele saiu com todas as recomendações possíveis. **BLANDY** ficou até mais tarde para ver as proporções do fato. Lá pelas tantas **ADEMIR** liga para a Redação e explica que o incêndio era em um prédio enorme, com mais de mil apartamentos! **BLANDY**, claro, estranhou e disse que não havia prédios em Santos de tal envergadura. **ADEMIR** teimou: tem sim! O fogo começou no apto. 1120!... Acho que foi a vez da orelha dele pegar fogo! Mais tarde ele deixou o jornalismo, foi eleito vereador em Guarujá (morava em Vicente de Carvalho) e escreveu três livros (segundo Ercília)."

LÍDIA ajuda e completa que o **DEMIR** hoje é procurador da Prefeitura de Santos.

DENISE Chagas Lima, copy, também candidata a Miss Santos (injustiça não ter levado!) e atriz de teatro amador, onde foi a encarnação de "A Paz" (e que Paz!...) na peça do mesmo nome, mais tarde repórter de O Globo em São Paulo. (Andei tentando encontra-la, até achei uma homônima, aí vem o SHEIK e diz que já achou umas 4 ou 5 homônimas!... A própria, nada!)



DIRCEU Fernandes Lopes, o "Galo" (na verdade, esse apelido era do irmão, que jogava na Portuguesa Santista), também identificado pelo funga-funga (atenção: não é cafunga!), professor universitário, foi da UNISANTOS, hoje na USP.

BONSEGNO - "*DIRCEU, ótimo jornalista, professor de jornalismo na USP e em Santos, trabalhou no 'Cidade' durante anos e era um sujeito muito brincalhão, gozador, hoje se dedica apenas ao magistério em São Paulo.*"

GAZETINHA - Além do "**Cidade**", era o correspondente do Globo em Santos. A Petrobrás estava construindo o terminal marítimo em São Sebastião e convidou a imprensa para visita às obras. Lá, o **DIRCEU** pegou uma carona com o Presidente da Petrobrás, no carro deste. No automóvel estava uma pasta com toda a história da obra: planejamento, quantidade especificada dos materiais, custos detalhados, empresas contratadas, número de pessoal empregado, enfim, todos os detalhes que ninguém conhecia. O "**Cidade**", num domingo, publicou matéria sobre o terminal, em duas páginas. Na segunda-feira um dos assessores da

Petrobrás apareceu na Redação procurando o DIRCEU, que não estava. Nem chegou a me pedir o material. Logo lhe entreguei a pasta...

DOJIVAL Vieira dos Santos, repórter, formou-se Advogado, tornou-se poeta, foi vereador em Cubatão, hoje edita a Agência Afroétnica de Notícias (conforme indica o saite www.truppedaterra.com.br, do LOUSADA, com o qual também colabora) e comanda uma ONG em defesa dos direitos dos negros e pinta como candidato a Prefeito naquela cidade.

DONA ENCRENCA, mulher de motorista -- qualquer um deles!

José **DOUGLAS** Pereira Pinto, repórter, também radialista, com passagem precursora pela TV Rodoviária. Está na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Santos.



EDGAR Falcão, repórter, cobriu Guarujá, foi chefe de reportagem. Trabalhava (ou trabalha) na Rádio Guarujá. /// Quando na chefia de reportagem volta e meia sofria provocações da turma: não gostava que sentassem nas mesas, a turma sentava; reclamava do barulho dos ventiladores, viviam prendendo tiras de papel na frente deles, o que aumentava o barulho. O GILSON era o campeão dessas provocações, segundo lembra a ERCÍLIA... A saída do EDGAR era ameaçar que contaria ao BLANDY.

EDISON Paes de Mello, editor de variedades, foi durante muito tempo do Jornal da Tarde, hoje é responsável pela "AEditor", parece que uma assessoria de comunicação. É casado com a atriz Irene Ravache.

ELIANA - EDISON, o nome dele é com **i**, não é **d** mudo não. Trata-se sim de uma empresa de comunicação e ele tem clientes da pesada como Cirque de Soleil. Aliás, quando ele se encantou com a Irene, eu e Rubens Ewald estávamos juntos, jantávamos todos acho que na Cantina Piolim. Ela entrou e ele disse: "*Ainda vou me casar com essa mulher!*" Rimos da cara dele e deu no que deu... Tenho uma história engraçada com ele. Há pouco mais de um ano reencontrei aqui em São Paulo o JOBSON, que queria porque queria ver o EDISON. Como eu tinha recebido do EDISON convites para ir ao teatro - estamos sempre em contato, somos amigos até hoje - levei o JOBSON e no final fomos ao encontro do EDISON. JOBSON me pedindo que não o identificasse. --"*EDISON, você lembra deste nosso amigo?*"... EDISON com cara de bunda: --"*Já sei, ele fazia Sociais no Cidade de Santos!*"... . JOBSON meio sem graça, nega... EDISON tenta mais uma: --"*Agora me lembro, fazia Polícia né?*"... JOBSON nega de novo, mais sem graça ainda, eu querendo me jogar escadaria abaixo... Na terceira tentativa fiz as apresentações diretas, identifiquei o JOBSON e o papo rolou legal. No dia seguinte, EDISON me liga, furioso: --"*Ô Pace, sua louca, nunca mais me faça uma coisa dessas! Quando acontecer, você me avisa antes e eu preparo minha memória, tá?*"... /// Pô, danou-se! Pra mim o JOBSON passou pela Polícia!... (Erre)

ÉDNA Franklin de Andrade Gimenez, diagramadora no início do jornal.

EDSON Miguel de Brito, repórter, cobriu Esporte, hoje na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Santos.

EDUARDO Velloso, repórter de polícia (pupilo do ROCHA, segundo a ERCÍLIA), que foi para A Tribuna e ainda deve andar por lá.

EFIGÊNIA Menna Barreto, a FIFA, repórter, casou, foi para a Bahia. Divertida, meia *louquinha* (no bom sentido!), logo nos primeiros dias a mãe telefonou querendo falar com ela, vocês sabem quem atendeu, pediu para esperar um pouco e gritou perto do telefone: "Fifa! Fifa! Desce logo daí e atende o telefone!"... Ficou 3 dias tentando explicar para a mãe que era brincadeira, para a mãe não ir ao jornal "descobrir" que negócio era aquele...



VERA SD atualiza: “*Fifinha está em São Paulo há tempos!! Abriu a EBC Comunicação, que ela vai tocando bravamente há mais de 10 anos! Está bem instalada na Avenida Paulista, em frente ao Conjunto Nacional.*”

A firma é o Escritório Brasileiro de Comunicação e o site dela, “conceituada jornalista brasileira” (a apresentação tem base no invejável currículo que apresenta – esqueceu o “Cidade”, FIFA!), é o www.ebccomunicacao.com.br. Pena, FIFA deve estar tristonha, a VERA SD informa que ela perdeu a mãe não faz muito tempo.

ENEIDA - Creio que todos temos boas lembranças da FIFA e seu jeito muito alegre de encarar situações. No dia do casamento, impossibilitada de utilizar charrete, como gostaria, a gloriosa rompeu o padrão, optando por partir da igreja - com o noivo, claro - em belíssima moto, para surpresa de muitos e satisfação de poucos, os amigos jornalistas. Afinal, aquela era a autêntica FIFA!



ELAINE Luna, telefonista, irmã do ERASMO. Presente no Inimigo Secreto: uma caixa de papelão enorme, imitando o PBX dela, com barbantes, encaixes de papelão, desenhinhos nos buraquinhos dos encaixes, etc. e tal. Os fios (barbantes) dos telefones do BLANDY tinham avisos: Cuidado, perigo!, Alta voltagem! etc. e tal.. Até ele gostou! Transformou-se em professora e lecionava em Cubatão.



ELAINE Sabóia, repórter, depois Estadão e atualmente na Santa Cecília. Usava uma bolsa preta enorme, cabia tudo, precursora da tecnologia dos contêineres: certa vez enfiaram nela (bolsa!) um vidro de tinta nanquim vazio e um bloco de anotações cheio, levou mais de 2 meses para descobrir!

HILDA - Não lembro se ELAINE já estava no “Cidade” quando eu entrei ou ela chegou logo depois. Ela já era casada, atributo de bem poucas repórteres na época. Séria e intelectual - mas bem divertida - ela fez um ótimo trabalho cultural na Redação: lembro que me incentivou a entrar no clube de cinema de São Vicente (ela morava lá) e juntas arrastamos o EDU. Kurosawa, Bergman, Godard e Resnai foram alguns nomes que aprendemos a gostar graças a ela. Depois, ELAINE criou o clube do livro do CS, que também foi um sucesso. Talvez o BENEDITO se conformasse (ver a história lá em cima) se soubesse que, tempos depois, ELAINE contasse um tanto sem jeito que fora fazer uma reportagem e na volta, sem encontrar o motorista à vista, entrou na viatura para esperar sentada. De repente, um homem foi até a janela do carro e perguntou o que ela estava fazendo ali: “--Estou esperando o motorista.” E ele: “--Eu sou o motorista.”... Ela: “--Então vamos voltar para o jornal. ” Fim do quadro: “-Minha senhora, esta é uma viatura do DETRAN!”... Algum maldoso disse que era um guincho do DETRAN, mas acho que é intriga da oposição. ///



(E eu pensando que a do tinteiro fosse antológica, bobinho...).

GAZETINHA - Se me pedissem para indicar jornalistas com boa redação, a ELAINE seria citada. A sua redação era perfeita, sem necessidade da Secretaria alterar o que havia escrito. Vocês podem brincar, mas, como repórter, a ELAINE era exemplo como profissional.

ELIANA Pace, uma das fundadoras da secretaria, depois de muito tempo na falecida Folha da Tarde, está hoje na Secretaria de Cultura do Estado, responsável por livros biográficos de artistas da Coleção Aplauso. Tem uma firma, a PACE – Consultoria em Comunicação, instalada na Alameda Lorena, na Capital. ///

Primeiro a contestação da ELIANA: “Que secretaria é essa que fundei eim?...”

Agora a ELIANA complementa o que está lá em cima, no ÁGGIO, sobre a turma que foi para São Paulo, e sobre ela mesma: “No meu caso (*ida para São Paulo*) comecei como copy na

Folha da Tarde e cheguei a Editora de Variedades. Fui então para agência de propaganda, a J. Walter Thompson, indicada pelo SCHIAVETTO e acabei fazendo mais uma Faculdade -- Relações Públicas. Hoje atuo nas duas áreas com minha consultoria - PACE - Consultoria em Comunicação e meu mais recente projeto é escrever biografias para a Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o que não deixa de ser uma volta às minhas origens. Já escrevi as biografias de Renato Consorte, Leilah Assumpção, Nívea Maria e Geórgia Gomide e estão sendo ultimadas as de Carlos Alberto Soffredini (*) -- em que colaborei com a Renata Soffredini -- a da TV Paulista, que deu origem à Rede Globo, e as das atrizes Vera Nunes e Elizabeth Savala. Em muitos desses trabalhos meu parceiro é Mauro Alencar, doutor em teledramaturgia pela USP e consultor da Rede Globo, com quem já tenho novos projetos em andamento.

(*) Só para acrescentar: o Soffredini foi meu colega na Companhia Docas de Santos e, duvido que alguém saiba disso, também em um grupo criado nas Docas: o Grupo dos Beletristas Portuários!... (Erre)

ELIZABETE, telefonista.

ELIZABETH Miller Melo, senhora da sociedade, colunista do início do jornal.

GAZETINHA - "A Sr. Elisabeth Miller Mello era parente ou muito amiga da família Caldeira e escrevia uma coluna 'Culinária' (hoje 'Gastronomia') durante algum tempo. Parou porque um dos copl, simplesmente, resolveu reescrever a receita não sei de quê. Aí, entornou o caldo."

ENEIDA Barreto, copie, repórter por um dia (segundo a memória da ERCÍLIA, muito mais segundo a própria: 4 ou 5...) quando o BLANDY quis botar a turma de castigo (?) -- os repórteres foram para o copy e o povo da copidescagem para a reportagem. Desastre total, segundo ainda a testemunha ocular ERCÍLIA: choros, bicos, emburrecimentos e quase que o jornal vai pro brejo... Na autobiografia dela, repórter de geral (o mesmo tempo em que a ERCÍLIA ficou na copidescagem), colunista temporária de "A Pessoa", redatora. Dedica-se hoje a trabalhos de *free* e à arte da pintura. E mais: "*Como todos, muitas lembranças a compartilhar*".



ERALDO José dos Santos, repórter, cobriu polícia, depois em A Tribuna, onde está até hoje. Casado com a NOEMI.



ERASMO Emídio de Luna, diagramador, outro da categoria *porraloca*.

Leite tipo "C"
passa a custar
Cr\$ 4,70 dia 25



ERCÍLIA Pouças Feitosa, repórter, a própria se auto define: uma santa! Jornalista Bom-Bril: fez variedades (Ah, isso fez!), esportes, educação, saúde, fixou-se na geral (ei, não pegou nem arquibancada?!), e passou pela polícia. No episódio de "repórter por um dia" (V. ENEIDA), bateu na copidescagem e lá ficou, na bronca, por um ano. Aí tem um negócio nebuloso do Ebrahim Ramadam, editor do

falecido Notícias Populares, ligar para o BLANDY para ameaçar que ia chamá-la para São Paulo, com o BLANDY negando vender o passe da distinta, que voltou no dia seguinte para a reportagem.

HILDA - ERCÍLIA já estagiava no jornal, quando eu cheguei - 6 de abril. Foi o começo de uma bela amizade. Dividimos viaturas e muita enchente pela Baixada Santista. Em um dia chuvoso a Kombi atolou na Esplanada dos Barreiros, em São Vicente. Eu usava um lindo tamanquinho de veludo vermelho, {*} quando o motorista nos disse que só sairíamos dali se empurrássemos o veículo. Lá fomos nós... Naquela tarde voltei para o jornal com um pé descalço... Um dos tamancos ficara para sempre na lama de São Vicente. Aí comprei galochas... Muita gente que riu, depois as pediu emprestadas.

{*} Agora é o Erre: pô, HILDA, quem disse que tamanquinho de veludo vermelho é lindo? Não tem como!...

Entra a ERCÍLIA (que já corrigiu, aí em cima, de ZN para SV): "Erre, você fala assim porque não viu o tamanquinho no pé de Hilda, bufante, esbravejante, carregando na mão o outro pèzinho remanescente, parecendo uma Cinderela, pegando carona com o motorista de um caminhão, sem portas, que nos levou até um depósito de material de construção, onde ficamos aguardando o desatolamento (não conseguido por nossas próprias forças). Aliás, éramos um quarteto (se não me engano, hein), Hildinha: Eu -- ERCÍLIA -- HILDA, TATEO e "seo" LIMA, motorista {que faleceu, quando ainda estávamos no "**Cidade**". Nossa sorte foi que a Kombi atolou na frente da casa de um bombeiro... Todas as minhas aventuras contarei depois, em capítulos, porque foi muita sacanagem para juntar tudo numa só..."



GAZETIN HÁ - A ERCÍLIA tem sempre tem uma história de bombeiro para contar...

ERNESTO Teixeira do Nascimento, cronista do início do jornal (não lembro qual era a coluna).



ERON Brun, chefe de redação, depois A Tribuna e professor universitário, atualmente em Mato Grosso.

HILDA - ERON me mandou para Itanhaém com duas pautas: uma sobre a descoberta de ouro no município e outra sobre a casa de Benedito Calixto que ia ser derrubada. Embarcamos na Kombi rumo à Pedra Cantante, onde deveria procurar o presidente da Câmara, segundo a chefia e a pauta que recebera. Fomos muito bem recebidos até que comecei a falar na descoberta de ouro... O cidadão só não gargalhou na minha cara e tive que contornar a situação da melhor forma. Pior é que tudo o que ele falava fazia muito sentido e deixava a pauta mais do que ridícula. Respirei fundo e parti para a segunda pauta. Por sorte escolhi a palavra certa - Gostaria de conversar com o senhor sobre o tombamento da casa de Benedito Calixto... -Ah! Isso é importante. Estamos sempre em contato com o IPHAN ... Confesso que gelei na hora e tive uma grande vontade de torcer o pescoço do pauteiro. Se eu tivesse perguntado se era verdade que iam derrubar a casa do Calixto, sairia de lá desmoralizada (e o jornal também). Acho que foi a primeira vez que voltei realmente furiosa para a Redação. Quando falava com ERON sobre o ocorrido, a pessoa que se preocupava com a "derrubada" da casa histórica e sugerira a pauta, ouviu e tentou se desculpar ...

BONSEGNO: "ERON, jornalista intelectual, educado, ponderado, passou pelo "**Cidade**" e chegou à chefia de reportagem; dali foi para A Tribuna, onde permaneceu durante anos e, concomitantemente, exercia o magistério na Faculdade de Comunicação da Unisantos.. Fez

concurso e foi aprovado para a Universidade Federal em Campo Grande, onde se aposentou e hoje dá aulas em Faculdades particulares e curte seu sítio nas imediações da Capital.”

ENEIDA - Também tenho boas lembranças do ERON, que assumiu a chefia de reportagem depois do ALCI, no meu breve tempo de reportagem. Ainda na Faculdade, repassava técnicas de redação, o que reforçou depois na prática, sempre com camaradagem. Lembro de uma pauta especial que me indicou, quase página inteira, primeiro crédito. Não deixou de ser incentivador para uma foca, num tempo em que o jornalista não era notícia”.

ERRE, flz a coluna de humor. Fazia no falecido O Diário quase uma página dominical com textos, humor, charges e caricaturas, “As Bolas da Semana”, assinada J.Lima (o notável editor de esportes e boníssima pessoa) e R.Fortes. O colunista de automobilismo SÉRGIO APARECIDO, então colega na Docas (depois meu amigão e afilhado de casamento) quando foi contratado, apresentou esse material ao FREDDI e ao ÁGGIO, que estavam montando o jornal e que me chamaram e contrataram para fazer só a parte de humor. Na conversa sobre o que a coluna iria publicar, fizeram a típica cara de “que bicho vai sair daí”, resultando na resposta de que de uma TOCA pode sair qualquer tipo de bicho – e o título foi aprovado. Como trabalhava na Companhia Docas e para evitar problemas administrativos por ser empresa subordinada ao governo federal, preferi pseudônimo (como Arapuã, Vão Gôgo e outros) adotando só o Erre, inicial do meu nome, justificando que jamais seria um humorista de nome, só de letra!... (Incrível! Depois de muito tempo apareceu, no Popular da Tarde, uma coluna assinada por “Erre Jota”, segundo soube feita pelo radialista Randal Juliano! Que cartaz, heim!) A coluna começou semanal, logo passou a sair 3 vezes por semana, depois virou diária e durou alguns anos, até acabar no episódio descrito lá na referência ao ALCI.(1971). Pouco depois a coluna passou para a Folha da Tarde, mas a *base operacional* continuou sendo a Redação do “**Cidade**”, com a convivência diária com a turma toda, por vários anos, como se continuasse sendo da casa. Pra mim foi xuxu-beleza (gíria da época, claro) !! /// Hoje a coluna está semanalmente em www.truppedaterra.com.br, do amigo ex-Cidade ZÉ LOUSADA,, www.portogente.com.br, do colega doqueiro Jama, e www.jornalperspectiva.com.br do amigo e ex-Cidade CEBOLA. Aos sábados na VTV um minuto e meio no quadro “Aqui Entre Nós”, do telejornal Radar Local, onde está diariamente o amigão ROCHA.

HILDA - Na chefia de reportagem os plantões de domingo terminavam por volta das 20 h, quando o telex enviava a última matéria de esportes ou de algum evento importante. Uma das últimas era A TOCA, que o Erre escrevia após as jogos de futebol. Um domingo ele levou um gravador (naquela época eram uns tijolões). Distraída com o trabalho nem tomei conhecimento do que acontecia até que prestei atenção à musica que estava sendo “assassinada” por um pianista. - “Erre, que horror, onde você achou uma fita tão ruim! Esse pianista devia estar estudando ainda!”... Bingo! Na mosca! - “É o meu filho estudando - respondeu o pai coruja, educadamente”. Até hoje não me perdôo pela falta de sensibilidade. Mas não aprendi a lição. Anos depois estava conversando com o gerente da empresa em que eu trabalhava e disparei: - “Rubens (*será que é algo contra os donos desse nome?*), porque você não compra um porta-lápis decente e joga essa lata horrorosa no lixo? -- “Foi minha filhinha quem fez!”

{Caramba, caracoles, HILDA, dessa eu nem lembrava!... Durante algum tempo usei um gravador para “anotar” as idéias que eventualmente ocorriam para a coluna, quando estava no trânsito. Um dos meus filhos que estudava piano *deu um chapéu* na mãe, só fingia que estudava. Quando a professora de piano deu a bronca, a mãe ficou incrédula, ele passava um tempão no piano, tocando direto todas as lições! Aí pegou meu gravador e deixou escondido. Descobriram que o sacaninha ficava dedilhando as teclas alucadamente, “compondo” suas próprias sinfonias – não tinha coisa nenhuma a ver com as lições! E, de fato, você nem percebeu: levou um tempão para sacar que o gravador estava a todo volume, enquanto eu adiantava a coluna escondido no Arquivo ou na Fotografia...}

ERCÍLIA: “Também tenho uma (de muitas do Erre). Numa bela manhã de janeiro de 1983 cheguei à Redação, ainda cedo, e liguei para o Erre, lá na Codesp. A secretária atendeu: “o senhor Erre está em uma reunião não dá para atender “ (*Pena que isto não tem áudio, para imitar a voz da moça*). Insisti: “Mas é um assunto muito importante, preciso falar com ele agora!!!! “ Erre veio atender e falei na lata: “Erre, vou ser mãe”. E, pela linha ainda ouvi: “Pessoal, me dá licença, é um assunto urgente”. Não demorou meia hora e chegou ele na

Redação, levando um alfinete de fraldas e uma fita adesiva. (Ambos foram úteis demais, amigão!!!!”). ///

{Se eu fosse rico, neguinha (ói eu aqui, também falando como a ZEZÉ!”), o alfinete seria um alfinetão de ouro (e a fita adesiva seria fita adesiva mesmo, que não tem jeito), porque você merece! Por isso você ganhou o primeiro prêmio: olhai o Jê!}

MALICE: “Quem não viu, perdeu... Final de tarde de sábado: dia morno, pouco serviço. Mas, sempre com um término alegre. Pela portinha da redação entram Erre e seus três moleques. Ele para fazer a coluna, eles para esvaziar os gomeiros e espalhar cola em 200 laudas, no mínimo”...

José **ESCANDON**, fotógrafo, irmão do seguinte, passou depois pelo Bradesco.

Luiz **ESCANDON**, também fotógrafo, irmão do anterior (adivinhem de que ramo a família Scandon teve, tem loja o Centro da cidade?).

Completa a **ERCÍLIA**: “Eles têm estúdio fotográfico também na Rua Euclides da Cunha, entre Paraíba e Rio Grande do Norte. O irmão Miguel também é ligado a uma ONG ou coisa parecida e batalha ajuda em defesa da água. (Esse irmão deles é um tremendo barato, maluco-beleza dos bons! Anda com chapéu em formato de peixe (!) para defender a água, usa roupas chamativas para a causa, camisetas bombásticas, o diabo, além de ser um papo muito legal. Pena que esse irmão não trabalhou com a gente...)

ESPAÑHÓIS do Alvorada, Os // **HILDA**: Para quem não conheceu, o jornal funcionava no prédio da rua do Comércio, 32, na esquina com a Rua XV de Novembro. No térreo ficavam a área comercial e a Distribuição dos jornais da Folha da Manhã. No 1º andar, a Redação cujo acesso era por uma escada tosca - saindo da garagem da Distribuição - ou pela escadaria do prédio. O elevador de portas pantográficas só servia a visitas e deficientes, por deferência dos porteiros - sempre de olho para não deixar os repórteres entrarem naquela caixa chacoalhante. Ao lado da Distribuição ficava o Restaurante “Alvorada”, propriedade de dois ilustres espanhóis, Joaquim e Pepe, que tiveram um papel importante no jornalismo local, fornecendo lanches, bebidas (principalmente), ouvindo muitas histórias e acompanhando novelas românticas ao vivo e em cores. Como em toda sociedade, havia o sério (Pepe) e o dom Juan (Joaquim). A cozinha do restaurante estava instalada no poço do prédio para onde abriam as janelas internas de todos os andares e por isso todo mundo sabia o que estava sendo preparado nos caldeirões do “Alvorada”. Um dia, para azar dos espanhóis, um cidadão que passava pela rua do Comércio (provavelmente proveniente do INSS, que funcionava mais adiante) caiu morto na porta do restaurante. Um gaiato correu para fotografar o corpo (devidamente coberto). No dia seguinte, na primeira página, Joaquim viu - muito bem enquadrados na cena - o cadáver e a placa com o cardápio do dia... Nem é preciso dizer que subiu furioso aquela escadaria, decidido a enganar alguém ... Grande figura.

EUNICE Bemfica, repórter, trabalhou na rádio Tribuna AM, antes de ir para o “**Cidade**”. Depois, atuou como assessora de imprensa e já faz alguns anos é inspetora de alunos em escola da rede municipal.. Está no Orkut.

EUNICE Tomé, repórter, atualmente professora na UNIMONTE (?), mantém coluna no saite do ZÉ LOUSADA, o Truppe da Terra.

FÁTIMA Francisco, repórter e copy, lembra a **LÍDIA**, teve passagem pela A Tribuna e depois decidiu dedicar-se apenas ao magistério universitário. Passou pela Unisanta e atualmente dá aulas de Jornalismo na Unimonte.

FEIJÃO (sem arroz, segundo a ENEIDA), boy, tratava as meninas com o maior cuidado, sempre sorridente, muito educado, lanchinhos quentinhos, etc. e tal. Parece que foi para a Codesp (tomara que não tenha desaprendido tudo).

Carlos Eduardo **FELICIANO**, repórter, foi copy, depois passou para a A Tribuna. Esteve na Europa com os filhos, morando e trabalhando, mas já está de volta a Santos.

GAZETINHA - Tenho encontrado o FELICIANO lá no Pão de Açúcar da Epitácio Pessoa. Por coincidência, neste sábado (23/6/07) conversei com ele e falei sobre o e-mail remetido com o pessoal do "**Cidade**". Pelo que me contou, andou pelos Estados Unidos e não mencionou Europa. Não sei que está fazendo agora.

Antonio **FERNANDO** Conceição Santos, ficou seis meses fazendo pesca, bananas e café. Depois, foi dedicar-se inteiramente ao ensino. Foi diretor da FACOS, criou e coordenou a Assessoria de Comunicação da UniSantos, tornou-se vice-Reitor Comunitário e hoje é presidente da Fundação D. David, além de Coordenador de Comunicação do Complexo Educacional São Leopoldo. (ERCÍLIA).

FERNANDO Antonio de Oliveira Queiroz, repórter, vicentino, hoje em Santa Catarina. Já passou pelo Diário de Pernambuco, de Recife.

FERNANDO G. Castro, boy, hoje Advogado.

José Roberto Marques **FIDALGO**, repórter, depois assessor de imprensa, por último trabalhando com a agora ex-deputada Telma de Souza.

Antônio Marques **FIDALGO**: "Comecei em fevereiro de 1975 no "**Cidade**"; um ano e meio depois ERON Brum convidou-me para um "teste" n' A Tribuna com o então temido Alcyr Correa, Chefe de Reportagem. Deixei claro que não tinha mais o quê mostrar senão o próprio trabalho que vinha sendo publicado no "**Cidade**", diariamente... Dois dias depois estava em A Tribuna, contratado e sem teste. Cobri Geral, depois Educação (por uns bons 10 anos) até surgir um concurso para a Assessoria da Cosipa; fui indicado e lá fui eu para Cubatão. Foram 9 meses, até que Robertinho Santini me chamou para assumir a chefia de um novo projeto no Jornalismo das rádios do grupo; com o desmanche do projeto, voltei a convite para o jornal como repórter, repórter especial, subchefe de Reportagem, pauteiro e finalmente editor Local, onde fiquei até o final de 1994. Daí foi a Assessoria da Unisanta, coordenação de pauta da TV Brasil e finalmente a Santa Cecília TV, desde o início (como Diretor de Jornalismo) e agora como Supervisor Geral do Sistema Santa Cecília de Comunicação (TV e FM). .



A história da HILDA - apesar do mico - é absolutamente verdadeira!"

HILDA - Ele sempre foi uma pessoa muito inteligente e agradável de conviver. Bem-humorado, tinha sempre uma história engraçada. Acho que a história da poesia começou em um evento em que alguém recitou "As Pombas", de Raimundo Correia. Ele sabia de cor e passou a recitá-la nas horas mais inusitadas, de forma que a vítima mais próxima não conseguia conter a risada.

Luiz Antônio Maria **FIGUEIREDO**, do grupo de preparadores do início do jornal.

FLÁVIO Sinésio Coelho Ribas, o GAZETINHA, repórter, chefe de reportagem, também Advogado, depois trabalhou para a UNIMED de São Paulo.

ERRE: Uma ocasião o BLANDY ganhou de presente um cachimbo inglês, daqueles especiais, e o GAZETINHA, que também era adepto de fumar cachimbo, deu de presente ao BLANDY uma cara lata de fumo importado, Half & Half. Parênteses: na minha gaveta havia, sempre, um desodorante, já que só chegava no fim do expediente, para trabalhar, e não queria magoar as delicadas narinas do pessoal com os odores de um doqueiro suado... Na época, sobrava na

gaveta um Brut spray comprado de oferta nas Lojas Americanas, fedido como gambá!... Fecha parêntesis, volta para o cachimbo, que o BLANDY vivia fumando e empestando a Redação, nem dando bola para quem não gostava. Retaliação: quando ele bobeava, lá iam alguns esguichos de Brut fedido na pipa do cachimbo!... Como resultado, fumar o cachimbo dava um gosto horrível na boca, o BLANDY começou a pegar o hábito de dar uma bafurada e cuspir de lado (será que já se livrou dele?) e, um dia, deu o maior esbregue no GAZETINHA, achando que lhe tinha dado fumo estragado! Devolveu a lata e quis que arranjasse outra de fumo bom!...

O desodorante andou causando outros chavecões. Volta e meia, quando alguém distraía por perto da mesa, lá iam discretos esguichos do Brut fedido nas roupas das pessoas: pernas de calças, barras de saias, casacos deixados nas mesas etc. e tal. De vez em quando algum namorado quebrava o pau porque a sua querida aparecia “cheirando igual a um homem” – frase que, aliás, era a propaganda do gambá-spray...

E teve o quase crime hediondo na noite em que o GAZETINHA estava sozinho na Redação, preparando as pautas para o dia seguinte. De repente chega um baiano tamanho guarda-roupa, mais pra lá do que pra cá, com uma folha de papel almaço toda amassada na mão. Pergunta a um cara que estava bem na entrada da Redação: “Eu vim pra fazer uma reportagem lá pro morro” (mostrando o papel almaço amassado). Aí o sacana tenta o assassinato: “Olha, amigo, a pessoa que pode resolver isso é aquele ali – aponta o GAZETINHA atarefado, datilografando as pautas, fumando cachimbo! --, mas é melhor o amigo voltar outro dia, com ele não vai dar”... O guarda-roupa encrespa: “*Pruquê* isso?”... E o pior: “É que ele não gosta de crioulo!”... O cara invadiu a Redação, foi pra cima do coitado do GAZETA com tudo, ele, para não ser impiedosamente massacrado, teve que atender o brutamontes meio alto, enquanto o tal sacana se mandava. Talvez tenha sido o maior susto da vida dele.

HILDA - GAZETINHA foi um ótimo chefe de reportagem. Bem-humorado e educado, sabia como ninguém pressionar sem ultrapassar os limites. Lembro dele percorrendo cada mesa da Redação, lá pelas 6 da tarde, com aquele relógio enorme da parede para nos lembrar que o tempo era curto. Evidente que nem sempre era bem recebido. Elegante, lépido, festeiro e ótimo contador de casos - principalmente as aventuras no Porto, junto com o Paco. Uma tarde eu estava indo embora, bem depois do meu horário, e me convenceu a ir fazer uma matéria sobre o afundamento de duas catraias (sem vítimas) na Bacia do Mercado. Como não há repórter que resista a uma desgraça, lá fui eu. O dono da “frota” esperava ansioso pela reportagem para denunciar alguma irregularidade que, se não provocara, ajudara no acidente. Então descobri que apenas uma catraia afundara ... Indignada por ter sido enganada, deixei escapar - “Só uma?” Imagine o que eu ouvi (merecidamente).

Houve aquela vez também em que ele foi comigo na entrevista com a Eliana Pittman. que ia se apresentar em um clube da Ponta da Praia. “Repórter com secretária?” - perguntou a cantora, ferina... E quantas vezes ele pegava carona para a casa dele (na Ponta da Praia) na viatura que ia para o lado contrário, deixando Zezé enlouquecida.

ERCÍLIA: “Mas não era o “santo” GAZETINHA que com mais alguém, não lembro quem, tinha a mania de soltar aquelas bombinhas ‘cabeça de nêgo’ debaixo das cadeiras da gente, na Redação?”...

GAZETINHA - Vamos por partes: 1º A história do camarada que entrou na Redação juro que não lembro; 2º Nessa história da Eliana Pittman, o fato ocorreu no Tênis Clube e não na Ponta da Praia. Faltou contar que a mãe dela jogou uma bolsa no TATEO, quando este ia fotografar a Eliana, que estava com os cabelos enrolados. Consegui desviar a bolsa. Depois que repórter e fotógrafo foram embora, fiquei conversando com a Eliana que me contou algumas histórias dela que, infelizmente, não podem ser publicadas, a não ser nessas revistas de fofocas.

Ainda o GAZETINHA, dando sua opinião sobre esta nossa montagem: “Erre, rapidamente escrevi o que achei devido, por enquanto. Tem muita coisa mais para ser contada. Peço a liberdade de sugerir outros setores. Um de recordações de reportagens que ficaram na memória de quem as escreveu, por qualquer motivo. O outro, de fatos que despontaram o jornal, como por exemplo: a briga do FREDDI com o Interventor Federal e seu chefe de gabinete, a bordo de um navio. A “autorização” do CALDEIRA para o apoio à campanha do Esmeraldo Tarquínio à Prefeitura de Santos.

Quanto a essa história do chuveiro, do cartão vermelho, não sou favorável. Poderia magoar alguém com algum fato que, nesta hora do campeonato, na iria resolver nada. Eu, por exemplo, poderia denunciar o colega que me colocou em rota de colisão e que durante algum tempo ficou enchendo a cabeça do BLANDY, até que ele me demitiu. Será que isso resolveria alguma coisa? Acho que o cidadão já está pagando, merecidamente, pelo que fez. É a dedução do que li ai em cima.

Quem desejasse poderia contar como foi parar no jornal. Para mim, foi uma brincadeira que partiu do DE PAULA, no tempo da sucursal da Folha. Ele achou que eu deveria participar da seleção. Deu no que deu. Eu nunca havia entrado numa Redação de jornal na minha vida, não fiz Faculdade de Comunicação. Somente, desde criança, gostava e continuo gostando de ler jornal. Estou à sua disposição.”

ERRE: Pronto, pessoal, eis aí as sugestões do GAZETINHA!... Manifestem-se!

FLÁVIO Roberto Alves, “Bonitinho”, “Bonitão”, “Engomadinho”, repórter, fazia polícia no “**Cidade**” e ao mesmo tempo cobria o Santos para o Jornal da Tarde, atualmente faz programas de turismo na TV e coluna no Jornal da Orla.

FRANCISCO, motorista.

FRATERO Vieira, chefiou nos primeiros tempos a implantação da filosofia da copidescagem, copy para os íntimos. Veio de São Paulo com uma equipe meio (ei, copy's, tá certo ou é *meia*? Acho que é meio mesmo!) metida a besta, para trabalhar com aquela horda de recém-formados, ou a caminho da formatura, todos querendo mudar o mundo -- para melhor, claro! --, acho que o maior feito do jornal: teve a coragem de lançar na rua uma juventude idealista, cheia de boa vontade e disposição, capacidade de improvisar, corajosa, iconoclasta -- e bonita, pô!... Os caras (a tal equipe paulistana) eram enjoados (não lembro os nomes, para sorte deles) e tinham um mau humor estranho, até para aquilo que não sabiam: chamavam dicionário de *pater asinorum!* E não sabiam muito: esse dicionário estava gastíssimo! ///

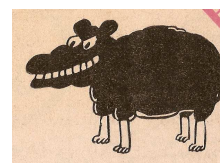
Depois dessa memória meio azeda (ei, ressalvo o HORLEY!), o VASCO trouxe mais lembranças (mais azedas para um lado, mais doce para o outro – leiam lá): já tínhamos o HORLEY, ele lembrou do BRASINHA, do ROCCO, do UBALDINO e do OLAVO. ///

GAZETINHA - Dele (FRATERO) lembro um fato muito triste. No dia em que tomou conhecimento que estava desligado da Secretaria, saiu da Redação na maior vaia de todos os que ali estavam.

GAZETINHA, V, em FLÁVIO Sinésio Coelho Ribas, aí em cima: são a mesma pessoa...

GEANDRÉ, cartunista, andou pelo mundo (se bem me lembro, expôs em Barcelona), editou a revista de humor “Ovelha Negra”, um de seus temas prediletos.

ENEIDA: Amigo do CHINEM, cara legal que gostava de contar causos e a gente gostava quando ele chegava na hora do cafezinho, pra poder conversar mais um pouco.



GERALDO Stevanato, diagramador do início do jornal, amigo da HILDA que o reencontrou há pouco tempo, em Sampa.

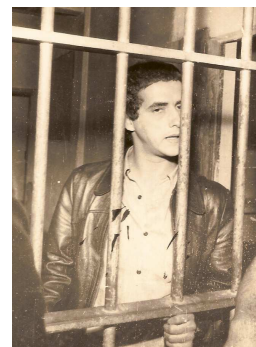
GERSON, Moreira Lima, repórter de esportes, colaborou no Jornal da Orla e no Travessia, hoje professor universitário.

GILSON Miguel, repórter, um dos meus malucos preferidos, páreo para o ZÉ LOUSADA! Incrível espírito aventureiro e completamente sem amor à vida: alguém lhe descolou uma passagem aérea baratinha, lá foi ele – Angola ou Moçambique? Um fim-de-mundo desses, em meio a uma pusta guerra civil, --, ele sozinho e a tripulação no avião (nem assim se mancou da fria!), teve que saltar do avião andando, que o bicho nem parou, um monte de gente se

jogou para dentro do avião, pendurou na asa, nas rodas, para fugir do morticínio, e ele chegando!... **Preso na hora**, acabou se safando graças a um cônsul desses que nunca estão e naquele dia estava, e no lugar certo! Fica a dica, para ele próprio contar como foi. De volta ao Brasil passou por Itápolis (é isso?), onde montou um jornal, entrou na oposição ao Prefeito, pegou pesado, quando o distinto ganhou a eleição percebeu que ia levar o maior pau, teve que se mandar às pressas,



rifou a rotativa (não dava para levar nas costas) e caiu no mundo. De volta a Santos publicou um tablóide, o "1.^a PÁGINA", todo feito no computador (2 salinhas na Praça da República!) e que teve 14 números. Aí descobriu que tinha levado um trambique do sujeito que lhe "vendeu" os computadores, e se ferrou, teve que parar. Entrou na política, foi candidato a Prefeito de Santos pelo Partido Verde, ganhando popularidade. Hoje está na Prefeitura de Cubatão, em uma Secretaria, depois de passar pela assessoria de comunicação.



ERCÍLIA: "GILSON Miguel realmente era uma figura. Fazia páreo duro com o LOUSADA, na Redação. Só dois casos sobre ele: Um dia fomos (viatura cheia) fazer matérias em Praia Grande. Em plena orla da praia, no comecinho da Cidade Ocian, cheia de prédios, deu vontade em GILSON de fazer pipi. Ele não teve dúvidas, pediu para parar o carro, desceu, pôs a documentação prá fora e descarregou a bexiga....encostado na viatura, mas voltado para os prédios (plenas 4 da tarde, com o sol a pino)! (*) Em outra ocasião, saímos no "trenzinho" de sábado, para fazer matérias. Creio que estávamos, eu, DOGIVAL e GILSON. Na pauta: **o homem que dormia com uma jibóia debaixo da cama!...** Vieram nos atender o tal homem e sua mulher (de barba, cavanhaque, gorda, parecendo que um bonde a atropelara). O homem começou a falar com o repórter e GILSON de lado, atento. De repente, o sujeito passa a contar suas proezas e GILSON a retrucar, entre dentes, meio de lado, só prá mim e pro fotógrafo.

Entrevistado (segurando a baita bicha): "--Ela é mansinha, até durmo com ela debaixo da minha cama...". E o GILSON: "--Grande coisa, prá quem dorme com uma jararaca.." .E foi por aí a fora... Até hoje o homem tenta entender o que ele resmungava tanto. E nós, com cara de paisagem, ouvindo e tendo que segurar a risada...

(*) A pino, só o sol.

GISELDA Carbone Braz, repórter, um doce de pessoa, tranqüila, um pouco calada, absolutamente discreta. Está em A Tribuna, editora de mundo. // Um dia, 1981, ainda regime militar, vai cobrir a festa do Dia de Tiradentes, no 6.^o BPMI, com homenagens a diversas autoridades, pessoas gradas e jornalistas – incluindo ITAMAR --. Na Redação prepara a matéria, quando acha no relise com o nome dos homenageados, a patente do comandante da AD/2 do Exército, "**Gen.^{al} B.^{da}**", grafada assim mesmo, como mandam as regras ortográficas. Não entendeu (não tinha obrigação, né?, não passou um ano no serviço militar obrigatório, como nós, homens), perguntou se alguém sabia o que queria dizer, houve um zum-zum-zum entre dois ou três que também não sabiam, e aí um filho da p*\$#@* chutou: "General da Banda!". Ela nem desconfiou, talvez porque tinha lógica, né, tinha tido uma baita banda tocando na solenidade (vai ver nem estava ligada, certamente já apaixonada pelo Sérgio - amigão da turma do jornal – com quem veio a casar e ter filhos), tacou o General da Banda na matéria e, surpreendentemente, passou no copy! (Com o ITAMAR na jogada tinha que dar merda, né?). Podia ter dado o maior *melê*! Antes das 6 da manhã já acordaram o BLANDY, contaram que o general mandou dizer que general da banda era a... vocês sabem quem (coitada da mãe do Black-Out, cantor popular da época, que tinha gravado o samba de carnaval General da Banda!). Não acreditei muito nessa versão, porque acho que vi esse General na Redação, e para sorte da GISELDA, do BLANDY, e de todo mundo, o General que eu vi era um tremendo boa praça, carioca, gozador, e nada chegado a truculências. Evoé! /// Só para registrar que mancadas assim não foram exclusividade do "**Cidade**" (*), também na área militar – pior, com muito mais peito (??) (será que lá também foi mulher? ? peituda? ?), com muito mais risco porque muito antes [só que antes também do AI5], pois foi com o Exército! --, a A Tribuna deu a manchete "Novo Escândalo no 2.^o BC", quando a notícia era "Novo Comando no 2.^o BC"...

(*) Vai ver, quando a GISELDA foi para a A Tribuna o General da Banda serviu de carta de apresentação: o Escândalo no 2.º BC deve ter aprovado e recebido de braços abertos, “--Essa é das nossas!”...

GISELDA Tozzi, do grupo de preparadores – copy – em Santos, no início do jornal.

ELIANA - Foi para São Paulo trabalhar no Notícias Populares, casou com o Luiz Gotzfriz e desde então mora em Ubatuba, onde tem uma fábrica de camisetas e uma loja. Uma das filhas tinha até pouco tempo a Pizzaria do Porto, no Centro de Santos, que fechou não sei porque, era divina... Não quis saber de jornalismo não.

Antônio Gonçalves Filho, o **GLÃS**, repórter, que a HILDA redescobriu no Estadão.



GLORINHA, Glória Zélia Gontijo Peres, repórter. Conta a **ELIANA**: foi trabalhar em publicidade em São Paulo – junto com a **CÁTIA**, **ROSAMAR** e **SONINHA**, -- na Salles InterAmericana de Publicidade, do lendário Mauro Salles, fazendo assessoria de imprensa e revistas para empresas.

Competentíssima profissional, trabalhou por anos na Alcoa, em Poços de Caldas, até se aposentar. Está de volta a Santos, acaba de fazer um mestrado de comunicação, me parece.

ENEIDA - "Há mais de 10 anos na cidade, **GLORINHA** e eu já recordamos e rimos muito dessa curtição toda, já que guarda também muitas histórias do baú. Algumas indescritíveis! Sempre dinâmica - desde os tempos na presidência do Centro Acadêmico Jackson de Figueiredo - continua curtindo velha paixão: o Santos Futebol Clube".

GUARACY, repórter, cobriu esportes.

José **GUIDO** Fré, repórter dos primeiros tempos

HAMILTON Iozzi, repórter, ,tranquílão, foi pra a A Tribuna onde está até hoje, na Secretaria de Redação, confirma a **LÍDIA**.

HAROLDO, porteiro, primeiro lugar em ações inéditas: barrou o Governador Laudo Natel e comitiva! Como todo porteiro, vivia abandonando o posto, com o **BLANDY** pegando no pé dele. E se dava mal: um dia tocou o telefone, era o **BLANDY** dando a bronca (novidade?) por ter abandonado a Portaria, ele negou, negou, aí ouviu: “se não abandonou o posto, então vai ver como está a tua orelha!”. Viu no espelho do banheiro a prova de que tinha saído da portaria: a orelha cheia de graxa preta, de sapatos, que o chefe tinha passado no telefone, enquanto ele tinha dado uma das suas costumeiras fugidinhas...



HÉLDER Marques de Souza Coelho, repórter, cobriu desde esportes a política, hoje assessor de imprensa da vereadora Suely Morgado. No currículo, texto publicado no tablóide O JACARÉ, editado pelo Bebê Diabo, e onde também escreveu o **MAURI**, classificando os políticos da região com total liberdade...

Lembra a **ERCÍLIA** que um dia **HÉLDER** foi fazer a cobertura da passagem de comando na Base Aérea, mas nem chegou a pôr os pés em terra: estava de chinelo havaiana e nem o deixaram descer da lancha! Teve que voltar

para pôr traje adequado...

(Ô **HÉLDER**, ainda bem que trocou o visual: estavas um autêntico Mazaropi!)



HELOÍSA Coimbra, a HELÔ, repórter, esperta, foi casada com o CEBOLA, hoje dá aulas de inglês. Teve um ano em que fui a vítima dela no Natal, na brincadeira do Inimigo Secreto: ganhei um enorme rolo de papel não-higiênico! Eram as tiras d'A Toca recortadas e cuidadosamente coladas e enroladas no padrão Tico-Tico (lembram disso?)... Guardo até hoje, para alguma emergência, né?

HÉRCULES Amorim de Góes, professor, pesquisador e cantador no Nordeste, antigamente diziam-no maníaco por pés femininos (já 'te ensinaram o resto, Hércules?).

José Carlos Gomes **HERÉDIA**, começou como estagiário e logo contratado, seu primeiro emprego como jornalista, ficou quase 2 anos, começou cobrindo Geral, depois passou por outros setores. Hoje está na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Santos.

HILDA Pereira Prado de Araújo, repórter – antes de mais nada, deixa registrar que está na carreira de escritora: com o SHEIK de parceiro, lançou recentemente o livro “SANTOS – UMA HISTÓRIA DE PIONEIROS, PIRATAS, REVOLTAS, EPIDEMIAS, CARNAVAL E FUTEBOL”, pela Realejo, Livros e Edições -- amigona da ERCÍLIA, vejam a gozação: *“Ierdinha, Ierdinha, a preferida dos presidentes das Sociedades de Melhoramentos dos Bairros. Cena: um dia, andando na rua, tropeçou em um manequim que estava na calçada, voltou (como vovó ensinou que deve ser uma moça bem educada) e pediu desculpas!... Só depois que o boneco não respondeu é que descobriu do que se tratava... “*

Prova de que não aprendeu tudo que a vovó ensinou: um dia, vinha o Erre subindo a 15 de Novembro, de carro, bem devagar, procurando vaga. Vai na calçada a HILDA, em direção ao jornal, apressada. Na quadra da Riachuelo até a Frei Gaspar, o carro se posiciona bem atrás dela, de forma que não pudesse ver o distinto cavalheiro ao volante, que começa uma série de fiu-fius, psius, e mais aquele barulhinho nojento de chupada de dente que os bocós faziam para as boas, a cada um deles a HILDA se enfurecendo, ficando nervosa e apressando o passo, até que, bem próximo da Frei Gaspar, sai a cantada de mecânico do cais, em voz alta: “Ô GOSTOSA!".. Foi demais, ela solta na hora, o maior berro: ‘Vai pra p*#@* que te pariu!!’, aí o carro arranca, vira a esquina e ele fica no meio da rua, gelada, com todo mundo olhando (sendo todo mundo aquele bando de papagaios da 15 x Frei Gaspar... Sem ver quem foi...

De novo, um lance rápido: o mesmo Erre vai cruzando a Praça Mauá, onde tinha aquele ponto de táxis defronte à Musical, vem a HILDA toda afobada (vindo do jornal, para fazer alguma matéria) para pegar um táxi. Ela abre a porta e entra, pela calçada, o Erre (eu) abre a porta pelo outro lado, da rua, e entra junto, rapidamente. Ela leva um pusta susto, dá um berro que assusta o motorista, e pula para o meio da calçada, quase entrando na Musical... Ô nervoso!...

HILDA - Querido Erre, a história do táxi aconteceu exatamente daquela forma como você conta. Mas a outra, com certeza, não foi comigo, pois até hoje não falo palavrões para pessoas, apesar de todos os esforços, anos a fio, de PACO e ITAMAR (ótimos professores nessa matéria). Sou capaz de dizer alguns em determinadas situações - se eu tropeçar, levar um tombo. É o que chamam de praguejar. Aliás, diminuí muito a cota graças a um fora na casa de ENEIDA. Não sei se foi chá de cozinha ou de bebê, o certo é que a VERA SD me contava algo sobre a viagem de lua de mel e eu soltei um **pqp**, atraindo o olhar horrorizado



de uma senhora. A partir daquele dia voltei a respeitar as regras de casa. Mas esse palavrão aí eu não consigo dizer mesmo! Acho que foi outra pessoa...

{Tá, neguinha, tá.. Vou fingir que isso não aconteceu ANTES daquele chá na casa da ENEIDA... Agora, aqui entre nós: me conta a tal história da lua de mel da VERA SD que valeu um **pqp**, aposto que vale mais!! Conta, vá!...}

BARRADA NO BAILE - Por falar em Carnaval (falar em ISALTINO é falar em Carnaval) (No original este texto está logo depois do ISALTINO.) ...O jornal estava preparando um caderno especial sobre Carnaval. ZEZÉ devia estar de férias e eu estava trabalhando à noite. Missão: fazer uma matéria com o pessoal do AGORA VAI. Nos seus bons tempos, era um "bloco de sujos" que saía um sábado antes do Carnaval, usando temas políticos com muito deboche. Sem sede, o bloco ensaiava em um sobrado na Vila Matias - creio que era a sede das Tricanas de Coimbra. Fui com Zé ESCANDON, na viatura EMANUEL LEON, que ia para

algum evento mais elegante. Na porta, fui barrada por seguranças. Expliquei que era jornalista e tinha entrevista marcada com o presidente da entidade, mas o cidadão era teimoso. ESCANDON interferiu e nada. Veio EMANUEL LEON, conversou com o segurança e subiu. Quando voltou, minutos depois, tinha a autorização para eu entrar. Quando subi as escadarias esta estava uma fera. Nunca fora barrada em lugar nenhum. E num bloco! No AGORA VAI? As escadarias terminavam no canto de um



imenso salão onde fui recepcionada pela maior vaia que alguém poderia ter esperado na vida (especialmente se não é artista). Do outro lado, um senhor gordo pediu calma e explicou aos foliões agitados: "-Ela é jornalista e nossa convidada". A calma voltou ao recinto. Motivo da vaia? O AGORA VAI se transformara em um bloco de travestis e, naturalmente, mulheres não eram bem vindas.... **TEM GALINHA NO BONDE!** - Um sábado à noite fui cobrir uma assembléia dos trabalhadores na indústria de extração de pedras. O sindicato funcionava em um prédio da avenida São Francisco - do lado do morro entre a Rodoviária e o Presídio, então com lotação completa. Havia do outro lado alguns hotéis nada familiares e era sempre possível ver circulando pela área algumas prostitutas. A assembléia já tinha começado quando cheguei. A platéia repleta de trabalhadores simples, gente sofrida e mal remunerada. Quando o operário que presidia a reunião me viu, não hesitou: "Você, saia já daqui que este lugar é de trabalho!"... E eu... '- Eu sou repórter do JORNAL CIDADE DE SANTOS. Vim cobrir a assembléia. Não sei se era o secretário ou o presidente do sindicato, mas ele pediu mil desculpas... ISALTINO devia estar de folga ou em algum ensaio de escola de samba....

CAMINHO DO IMPERADOR - Todos que trabalharam no CIDADE devem lembrar de uma figura chamada Ernesto Zwager, o primeiro ecologista que conheci (acho que todos nós). Quando a indústria da construção civil quis tomar conta da Juréia e os militares planejavam construir usinas nucleares naquele paraíso, Ernesto promoveu uma caminhada cívica de Peruíbe a Iguape em protesto! Se alguém acha que isso era loucura, ficará surpreendido ao saber quantos loucos ele arrebanhou nessa empreitada, marcada para um sábado que amanheceu encoberto (felizmente). Acho que havia mais jornalistas do que árvores. Muita gente de São Paulo e de toda a Baixada. Até a Globo apareceu. Assim, de repente, sou capaz de citar Mauri, Renato Alonso e a Ana (noiva e hoje esposa dele), Osvaldinho, Fernando Queiros, Zé Lousada (que fez fotos lindas) e o Goulart, fotógrafo do CS. Oberdan Faconti (Diários Associados) só acompanhou os primeiros 100 m, deixando a

tarifa para o Salvador "Dali" (dos Diários), que acabou perdendo um sapato no caminho. Saímos de Peruíbe junto com o sol e, depois de andarmos a pé e de canoa, de subir e de descer morro, chegamos a Iguape ao pôr-do-sol. Foi uma aventura e tanto. Matéria não faltou. Muitos anos depois participei de outra caminhada - menos longa, mas bastante concorrida. Desta vez não me lembro quem era o fotógrafo do CS que me acompanhou. Pela Tribuna estava o Luigi.

ELAINE e PERITO - Eu fiz uma coluna de Bairros durante muitos anos e mais tarde herdei de alguém A PESSOA - que saía aos domingos. Na primeira, eu tinha total liberdade para escolher o bairro onde levantava problemas, ouvia a população e cobrava do poder público uma resposta (estado, município e mesmo governo federal). Foi assim que conheci todas as favelas e a periferia de Santos, São Vicente e Cubatão (é, a coluna acabou "intermunicipal"). As queixas não mudavam muito: ruas esburacadas, esgoto a céu aberto, ratazanas, falta de iluminação etc. e tal. Se os fotógrafos odiavam sair com esta pauta, os motoristas reclamavam bastante, especialmente em dias chuvosos. O interessante é que esse trabalho tinha um grande apelo popular - havia uma senhora que morava no Caldeirão do Diabo (uma área sem urbanização nas imediações da Carvalho de Mendonça), que mobilizava as moradoras para fazer reivindicações na redação. Conhecia todos os presidentes de sociedades de amigos e moradores de bairros. Por tudo isso PERITO passou a me chamar de Dona Ratazana. Muito meigo! ELAINE Sabóia - que nas poucas horas vagas adorava aprontar - lançou em *petit comité* minha candidatura a vereadora e fez umas cédulas (naquele tempo tinha isso) (*) em que eu aparecia como Hilda Chaves Amarante (sobrenome do coronel secretária de Serviços Públicos do Interventor Bandeira Brasil). Na época, fiquei muito zangada com ela, o que não me impediu de guardar uma dessas relíquias.

(*) *Ô Hildinha, você quis dizer cédulas ou "santinhos"?*

NOTÍCIAS VOADORAS - Um dia voltávamos do Jardim São Manuel pela Anchieta (a marginal ainda não estava toda aberta): eu, sentada no banco de trás do fusca, e o fotógrafo com o motorista. Coloquei a bolsa e as anotações do meu lado e estava conversando, quando o motorista abriu a janela provocando uma ventania. Foi tudo rápido e inesperado: várias laudas saíram voando - ainda consegui catar algumas fujonas. Pior foi o motorista desolado querer parar a viatura para tentar pegar as anotações na Anchieta! Posso ser distraída para as coisas da vida - cumprimentar manequim, andar com sapatos de cores diferentes, mas felizmente, tenho uma ótima memória e, quando termino de fazer entrevistas ou de levantar material, já sei mais ou menos o que vou escrever.



FOCAS - Naquela época, foca sofria. E por causa do meu temperamento fechado, sempre atraía a atenção dos experientes. Uma noite o chefe de reportagem (Mário SKREBYS?) {ERCÍLIA: Hildinha, foi o próprio BLANDY!} chamou ERCÍLIA e eu para irmos ao consultório do Dr. Agostinho Ferramenta para ouvir uma denúncia que ela ia fazer com exclusividade para o jornal. O negócio devia ser quente porque uma funcionaria como testemunha do depoimento. Lembrem-se que eram os tempos de ditadura militar. O consultório era na D. Pedro II, creio. Deviam ser 19 horas e o comércio já fechava. Agitadas com a missão, fomos bater à porta do consultório. Em vão, porque ninguém respondeu. Tentamos várias vezes e nada. Concluímos, como boas focas, que aquilo era um trote. Caímos na risada e voltamos para o jornal, onde - depois de uma belíssima bronca -

fomos novamente despachadas para os braços de Ferramenta... Aquela noite não fomos à Faculdade.

ROUPA SUJA - As viaturas amarelinhas da Folha (orgulho do seu Frias) tinham dupla finalidade: distribuição de jornais de madrugada e transporte de repórteres no horário (digamos) comercial. O problema é que não havia tempo para faxina e o pessoal da reportagem entrava assim que os encalhes eram retirados. Evidente, havia muitas reclamações para as chefias, mas infelizmente não havia tempo para limpeza. Uma tarde o *GAZETINHA* mandou cobrir uma cerimônia na Base Aérea de Guarujá onde estariam autoridades civis e militares de toda a Baixada. A viatura era a F-100, onde motorista, fotógrafo e repórter dividiam o único banco. Assisti à solenidade e entrevistei várias pessoas durante o coquetel. Quando já estava entrando na caminhonete descobri que as minhas calças estavam pretas com a tinta dos jornais transportados pela manhã. Fiquei arrasada imaginando o que não haviam dito pelas minhas costas no evento. Mas ainda bem que eu só vi na volta. Claro que fui reclamar com o *GAZETINHA*...

PASEP - Alguém me mandou cobrir uma festa do dia da Marinha ou da batalha naval do Riachuelo, não lembro. Belas imagens da Banda dos Fuzileiros Navais, mas nada de relevante para escrever (a história do evento já estava na edição do dia). Entretanto, vi algo diferente: a mascote dos militares era um cãozinho simpático que atraiu não só a minha atenção, mas a do público. Além do mais o bicho chamava-se *PASEP* - o que o incluía no rol dos funcionários públicos, já que comia, dormia e viajava por conta da Viúva. *LEOMIL*, tão mal humorado quanto a *HILDA*, era o copy do Porto e do Sindicalismo. Fez um carnaval contra a inclusão do cachorro na matéria. Em resposta, ganhou o Bico nº 1. Ele e *SHEIK*, quando queriam me atormentar, começavam a falar do *PASEP*: "--Vai ver o *PASEP*? Encontrou outro *PASEP*?" A história continuou até o dia em que percebi que eles queriam me ver bicuda.

MENUDOS - Rick Martin era adolescente (faz tempo, não?) e os Menudos faziam um sucesso estrondoso mundo afora. Quando fizeram uma excursão ao Brasil, incluíram Santos no roteiro. *SAMPAIO* era fã do grupo e editor do jornal. Combinação letal. Principalmente para mim, escalada para fazer as matérias sobre preparativos e sobre o show no estádio do Santos. *SAMPAIO*, naturalmente, como grande fã e editor, se escalou para cobrir os bastidores. Eu fiquei com o "clima" - ou seja, junto do povo, vendo tudo que pudesse interessar ao público leitor. O problema é que choveu durante todo o dia e o campo virou um mar de lama, com toda a multidão que foi colocada ali para ver e ouvir de perto aquela molecada! Adivinhem? Lá se foi outro par de calçados. Acho que dessa vez foram tênis, mas não lembro... Só sei que ficaram imprestáveis. (*HILDA*) /// Pô, *HILDA*, Hildinha, de novo?! Agora é tarde demais para pedir reparação de perdas e danos!...

MANEQUIM - A história do manequim ficou famosa. Quando *SHEIK* soube, me apresentava para todo mundo como aquela pessoa que cumprimentou o manequim até que o meu Bico nº 1 o fez parar com a gracinha. A história foi a seguinte: na hora do almoço fui à *SEARS* (lembra?) comprar alguma coisa para minhas primas. A loja estava cheia e fui empurrada. A minha roupa se prendeu na de alguém e, educadamente, pedi desculpas. Mas como percebi que ela não respondeu nem se mexeu, me virei para ver quem era o mal criado, dando de cara com um sujeito impassível - o simpático manequim. Meu pecado foi contar a história, que divertiu meio mundo, correu a cidade e me seguiu até São Paulo. Até hoje, quando entro em lojas, olho muito bem em torno para evitar constrangimento para algum manequim distraído.

PROF. BESNARD - Não foi só o *SHEIK* que teve experiências inesquecíveis no navio da USP, o Prof. Bernard. Eu cobria Porto e descobri que podia fazer uma matéria diferente: o Instituto Oceanográfico ia selecionar pesquisadores a bordo do Besnard. O navio ancorou em frente à Alfândega no meio do canal. Expliquei para o comandante Waldir que eu

gostaria de acompanhar o trabalho mas teria que voltar à terra às 13 horas. Gentil, ele garantiu o transporte. No final da manhã, após a primeira parte do teste, fomos convidados para o almoço (muito bom por sinal). Quando faltavam cinco para uma, no melhor estilo cachorro magro, eu anunciei que era hora de partir. Segui um marujo até o convés superior e fiquei observando quando ele começou a puxar um negócio pelo chão, levantou e jogou ao mar por cima da amurada. No mar, a bóia salva-vidas se inflou automaticamente e eu empalideci instantaneamente. - O que é isso? - perguntei. - O bote para irmos a terra - respondeu ele candidamente. - O quê????????? Eu não havia pensado em nenhum momento na forma como me levariam para o cais, não esperava o Queen Mary, mas jamais um bote de borracha. O marinheiro continuava na faina: agora pegava um motor que iria acoplar à bóia. Não faço idéia da forma como o motor desceu porque estava simplesmente aterrada com as alternativas em consequência da queda no mar, já que a minha única especialidade é o estilo prego: morte por afogamento ou, se fosse salva, certamente a morte lenta em consequência da poluição daquela água imunda. Mas ficar a bordo até às 17 horas, significava enfrentar o BLANDY e o desemprego. Assim, me vi escalando o costado do navio em uma escada de corda enquanto o bote saltitava ao sabor das ondas e **Popeye** me estendia a mão e mandava que eu pisasse no bote. Não me perguntem, mas consegui descer. Pensam que acabou? O mocinho levou o bote para o cais da Base Aérea, onde me jogou desejando uma boa tarde. Imaginem a cara da sentinela quando viu uma mulher aparecendo das águas sem ser esperada: expliquei que era jornalista, precisava ir para Santos blábláblá ... Ele deve ter acordado a base toda, mas logo apareceu uma lancha que me transportou para a Alfândega. Não sei como, mas a matéria ficou bem legal. Anos depois, trabalhando na USP, contei o caso para o professor e para o próprio Waldir - que morreram de rir. (Em tempo: acho que o Waldo e o Alberto Marques (hoje A Tribuna) do Estadão estavam nessa "barca".) (HILDA).



BANHO DE MAR EM SÃO VICENTE - Quase ninguém lembra, mas o Prefeito Jorge Bierrembach, de São Vicente, preocupado com o nível de poluição das águas da praia de São Vicente, proibiu o banho de mar, causando uma polêmica nacional, encabeçada especialmente por comerciantes preocupados com a queda dos lucros gerados pelo turismo. Lembro de ter entrevistado uma mulher, que desrespeitou a interdição e foi tomar sol à beira do mar. Quando perguntei se ela não temia o risco de se contaminar com as águas sujas, ela disse que não havia perigo, "estava molhando apenas os pés" ... Essa proibição rendeu muitas manchetes e chegou a ser tema de uma novela. (HILDA).

(Na foto, posando com o uniforme da Operação Rondon, só como modelo para a matéria. Ela nunca participou da Operação.)

OS APORRINHADORES - Foi o Nilton TUNA quem me falou na Faculdade do estágio no "Cidade" Assim, fui à Redação onde procurei o Sr. DE PAULA, que me ouviu muito sério e me mandou voltar na segunda à tarde para começar. Agradei e quando ia embora ele acrescentou rápido: traga lápis e borracha. Senti a gozação e fingi que não era comigo. DE PAULA, ALCIR e SAMPAIO empenharam-se desde o dia 6 de abril de 1970 numa cruzada para transformar aquela HILDA em uma pessoa melhor. Todos os dias eles aprontavam alguma coisa: escondiam a minha bolsa, mandavam bilhetes misteriosos e guardavam coisas da redação na bolsa. Nos meus guardados, uma página seca de papel rascunho, amarelada pelo tempo. Em letra de forma o aviso: "tem uma moça neste jornal com cleptomania. Uma pista para achar sua bolsa ela trabalha na Secretaria". E logo abaixo o desenho do "moita". Um dia ao chegar em casa descobri na bolsa um gramepeador, que fui correndo devolver na



manhã seguinte para grande divertimento de todos. Outra vez abri a bolsa na catraca do ônibus e havia milhões de pedacinhos de laudas para surpresa minha e do cobrador que ajudou a pegar alguns papéis para minha grande consternação. Outro bilhete que guardo com muito carinho ainda no envelope endereçado à "Ex.^{ma} Srta. Hilda Prado de Araújo, DD Editora da Seção NECROLOGIA. Diz a missiva: Srta. Hilda. Sugerimos não exagerar em suas pesquisas sobre a morte, caixões, túmulos e cemitérios. Há coisas que a opinião pública não deve saber. Isto não é só uma advertência, como uma ameaça. Sua colega ERCÍLIA já foi avisada. Cuidado... Sindicato da Morte (congrega cemitérios, fábricas de caixões e agências funerárias)." Não lembro mais o que gerou esta "ameaça". Talvez matérias de finados. Depois, passaram para uma tática mais radical. Quando eu estava chegando, alguém dava o alerta na Redação e SAMPAIO ou ITAMAR se escondiam atrás da porta junto da escada da Distribuição, onde ficava o relógio do ponto, para me pregar um susto. Não sei quanto tempo isso durou, mas felizmente eles venceram e eu me tornei uma pessoa mais sociável. Continuo ranzinza e o bico -- ainda faço bico --, mas sem dúvida mudei. DE PAULA se tornou um grande amigo e essa amizade se consolidou através do casamento dele com SÔNIA REGINA, outra amiga maravilhosa que fiz no CS. (HILDA).

GAZETINHA - Apesar de tudo o que já escreveram não posso deixar de falar sobre a HILDA. Uma pessoa maravilhosa, excelente jornalista, que aceitava qualquer encargo que lhe fosse solicitado; eterna repórter de Carnaval, trabalhando toda a madrugada e indo direto para o jornal, de manhã cedo, escrever a matéria. Acredito que tenha iniciado um setor jornalístico desconhecido dos santistas: os problemas dos bairros de Santos e, depois, de outros locais da Baixada. Para mim, nesse assunto, era insuperável pelas fontes de informação que possuía.

ENEIDA - "Difícil é quem não se lembre de uma história da HILDA, que leva o Troféu Memória, seguida da ERCÍLIA/CIÇA, concordam? E quem não reforce sua competência, amizade, o imenso conhecimento adquirido sem ostentação. Apesar do alerta do Millôr, ela recebe também com ZEZÉ o título Unanimidade... do Bem! Amiga ad-eternun. HILDA na Folha da Tarde, eu no CIDADE, e nós duas numa correspondência via malote. Parecia aqueles tempos do Canadá, em que trocávamos bilhetes com a turma da tarde ou da noite. Numa dessas, Hildinha fala da sua alegria em sair com o Bunda - calma lá no que pensam. Foi como batizou o fusca que, se falasse, contaria histórias incríveis. Dois perdidos numa noite limpa da cidade grande... Ah, o sugestivo nome estava devidamente inserido no contexto da época: todos tinham. E entre tantas histórias, conta daquela vez em que se preparava para uma séria entrevista, gente do maior gabarito. Precisando da caneta, recorre à maxi-bolsa, pois mesmo que ainda não fosse moda, era a que lhe convinha para aqueles traslados longos; pede que o entrevistado tenha a gentileza de aguardar só uns instantes e do fundo dela (a bolsa), puxa uma colorida ESCOVA DE DENTES!... Imaginem a cena. Fecha o pano".

ILDO, motorista, pai solteiro.



INEIDE Di Renzo, repórter, foi para A Tribuna, onde parece que está até hoje, segundo a VERA SD --, cobrindo Variedades com a editora Beth Capelache..

INÍVIO Borda, repórter de esportes, cobria o Santos; radialista.

IRANDI Ribas, fotógrafo, sobrinho do ITAMAR, está em A Tribuna. .

IRENE Ventura, repórter, mais tarde assessora da deputada federal Telma de Souza. Está no Orkut. Esteve na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Guarujá até a gestão Farid.

IRINEU Camargo, da Publicidade.

IRINEU Ribeiro, repórter, cobriu variedades e cultura, muito gozador. Amigo da VERA SD, morava ao lado (ou próximo) da igreja da Pompéia e odiava o bimbalar dos sinos às 6 da manhã... Há 4 anos na Capital, segundo a NADINE, é professor universitário e faz palestras.

ISALTINO Oliveira Fernandes, repórter, dizia a lenda que era pai de um monte de filhos... Ô cara divertido, simpático, cara-de-pau ! Cena lembrada pela ERCÍLIA: um dia, quebrou o maior pau com o BLANDY, perdeu o controle, xingou p'rá valer e, no auge da fúria, humilhou: não trabalho mais nesta m... Nesta o quê mesmo?... Bem, por aí... Aí, né, teve o maior chique! Passou mal, perdeu a côr, virou japonês de tão amarelo, deu o maior susto no BLANDY, que pensou que o cara estava morrendo! Correria, água com açúcar, abana daqui, abana de lá, o próprio BLANDY abanando, senta o homem perto da janela para respirar ar puro, que bom, está melhorando!... Melhorou. Uns 15 minutos depois, recuperado, entra na "Gaiola" na maior camaradagem, senta, leva o maior lero, e a vida continua normal, como se nada tivesse acontecido. Que vocês acham: foi de verdade ou foi o Oscar de efeitos especiais?...Hoje está na assessoria do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários de Santos e Região; mora em São Vicente.

HILDA - Quando o BLANDY voltou ao jornal, como editor, trouxe ISALTINO na bagagem. No início, achei simpático, mas logo o considerei um chato de galochas, que vivia me chamando de Hildinha - o que só aceito de amigos muito íntimos. Não lembro o motivo, mas um dia deixei de falar com ele e sempre que o encontrava exibia o bico número 1, sinal de que a coisa é gravíssima, segundo o SHEIK. EDU do Arquivo ficava doente. "--Como você faz isso com ele? Porque isso não se faz blábláblá..." Devo dizer que desisti pelo cansaço pois ISALTINO se fez de cego e surdo, continuou falando e brincando comigo como se eu estivesse toda sorridente. Um dia a briga acabou e tive que continuar ouvindo o irritante Hildinha... Hildinha...

Ainda a HILDA - SÉRGINHO era chefe de reportagem da manhã. Certo dia, na hora do almoço apareceu na portaria um sindicalista enlouquecido querendo matar o ISALTINO. SÉRGINHO - todo preocupado (ou apavorado) - explicou que nosso distinto editor de sindicalismo não estava e só chegaria muuito mais tarde. Inconformado, o cidadão resolveu dar plantão por ali. SÉRGINHO tratou de dar um jeito de avisar ISALTINO antes que ele subisse para a Redação. A estratégia não funcionou: os dois se encontraram, se desentenderam, trocaram desaforos enquanto a turma do deixa disso tentava apartar. ISALTINO saiu correndo para a Redação - já toda agitada - disse que ia pegar o revólver e acabar logo com aquela palhaçada. Um puxa daqui, outro se põe na frente das gavetas para evitar que arma saia do seu abrigo. Felizmente, nesse meio tempo alguém conseguiu levar o sindicalista embora. Os bigodes do ISALTINO voltaram à posição de calma e a paz voltou a reinar no ambiente. Ninguém se tocou que jamais houvera um revólver por ali - ainda mais em gavetas que estavam destrancadas desde o dia em que a sucursal da Folha fora inaugurada em Santos. É, ISALTINO blefou a todos.

ERCÍLIA: ISALTINO foi meu chefe de reportagem preferido. Não raras vezes ele me chamava, entregava uma requisição em branco para levar ao fotógrafo, e dizia: "--Não tenho nenhuma pauta pra você. Chama o fotógrafo, pega a viatura e vai procurar alguma coisa." Nesta brincadeira consegui dar 25 manchetes seguidas. Um dia, uma matéria minha não saiu e fui reclamar. Só aí que descobri a minha façanha. ISALTINO é boa gente



(tanto que parecia que tinha coração de mãe... sempre cabia mais um filho em sua vida. No INSS, ele já era conhecido como "Salário Família")...

ISMAEL, motorista.

ITAMAR Felício Miranda, fotógrafo, chefe do departamento fotográfico, ou **seo Felício** (sei, sei, Felício é a p*&# que o pariu, seu filho da p**&##!, o que não impede de registrar que fazia tantos filhos, tantos filhos, que de tanto ir no INSS receber o auxílio-natalidade, fez um filho na mulher do guichê!). Em território do seo Frias entrou em uma tremenda fria, literalmente: convidado, autorizado, estava com tudo pronto para ir à Antártica, pelo jornal, às vésperas o BLANDY proibiu de ir, não obedeceu, foi, na volta estava demitido! Foram 2, ele e o SHEIK, mas felizes com as férias. // Uma brincadeirinha leve dele (vingativo, o sacana, só porque volta e meia o chamava pelo nome (seo Felício): paro o carro na porta do jornal com a família dentro, de paletó e gravata porque vou a um casamento, corro à Redação para deixar a coluna no telex, mexo com ele na entrada, saio em seguida e ele me espera no corredor, mão direita escondida atrás das costas, me abraça para cumprimentar, "Ô Erre, tu tá bonito, heim!", e com um gesto rápido puxa minha gravata e, zás, corta pela metade com uma tesoura!... "Assim fica mais bonito!", com aquela risada cachorra!... Não teve jeito, fui ao casamento assim mesmo (não dava tempo de trocar nem de comprar outra!), na igreja, para esconder a gravata (seda italiana, pô!), passei o tempo inteiro com a minha filha no colo, ainda por cima fazendo papel de idiota porque ela passou o tempo todo querendo ir para o chão!... Minha vingança foi cruel: roguei uma praga para alguém cortar o pinto dele como ele cortou minha gravata! Mas logo depois reformulei, roguei outra praga ainda pior, essa sim, diabólica: roguei praga ao contrário, para que ninguém nunca lhe cortasse o pintinho! Deu certo: em pouco tempo dobrou o número de pensões que ele tinha que pagar!..., Rá-rá-rá-rá-rá!...(Sobre esse palpitante tema, ver a frase do WILSON, lá na frente).



ENEIDA - "A minha lembrança não tem esse charme vingativo, mas depois virou folclore, e eu sempre 'convocada' a passar lista no laboratório fotográfico. Denise grávida, próximo o tempo da Daniela vir ao mundo e, nós, da Secretaria, resolvemos encabeçar uma lista para colaborar na compra do berço, percorrendo todos os setores do jornal. Eu, sempre fora das 'rodinhas', conseqüentemente quase sempre fora das últimas fofocas, até que uma alma bondosa me pusesse a par das novidades.... E lá vou, cheia de boa vontade, falar com o povo da Fotografia, esperando que o ITAMAR fosse o porta-voz da reivindicação: 'pois é, ilTAMAR, você sabe que a situação 'tá complicada, a Denise tá sozinha, precisando de ajuda, vê se colabora e passa a lista pro pessoal também, que a Denise merece, não é mesmo?'. Só faltou aquela clássica resposta 'você sabe com quem está falando?'. Acho que o ITAMAR pensou que fosse sacanagem minha, mas juro que eu não sabia que ele era o pai da criança! Mais tarde, demos boas risadas, nós três".

ET: Depois, ele colaborou com a lista, claro! Foi até generoso'...

GAZETINHA - Já que falaram em tantos filhos do ITAMAR, tem uma do "Ladrão de Oxigênio" que merece ser contada. Não sei se pelo BLANDY ou pelo ISALTINO, que cobria o Fórum, chegou a notícia de que tinha sido expedido um mandado de prisão por falta de pagamento de pensão alimentícia. Ele foi avisado rapidamente e sumiu do jornal. Dias depois reapareceu, após ter depositado a pensão e de ser revogado o mandado de prisão...

IVANI Maria Julião, quando solteira, depois IVANI Maria Cardoso, desde o tempo em que foi e esteve em A Tribuna. VERA SD informa que IVANI está trabalhando, com sucesso, no Escritório de Comunicação Lu Fernandes, na Capital, desde que deixou A Tribuna, há uns 8 anos. O site é www.lufernandes.com.br, e a foto e a ficha dela estão lá, e reproduzidas a seguir, e, que beleza!, sem esquecer o "**Cidade**":



Ivani Cardoso

Formada em jornalismo pela Faculdade de Comunicação de Santos e em Direito pela Faculdade Católica de Direito de Santos. Durante 20 anos, trabalhou como Editora de Cultura e Variedades do jornal A Tribuna, de Santos, para o qual assinou a coluna Alm@naque e desenvolveu projetos editoriais para vários cadernos, com destaque para o Tribu, o suplemento jovem. No mesmo jornal organizou vários eventos, como os 50 anos da TV e a Festa do Cinema. Ex- repórter do Jornal Cidade de Santos (Grupo Folhas) e de O Estado de S.Paulo (sucursal de Santos), foi assessora de imprensa do Sindicato dos Médicos de Santos e da Associação dos Médicos de Santos.



Maria **IZILDA** Ferreira Bueno, repórter, depois funcionária da Cosipa. ENEIDA - Hoje está na ABM – Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais, em São Paulo, e segundo e-mail que enviou, “ralando, o que se pode fazer?”...

J. MUNIZ, pesquisador e historiador, publicou livros e outros trabalhos sobre História, coisas da região, folclore e música – é autor inclusive de enredos para escolas de samba.

GAZETINHA - Na minha opinião, precisa ser escrita mais alguma coisa sobre o MUNIZ. Acho que nunca deram a ele o devido valor pelo que fez, principalmente pelo samba. Parece que também era pesquisador do setor aeronáutico, principalmente sobre a Base Aérea de Santos. Se não me falha a memória, chegou a ser condecorado por esse trabalho.

JACIRA Otaviano, do grupo de preparadores do início do jornal.

JOÃOZINHO, boy, depois trabalhou no telex.

JOAQUIM, motorista, casou com uma filha do PACO. Ia embora para Portugal. Durante uma enchente fomos para Cubatão, que estava debaixo d’água. Em plena Avenida Nove de Abril Joaquim desceu, enfiou um pano no carburador (*) da Kombi, e lá fomos nós com a água batendo no meio do pára-brisa. Mais tarde conseguimos chegar até a Vila Parisi, onde fui salva de morrer afogada pela roda de um caminhão, em que me agarrei, ao afundar numa vala, quando tentava entrar numa casa onde os moradores estavam ilhados. Aqui, HILDA, fui eu quem perdi um pé do sapatinho de cristal. Nunca mais o recuperei. (ERCÍLIA).

(*) Aqui a ERCÍLIA falou que o português camarada enfiou o pano no carburador, outro dia, para a HILDA, ela já falou que enfiou no *escapamento*... Não quero ficar perto para a próxima enfiada!... E ela ainda teima em se queixar que o seo FRIAS achava que ela valia menos que uma galinha... Não eram galinhas, ERCÍLIA, eram frangos, e não era um, eram milhares e milhares!... Esquece, menina!... (Erre).

Adalzira Cruz dos Passos, a **JÓÏNHA**, repórter, tipo mignon (cala a boca ITAMAR: eu falei só mignon, não falei *filé* mignon!), bonita e muito meiga, ganhou um apelido perfeito. Ainda na Faculdade, fez o primeiro programa de TV da FACOS, cobriu geral, variedades, educação. Deixou o jornalismo para trabalhar na Varig, há anos está na área de Turismo.

JÓBSON Bérغامo de Barros, repórter. /// Vive em São Paulo e trabalha com Marketing. (ELIANA).

JOSÉ LUIZ, repórter, fez esporte, hoje assessor de imprensa em shopping.

JÚLIO César, do Arquivo, braço direito do EDU, foi para a A Tribuna, onde está até hoje.

JÚLIO, motorista.

Francisco **LA SCALA** Jr., repórter, cobria política, revezou a apresentação de programas de entrevistas na TV, que faz hoje, com o cargo de Secretário de Comunicação Social do Prefeito Papa; é professor universitário na Santa Cecília e colunista do jornal Boqueirão. ///

Olhai, pessoal, a pedido o nosso querido **CHICO LA SCALA** dá a sua ficha, aprendam: "Então, vamos lá companheiro. A ficha pode ser a seguinte: repórter, cobriu geral, Fórum e política. Trabalhou em duas ocasiões no "**Cidade**", entre 1977 e 1978, voltando depois em 1979 e permanecendo até meados de 1984. Nessa época, foi para a Prefeitura de Santos como assessor de imprensa do então prefeito Oswaldo Justo. Saiu no final do governo, em 31 de dezembro de 1988. No ano seguinte voltou a trabalhar em A Tribuna (onde começou em 77, como repórter de polícia), na editoria de Política, onde ficou até o final de 1996. Em 1997, voltou à Prefeitura para trabalhar por um ano e quatro meses no então Departamento de Comunicação na administração do prefeito Beto Mansur.. Saiu em maio de 1998 para apresentar o programa Notícias em Debate, que estreava na TV Brasil (SBT). Em novembro de 1999 deixou a TV Brasil para apresentar o programa Opinião na TV Mar (Record), onde ficou até final de 2004. Em janeiro de 2005, assumiu a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Santos no governo do prefeito João Paulo Tavares Papa, onde permaneceu até julho de 2006. Desde 1996 é professor da Faculdade de Artes e Comunicação, no curso de Jornalismo, da Universidade Santa Cecília. É colunista do Jornal Boqueirão e atualmente comentarista do programa Opinião. Em setembro deste ano vai lançar um livro sobre a história política do prefeito e deputado Oswaldo Justo. Obrigado pela lembrança e abraços a todos do CHICO LA SCALA".



Reinaldo **LÁVIA**, repórter.

Marcos **LEOMIL**, cobriu esportes, editou o JORNAL DE SANTOS, do Lupércio Mussi, fez assessorias e hoje é subeditor do Diário Oficial.

ENEIDA - "Nos seus dias de bom humor, LEOMIL também fazia rir. No esperado cafezinho, no 'Paulista', tão logo nos sentávamos à mesa, o garçom se apressava a repetir seu pedido, em alto e bom som: '--Sai um pão de forma fresquinho, com manteiga, aparado e sem miolo!'... . O povo ao lado não entendia nada e a gente ria, tantas vezes quanto a cena se repetisse. Puro prazer de sorrir!"



LÍDIA Maria de Melo, repórter, filha de sindicalista que penou no regime militar, escreveu "Raul Soares, Um Navio Tatuado em Nós", sobre o terrível navio-presídio que entristece o passado da nossa cidade, hoje é editora em A Tribuna, e dá palestras. Mantém o lindo blog <http://lidiamaria.melo.zip.net>, com links para páginas de diversos amigos. ///

A **LÍDIA**, pela própria: "Fiquei no "**Cidade**" de 2 de janeiro de 1986 a 15 de setembro de 1987, quando fechou. Sou editora local (antiga Geral). Estou lá desde 1988. Também dou aula na Faculdade de Jornalismo da Universidade Santa Cecília (Unisantia). Escrevi o livro ("Raul Soares,..) em 1985, mas só publiquei dez anos depois, em 1995. Em 1997, ganhei o Prêmio Vladimir Herzog, na categoria literatura, com o conto "Bala Perdida"..Tenho uma produção literária também. Este ano, a Unicamp publicará uma antologia com 40 contos selecionados em um concurso que a universidade realizou no ano passado, para comemorar seus 40 anos. Um conto meu foi escolhido entre quase 700 para fazer parte desse livro. Fiz o blog (citado acima) com parte de minhas produções jornalísticas e literárias."

LILIAN, que foi repórter de polícia.

LISTINHA, o NILSON Duarte, cobriu esportes, geral, política, passou pela Tria e hoje é editor do Diário Oficial

ERCÍLIA: "No dia do casamento dele, na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, tentamos colocar nele uma faixa de Campeão, do Corinthians. A "jovem senhora", sua esposa, não entendeu a brincadeira e quase nos expulsou a tapa (nem lembro quem estava junto). O

vexame foi tal que cumprimentamos o noivo e tratamos de deixar logo o local, sob o olhar furioso da dita.”

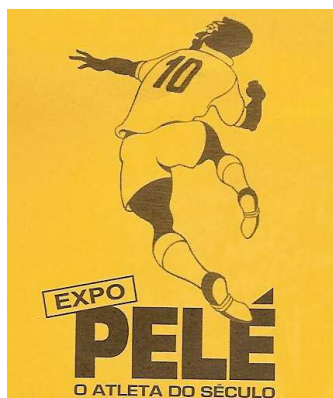
Bem, já que tocaram no assunto... A noiva do LISTINHA era extremamente ciumenta. Ele, sossegado, discreto, respeitador, educado, não dava nenhum motivo para ciumeira, mas a moça – bem mais encorpada do que ele (com 3 anos ganhou o primeiro prêmio em um concurso de robustez *juvenil*) --, não só não dava folga como fazia marcação por pressão – e sempre de cara fechada (ou era impressão nossa?). Era normal ela ir buscá-lo na Redação, ficando por ali enquanto ele fechava as matérias. Talvez ele não saiba, mas numa dessas ocasiões foi vítima de uma tentativa de homicídio, ou trucidamento (ia ser genocídio de uma pessoa só!) que para felicidade dele (e de sua integridade física, que correu o risco de sofrer esmagamento!), não deu certo. Cena: no quadrado de mesas do esporte, 3 pessoas: LISTINHA, do lado da parede, concentrado e batucando a matéria na Olivetti (sem levantar a cabeça para olhar para os lados, que ele não era besta!), a noiva, ao lado dele, de cara amarrada, lendo os jornais na régua, e, do lado oposto, ninguém nada menos do que a maior tentação para um apronto nessas horas: ZEZÉ, em estado normal, ou seja, absolutamente desligada do mundo, dedilhando abstraída uma Olivetti marcha lenta. Bem ao lado dela, completando a cena do crime: o telefone! Tentação demais, né?... Lá na mesa do fundo peguei o telefone, pedi para a telefonista ligar para o esporte. No que tocou a ZEZÉ prontamente atendeu, e ouviu uma voz desmunhecada (a tentativa era imitar voz de mulher, o mais feminina possível): --“Alô!... Meu bem, boa noite... Você pode fazer o obséquio de chamar o LISTINHA?... Diga para ele que é a esposa dele!...” No meio da frase já a MIRIAM e a RITA, que estavam por perto e logo sacaram a sacanagem, empalideceram!... Mal balbuciaram o tradicional “não faz isso!... tá louco!...”. Se bem me lembro a RITA saiu correndo para não ser testemunha do massacre... A ZEZÉ, desligada como sempre, “--Pois não, neguinha, um momento...”, estendeu o telefone na direção do quase-falecido e, então (talvez a iminência da tragédia a tivesse despertado), quando começou a dizer... “--É... “ encarou a noiva – já com olhar furibundo, imaginem, outra mulher olhando na direção do LISTINHA! --, viu-se o sangue gelando-lhe nas veias, piscou 28 vezes a 350km/h, percebeu o catástrofe que poderia ter deflagrado se completasse a frase, caiu-lhe uma ficha de 2 toneladas na cabeça e, então, mal conseguiu gague-tartamudear... “--Com.. com... comquem... quem... QUEM?... quem é?... quem é?...”. Ninguém respondeu, todos já tinham fugido da Redação, ela desligou, não conseguia olhar para a noiva que continuava olhando ainda mais feio (como era possível?), e o LISTINHA, alheio a tudo em volta, concentrado no trabalho, nem percebeu que esteve a ponto de levar uma taponada (de muitas) que o deixaria para sempre como papel de parede grudado na Redação... Alá protege as criancinhas, os bêbados e as distraídas.

LIZETE Araújo, foram só 3 meses como repórter, atualmente está na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Santos.



chargista, também publicitário, veio da A Tribuna com o DE VANEY (muita gente foi do “**Cidade**” para a A Tribuna, esses dois foram dos poucos que fizeram o caminho inverso – se é que tem mais alguém), hoje no Diário do Litoral. Artista espetacular,

caricaturista, traço limpo, cores luminosas, tem um incrível acervo de charges próprias sobre o Pelé – talvez o maior do planeta --, com várias exposições pelo País. Um cara assim tem que ser Maluco-Beleza com maiúsculas, né? Exemplo! Numa festa de aniversário do “**Cidade**” (festa que, com a de Natal, eram ponto alto da tropa toda), surpreendeu todo mundo: sempre descolado, surgiu de paletó e gravata! (*Lôbo: não me lembro, tinha também o óculos?*) Na hora do bolo, todo mundo em volta da mesa, BLANDY faz o discurso tradicional, quando vai chegar ao fim, o LÔBO pede a palavra. Faz uma cara estranha, voz sumida, dá um gelo na alegria geral. “Preciso fazer uma confissão a vocês, não agüento mais!”... Silêncio, susto geral!



Magrela, com aquela cara de velório só pode estar doente! Muito doente!... “Não posso mais guardar esse segredo, preciso fazer essa revelação a vocês!” ... Rapidamente arranca a gravata, abre o paletó, abre a camisa arrancando os botões! “Esta é a minha verdadeira identidade!” Por baixo da camisa, o uniforme de Super-Homem... Pegou todo mundo, gargalhada geral na sucursal santista do Planeta Diário, sediado em Metrópolis1..

GAZETINHA - Esta é antológica. No final do ano, antigamente, os jornais publicavam o calendário do próximo ano. Chamavam de “folhinha”. O “Cidade” anunciou que no dia tal publicaria a folhinha do LÔBO. No dia marcado saiu uma charge com uma folha de árvore! Foi a maior “bronca”. Inúmeros telefonemas nos chamando de moleques e outras coisas mais apropriadas. Resultado: no dia seguinte o jornal foi obrigado a publicar uma página com o calendário do ano seguinte...



LUCIANA Reda Claro, repórter, hoje na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Santos. .

LUCIANO Blandy, boy, filho do BLANDY, foi arrastado para o jornal pelo pai, num período de férias, para “aprender o que é a vida”. Para não aprender demais, avisaram para nunca ir sozinho buscar coisa alguma no Arquivo..

LUDOVICO Labruna, repórter de esportes (o LUDOVICO era apelido, por causa do personagem da Disney, não lembro o nome dele).

LUIGI Bongiovanni, fotógrafo, nascido no Egito, em Alexandria, naturalizado italiano, depois na A Tribuna e dirigente do nosso Sindicato.

LUIS CARLOS, fotógrafo.

LUIZ Dias Guimarães, foi copy, depois entrou para o ramo de eventos e política, foi Secretário de Turismo de Santos, hoje é (ou era) o homem da Buldogue Propaganda, e tem com seu nome microempresa de Cenografia de Eventos.

LUIZ Marques, repórter, fez esporte, depois foi para a PRODESAN.

João Carlos **MARADEI**, chefiou a Secretaria do Cidade de Santos em São Paulo. Atualmente é chefe de gabinete da Associação Comercial de São Paulo.

Marino **MARADEI** Jr., do grupo de preparadores (“copy”) do início do jornal, grande camarada.

ELIANA - Fez uma bela carreira em São Paulo e sempre foi muito admirado pelo belíssimo caráter. Trabalhou na Rádio Eldorado e no Diário do Comércio. No momento, não sei por onde anda.

MARCELO Cascione, repórter dos primeiros dias, irmão do ex-Deputado Vicente, depois optou pela carreira de Advogado.

MÁRCIA Amazonas, repórter, também passou pela A Tribuna e depois foi trabalhar em São Paulo, onde faz assessoria, lembra a LÍDIA.

MARCÍLIO Araújo, começou como **boy**, virou arquivista, também é músico, muito tempo na assessoria do deputado Fausto Figueira, hoje na Prefeitura de Cubatão. Na história dele a responsabilidade profissional de tentar impedir a invasão do arquivo no dia do fechamento do jornal.

MARCOS Calafiori, repórter (lembra a HILDA, com uma pontinha de malvadeza: acha que ele era parecido com o Maluf...). ERRE: Ei, HILDA, era MARCOS ou MÁRCIO? Ou são 2? Não lembro, e há um MÁRCIO, professor da UNISANTA, que orientou o livro-reportagem de Sândia Santos, "Cidade de Santos" (2001).

MARIA ALICE Peres, a MALICE, repórter, trabalhou e casou com o ROBERTO Peres, editor de cultura e variedades. Imaginem a cena: o casal (ainda noivos) foi a um ensaio da Escola de Samba X-9, na Bacia do Macuco (a Escola e o jornal sempre foram grandes amigos), tiveram recepção cheia de cortesias, ganharam mesa perto da pista. Lá pelas tantas, ensaio correndo solto, calor sufocante, cervejas geladas, noite abafada, samba rasgando solto, todo mundo suando *em bicas* (equivalente ao que Néson Rodrigues chamava de lágrimas de esguicho), lá vêm porta-bandeira e mestre-sala rodopiando, de mesa em mesa. O ritual é o mesmo: o mestre-sala faz uma reverência, a porta-bandeira se inclina na direção da mesa, apresenta a bandeira da Escola, os *homenageados* pegam a ponta do tecido e beijam demoradamente (se beijar muito rápido é ofensa! Tem que reverenciar!)... Na vez deles a bandeira, óbvio, está mais melada que fralda de recém-nascido... Aí a MALICE pensa rápido (Beijar? Nunca!), e inova: pega a ponta da bandeira, e cumprimenta como se fosse um caloroso aperto de mão!... "Muito prazer, dona bandeira!"... Mestre-sala e porta-bandeira saem rodopiando, em estado de choque... ///

MALICE - Plantão de domingo, todos chegam xingando, com sono. De repente, toca o telefone -- e eu infelizmente não lembro quem foi que atendeu. A pessoa do outro lado reclama: "— Olhe, meus jornais ainda não chegaram..." O colega: "--Rapaz, esqueça isso, o jornal está uma droga, o dia está maravilhoso, vá para a praia por nós, aqui da Redação que estamos trabalhando..." A pessoa: "-- Você sabe com quem está falando?"... Colega: "--Nós não estamos nem um pouco interessados nisso. Siga o nosso conselho e esqueça esses jornais"... Pessoa: "--Quem fala aqui é CALDEIRA..." O colega emudeceu, ficou branco, quase desmaiando... Pouco depois, "--Gente, estamos todos no olho da rua!"... ///

Farta distribuição de apitinhos com a seguinte recomendação: vamos enlouquecer o SCHIAVETTO! Na hora marcada, apitão geral... SCHIAVETTO abre a porta-janela atrás de sua mesa e começa a gritar ensandecido para o pessoal do Expresso Luxo: "--Guarda um lugar aí que estou deixando o cargo e vou embora para São Paulo"... Foi um custo convencer o homem que era só uma "brincadeirainha".

MARIA DE LOURDES, LURDONA, repórter, deixou o jornal para entrar na PRODESAN, junto com o LUIZ Marques.

ENEIDA - "Durante bom tempo foi responsável pelo Caderno Infantil, trabalhando próxima a nós, na Secretaria, onde mantínhamos comunicação constante. Encontramo-nos algumas vezes e, se não me engano, está aposentada".

MARIA HELENA DE CASTRO. assim mesmo, tudo junto, como ela gostava de colocar sempre, no alto da lauda, como lembra o FERNANDO, achando que era um charme. Repórter da manhã, ele lembra que ela usava óculos, tinha cabelos compridos, morava em Guarujá, era muito culta e ele achava chique. .

HILDA - Ela surgiu na Baixada, apareceu no CIDADE onde creio que começou a trabalhar já em Guarujá, onde morava. Dizia que trabalhara em São Paulo. Era alta e morena. Adorava cinema e era fã de Tom Payne (lembram?) Um dia convidou a turma (**acho** que ERCÍLIA, VERA e EU) para ir à casa dela numa das praias da Pérola do Atlântico. Demos com o nariz na porta. Tudo fechado. Parecia abandonado. Só lembro dessa história.

MARIA INÊS, repórter.

MARIINHA, Maria Inês Monforte, repórter e copy, casou com outro jornalista de Santos, Carlos Monforte, e hoje vive em Brasília. VERA SD informa que ela, concursada, estava trabalhando na assessoria de Comunicação do Ministério do Desenvolvimento Agrário.



ENEIDA - "MARIINHA, nossa amiga ZÉTI, apelido dado pelo KIKO. Cursamos a mesma classe na FACOS, na Aliança Francesa enquanto nossos registros eram só promessa, e compartilhamos de bons momentos. Uma única vez a vi brava: quando o SAMPAIO teve a insensibilidade (ou insensatez) de indicá-la como redatora de um longo texto DITADO por um daqueles assíduos visitantes políticos. Se foi "ordem de cima" não sabemos, mas SAMPAIO deve ter se arrependido, tamanha a bronca de toda Secretaria! Sempre sorridente, ZÉTI só se mostrou triste uma certa época em que nosso colega Carlos Monforte viajou para a Europa, enviado

por A Tribuna. Além da saudade, teve de engolir brincadeiras de toda Redação, o que não era pouca coisa. Mas saiu-se bem, deu a volta, colocou aliança na mão esquerda do moço e nos deixou com as boas lembranças. Será que sente alguma saudade da cidade praiana tão pacata se comparada aos agitos nada convencionais do Planalto Central?" .

MÁRIO Tadeu, fotógrafo. -

HILDA -"Primeira enchente a gente não esquece. **MÁRIO** Tadei, o italiano, era fotógrafo ou retratista, como dizia quando se sentia deprimido. Pessoa simples, sem papas na língua, deu uma grande lição de jornalismo para esta foca. A chefia mandou a dupla para a Vale do Ribeira, onde uma tromba d'água isolara cidades e interrompera o tráfego nas estradas. No acostamento, pensava com meus botões (nessa época eu pouco falava) que era impossível cumprir a pauta. Quando olhei aquela fila imensa de caminhões parados, motoristas xingando e nenhum jeito de continuar a viagem até Registro, pensei que não conseguiríamos fazer a matéria, quando **MÁRIO** deu o "empurrão": - O jeito é a gente ir andando ..." Pegou a bolsa com o equipamento e se pôs a caminho. Olhei para aquela figura fantástica e fiquei envergonhada com o meu comodismo, minha falta de profissionalismo: tirei as sandálias e fui atrás dele, os pés afundando no barro, cobrindo bem mais do que as canelas. Nunca mais hesitei. Cobri muitas e muitas enchentes - em Vila Parisi cheguei a entrar com água acima da cintura. Uma grande figura, o **MÁRIO**. Acho que deixou o jornalismo para ser retratista".

MARIZA, repórter, cobriu educação. //

HILDA - Sumiu do mapa. Era muito amiga da **GLORINHA**. Nunca vi tanto bom humor concentrado em uma única pessoa. Ela cobria SMTc e, invariavelmente, no superfusca dirigido pelo **ILDO**, o Carequinha. Todos os dias ela era parada na portaria, onde a burocrata de plantão não olhava para as pessoas, limitando-se a perguntar o nome do motorista. Inconformada, ela inventava nomes para o **ILDO**, que ficava enlouquecido, especialmente, porque ela escolhia nomes de travestis ilustres na época. // DO BAÚ DA HILDA: // ANIVERSÁRIO DO JORNAL - Mariza // Nesta edição especial, /De aniversário do jornal Focalizaremos questão diferente/ De pouca importância para toda gente. // Não falaremos dos problemas da cidade,/Tão conhecidos da coletividade, / Falaremos do jornal como casa, morada,/ Onde nasce, cresce, se é amada.// Falaremos de trabalho com afinco,/ Para que se possa multiplicar por dois, por cinco,/O valor dos jovens profissionais,/ Sempre tão cheios de grandes ideais./ A seu lado sinta seu irmão,/Interessado em conseguir o pão./ A você interessa sabê-lo Contente,/ Vivendo honestamente o seu presente.// Consciência profissional,. / Não deve faltar neste jornal. / Nem quem ofereça solidariedade/ A bem da justiça, a bem da Verdade. // Começemos, pois, a falar sobre o nosso dia-a-dia. / Quem merece nosso respeito, nossa simpatia?/ Quem está sempre pronto a ouvir o que temos a dizer? / Quem está sempre com tanta coisa a fazer? / Ora, quem mais poderia ser senão o **Isaltino**,/ A quem as confusões nunca causam desatino. // A cabeça sempre no lugar / É sua característica peculiar. / Ele nunca

esquece do que a gente quer / E olhe que para tal muita paz requer. / Imaginem 40 repórteres pedindo viatura, / Fotógrafos, requisição, assinatura. / Imaginem um só, durante a tarde, para decidir / quem pode tal e tal assunto cobrir. / Uma palestra sobre cinofilia, / Lá no Jardim Santa Maria. / Um festival de rabo-de-arraia, / Lá na Ponta da Praia. / Um concerto de bem-te-vi, / Perto da entrada de Itariri / E um surto de encefalite / Para abrir nosso apetite. // Ufa!!! Não é sopa agüentar a parada!!! Como é durão este camarada./Outro dia ele mandou fotografar algo atrasado:/ Um jogo que tinha sido no mês passado./Afinal, a gente entende e nele põe fé/ Para não deixar o pobre chefe de bigode em pé./ O Vitor Luiz Antonio Florenzano, / Foi eleito o mister veneno do ano. / Ele, chefe da parte da manha, / Não perdoa nem a sua própria irmã./Chama um repórter de Madame Mim, outra de Meméia / E já disse que alguém esta nos últimos dias de Pompéia.../ Deus nos livre da língua desse camaradinho, / Que mata, fere, esforça e dá uma risadinha./Poderíamos ainda falar de muita coisa da chefia.(Foi o que se salvou.)

GAZETINHA - Para mim era a “repórter explosão”.. Lembro de uma, aliás, várias que ela escreveu e que causaram a maior confusão. Um dia o meu barbeiro me avisou que os alunos de uma escola, nas proximidades da rua Galeão Carvalhal, estavam com piolho e muitos deles raspavam a cabeça. A MARIZA foi lá no 1º dia e entrevistou os alunos. No dia seguinte, manchete da página três, a banca da esquina da escola, vendeu todos os jornais e pediu reforço, Nos outros dias foram entrevistados diretora da escola, Secretária de educação, de saúde e outros interessados. Foi um rebu nas demais escolas da cidade. Setores de educação e saúde cuidando dos alunos, nós noticiando e vendendo muito jornal. No final, a história durou uma semana..

MARLY, secretária do Paulo VERGARA., uma espécie de sheriff da administração.

Eymar J. **MASCARO**, lembra o VASCO, era repórter de Política no antigo "O Diário" de Santos. Chegou ao “**Cidade**” junto com o ODILON e o RÔMULO. Cobriu Política durante algum tempo, no início do jornal, depois foi chefe de reportagem e acabou indo para o Estadão, também como repórter de política. Diz o VASCO: “Aqui, vale uma informação a meu próprio respeito: fui uma das poucas pessoas aproveitadas na primeira fase do “**Cidade**” que não era jornalista e nem estudante de Jornalismo ou universitário. E o que pesou na minha aceitação como "foca", pois era um desempregado desde que demitido da Petrobrás em abril de 1964, foram os apoios ao meu nome do MASCARO, chefe de reportagem, que já me conhecia das rodinhas políticas, do Gonzaga, e do repórter-fotográfico PACO, meu amigo do tempo da Petrobrás. Sem o apoio deles não teria conseguido a vaga de repórter de Variedades para iniciar, aos 33 anos de idade, a minha carreira de Jornalista.”

MAURA, faxineira/copeira, lembra a ERCÍLIA que ela andou se queixando de não estar bem, de se sentir um pouco inchada e que o médico tinha diagnosticado leucopenia -- meses depois nasceu o Leucopeninho... Daí o ROCHA passar a chamá-la somente de Dona Leucopênica.

Carlos **MAURI** Alexandrino, repórter, cobriu política com ousadia e competência incríveis, só podia ser um dos nossos mais queridos malucos-beleza. Com RICARDO Marques escreveu o livro SOMBRAS SOBRE SANTOS, sobre a época do regime militar. Os dois conseguiram provocar uma bela confusão na Câmara de Santos quando conseguiram gravar a sessão secreta dos nobres edís... MAURI tem no currículo uma entrevista com Jânio Quadros, em Guarujá, quando os Piores Dias já haviam passado e figurões da política procuravam o homem da vassoura, entre eles Brizola, Delfim Neto (a quem Jânio disse, na lata, “o seu problema é que você come demais!”) e Olavo Setúbal. Nesse dia de plantão em volta do homem aconteceu de tudo, uísque rolando, mergulho na piscina, broncas de Jânio (que expulsou o fotógrafo WILSON Mello que tê-lo-ia {Olhai! Estilo Jânio!} flagrado de copo na mão!), muita discussão – Jânio falava e MAURI não aceitava!! – e, até, entrevista! Anteriormente MAURI já tinha cercado a casa de um político onde Jânio estava, parece que no canal 3, quando flagrou – afirma ele e não duvido nada! – o general Golbery, o Bruxo, saindo pelos fundos para não ser visto pela imprensa aconselhando (ou aconselhando-se?) com Jânio. Hoje é cobra em

informática, mantendo uma conceituada empresa do ramo: KBRTEC – consulte o site www.kbrtec.com.br.

ENEIDA - "Sem esquecer que foi também graças a seu perfil de repórter investigativo que o **Cidade** deu o furo de notícia sobre o que intitulou 'Mar de Lama' (V. em **SENADINHO** e também em **SÔNIA AMBRÓSIO**) e que rendeu muito assunto (inclusive em jornais nacionais de TV) contra o então prefeito de Cubatão, Carlos Frederico Soares de Campos, tão 'ingênuo' que complementou suas ações fraudulentas assinando indevidamente cheques indevidos e perdeu o cargo. Azar dele, fosse hoje teria ensinamentos maiores, técnicas mais apuradas e quem sabe se deliciasse em alguma pizzaria.. Dizem as más línguas que, trabalhando muito, Mauri fugiu do povo. A mim disse estar 'velhinho'... Calma, caro colega, assim você nos coloca - a todos - no mesmo patamar (pelo menos, a gente faz de conta que AINDA não. CHINEM diz que nem chegou na maturidade!). De qualquer forma, trabalhando muito, velhinho ou não, seu nome reconhecido faz falta nos créditos das muitas publicações jornalísticas. Do MAURI, além do companheirismo, fica a lembrança do entusiasmo com que chegava da rua, anunciando a notícia ainda à porta da Redação, permitindo-nos ouvi-lo da Secretaria, onde esperávamos que não demorasse a chegar para contar as novas".

(Cubatão que se prepare: o ex-Prefeito vai tentar voltar. Erre)



José **MEIRELLES** Passos, estava em New York pela Veja, atualmente em Washington, como correspondente de O Globo (entre outras atividades, disseram...).

GAZETINHA - Inteligente, começou no porto, depois foi para o Estadão. Cobriu a guerra das Malvinas para a Veja, pois era correspondente da revista em Buenos Aires. Num determinado fim de ano, logo depois do Natal, encontrei o MEIRELLES na balsa para o Guarujá. Estava com a família, indo para o Rio de Janeiro passar o Reveillon e, de lá, voariam para Washington, onde assumiria como correspondente do Globo. O ÁLVARO é padrinho de uma das filhas dele.

ENEIDA - Também encontrei Meirelles naquela época. Grande surpresa, duas horas conversando no Gonzaga, muitas novidades sobre a vida dele, 'que ia muito bem, obrigado'. Depois, nos encontramos através da internet, em cujo e-mail explicava: (...) 'Eu estou bem. Trabalhando sempre mais do que devia ou merecia. Mas não posso me queixar. Basta dar uma olhada no noticiário que vem daí, ou ver os da TV Globo (que tenho em casa, via satélite), prá me lembrar do Sebas, aquele velho personagem do Jô Soares, exilado em Paris: --*Vocês não querem que eu volte!*, dizia ele - e repito eu (tocando três vezes na madeira). Mas, enfim, como diz um velho amigo correspondente aqui, Washington é o 'playground' dos jornalistas. Há todos os tipos de 'brinquedo'. E eu gosto justamente da variedade. Não ter que ficar preso apenas à economia ou à política, podendo fazer de tudo um pouco -- esporte, variedades, comportamento, etc, etc. E pelo fato de ter de cobrir habitualmente Casa Branca, FMI e Banco Mundial, entre outras coisas, isso também me abre as portas para viagens por esse mundo afora. O que sempre é bom", né? (...) Tenho tido oportunidade também de fotografar, algo que - você deve se lembrar - gosto muito. É sempre bom ter essa chance, porque dá um controle maior sobre o material a ser publicado. E muitas vezes uma foto ajuda um bocado na hora de 'vender' a matéria"... Isso já faz muito tempo, não recebi mais respostas. Espero que MEIRELLES continue bem. .

HILDA:- Mensagem do MEIRELLES de 2/8/2007: "Acabo de ler no Jornalistas & Cia sobre esse projeto da turma do falecido 'Cidade de Santos'. Pena não poder estar em Santos com o pessoal no dia 15 de setembro. Não sei se você sabe mas estou morando em Washington, como correspondente de 'O Globo'. E essa data não coincide com a das minhas férias; e tampouco tenho como dar uma escapada. Seja como for, gostaria de saber como anda esse projeto, gostaria de acompanhar isso."

MENINÃO, motorista, empresário de luta livre na Praia Grande, grandão, tão grande que quando entrava na Redação alguém sempre gritava: 'LOTADA!' /// Pô, acaba de ser desclassificado pela ERCÍLIA, que lembra que ele era o **MIUDINHO!**... / E que lembrança! Diz que o homão tinha um chulé dos deuses!... / E a BETE, esposa do MIRAMAR, informa: o nome completo do distinto é Eduardo Vivian Mitchell e pode ser localizado no Centro Comunitário de Humaitá. Pronto, BETE.: corrigido e anotado!

Paulo **MILITELLO**, repórter. Foi para São Paulo. Estava fazendo mestrado na USP, onde o encontrei há alguns anos (HILDA).



MILÚ, Maria Luiza Almeida Garrett, repórter de Educação, as mais espetaculares pernas da história do jornal! (desculpem, meninas!).

ELIANA - Casou, abandonou o jornalismo e vive no Guarujá.

GAZETINHA - É verdade, eu subscrevo a informação e complemento: acho que não apareceu - pelo menos no meu tempo -

nada tão belo. A "Portuguesa" era, com todo respeito, um espetáculo.

MIRAMAR Palhares Revoredo, motorista boa praça, agora aposentado, e que **ERCÍLIA** jura que vive na boa vida, dando uma viajadinha ou outra à Europa, para descansar...



MIRIAM Ribeiro de Souza, não ficava em paz com os chatos chamando de **MIRIAM RATINHO**, repórter, hoje no Jornal da Orla.



MIRIAM Silvestre, repórter setorista, daí o **MIRIAM GUARUJÁ**..

MIRIAN Pedro, repórter dos primeiros dias, casou com o **SCHIAVETTO**, chefe de reportagem, depois mudaram-se para a Capital.

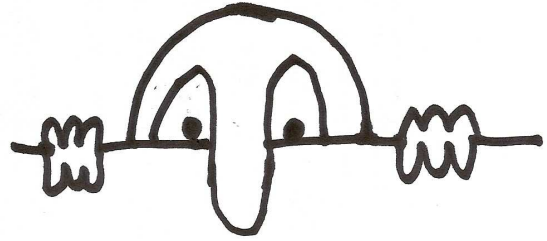


ELIANA - Separaram-se. Tem uma filha com o **SCHIAVETTO**, a Carla, e não trabalha mais com jornalismo, ao que me parece. Caráter impecável. Nossos lanches vespertinos no restaurante ao lado eram impagáveis, a **MIRIAN** tinha atitudes engraçadíssimas por causa do desligamento.

Nilton TUNA - Meu primeiro trabalho no jornal foi como copy. Pretensioso, deitava e rolava nos textos de repórteres experientes. Até que resolvi escrever uma reportagem. Claro, não consegui ordenar os fatos, coordenar as idéias e escrever algo razoável. Com paciência e doçura (quem a conheceu sabe), **MIRIAN** me ajudou a organizar tudo

e fazer um texto decente. A matéria saiu até com destaque! Sou grato até hoje.

Sérgio Pimentel **MOITA**, repórter, setorista de política, chefe de reportagem, mais tarde editor do Diário do Litoral e assessor político, trabalhou com o deputado Koyu Yha (alguém se lembra como é que se escreve o nome dele corretamente?). Atualmente na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Santos.



ERCÍLIA diz que está certo assim e denuncia mais um mijão (além do GÍLSON): : “Falam as más línguas que na sua época de Prefeito, Koyu Yha foi {Ué, é ia ou é foi?} fazer uma visita à Noemi (acho que era aniversário dela, ou algo assim). Lá pelas tantas, deu-lhe vontade de fazer pipi e lá foi Koyu regar as plantas da anfitriã, que não o poupou de uma bela bronca... caso matasse alguma.”

(Bem, ERCÍLIA, segundo a lenda – ou as mesmas más línguas a que você se refere – não deve ter matado nenhuma, não, né?...).

MÔNICA Nogueira Lima (será agora Marcondes, pelo casamento com o colega Guilherme Marcondes, de TV, que não teve a sorte de trabalhar com a gente... [desculpem a pretensão, né?])

Antonio **MOREIRA**, fotógrafo. Era um tanto rabugento (eu também sou), mas que quando cheguei me ajudou bastante com dicas importantes, que não se aprende na Faculdade. Ele foi hóspede por um tempo do navio “Raul Soares”, durante a ditadura militar. (HILDA). /// GAZETINHA - Tio do ITAMAR Felício de Miranda, começou como motorista da Distribuição



NADINE Filipe, repórter por apenas 10 meses no **Cidade**, entre 1975 1976. Está em São Paulo há 20 anos, onde trabalhou seis anos na sucursal de A Tribuna, passou pela ZDL de Comunicação e desde 1995 tem a sua assessoria de imprensa, chamada **Fatos & Notícias**, que atende clientes das áreas de Alimentação, Terceiro Setor, Propaganda e outros setores de Negócios.

NAIR Ribas D’Avila, nome de solteira (depois acrescido do sobrenome Canello, enquanto esteve casada com o Luiz Antonio Guimarães Canello), repórter, olhos super azuis (a rainha das roupas supercoloridas, prá mim era *portaló de porta-aviões*: bem colorida para o piloto ver de longe, mesmo no meio de nevoeiro, e pousar com segurança!)

VERA SD: “Olhos azuis e um sorriso lindo, lembram?...” [Claro que, VERA...]

ENEIDA - “Amiga legal, que viajou com SONNINHA, GILSON e ZEZÉ para a França, amassou muita uva, cuidou de crianças e deve ter também muitas histórias pra contar. Já pensaram, viajar com a dupla Zezé/Gilson?”...

NASSIM, secretário dos primeiros tempos, quando a Secretaria (apertada!) ainda era na sala ao lado da do FREDDI, no corredor de entrada.

HILDA - Soube por DOUGLAS Pereira que ele vive em Guarujá. Um dia mandou uma foto minha com Leila Diniz na praia do



**A BELA E A FERA NA PRAIA DO GONZAGA –
FESTIVAL DE VERÃO 1970 (Leila é a da direita!)**

Gonzaga, junto com um bilhetinho, também cuidadosamente guardado e que abro com medo de que o papel se desmanche: "PARA A NOSSA QUERIDA SOLERTE, QUE COM UMA BRILHANTE ENTREVISTA COM A LEILINHA, CONSEGUIU TRAZER UM FURO PARA O CS. SO TEM UMA RECLAMAÇÃO AQUI DA TURMA, POR QUE SÓ A LEILA DE BIQUINI? DA PROXIMA VEZ, REPÓRTER TEM QUE ACOMPANHAR O TRAJE DA ENTREVISTADA, TÁ?" Detalhe: Leila resolveu se sentar na areia e eu tive que fazer o mesmo para fazer a entrevista, só que eu usava uma saia de camurça... Na foto pode-se admirar a bolsa preferida da equipe da Redação..."

Ô Hilda, não vem não, não disfarça! Essa era o porta-níqueis!... E vendo a foto: caramba, como a Leilinha estava com o rosto queimado!... (Erre)

ENEIDA - Ainda era o secretário quando iniciei como copie, naquela saleta quente. Chefia camarada.



NELSINHO, Nelson Luiz da Silva, laboratorista.

NESTOR Figueiredo, que durante um bom tempo manteve no Orkut a "Comunidade Cidade de Santos", num esforço legal para reencontro da turma. (Cheguei a receber um e-mail para entrar nesse negócio, mas burro p'rá caramba em computador, não consegui... E não só não consegui como perdi um monte de coisas clicando alocadamente na tentativa de entrar... Um outro motivo para mandar esta brincadeira toda para várias pessoas é esse: a qualquer momento posso dar uma clicada capaz de sumir com tudo, mas aí vocês recuperam! Desculpe, ENEIDA!)

NILCE Maria Antunes Gonçalves, nome de solteira, repórter, cobriu educação, depois foi para a copidescagem, assumindo finalmente a Secretaria. Casou com o ÁUREO, um casal mais do que XX. Tinha mais gente da família na empresa do que o CALDEIRA, o mais espiroqueta de todos o primo PIU... Depois do fechamento do jornal foi para a A Tribuna, e com o surgimento do Expresso Popular assumiu a Secretaria, onde está hoje.



NIVAIR Neves, fotógrafo, hoje morando em Mongaguá, perdeu a vontade de fotografar, dedica-se à pintura.

ENEIDA: "E com Maria Luiza, a Iza, irmã do Serginho, tem como ocupação também a de cuidar dos muitos cachorros, ganhando - de longe - da ZEZÉ. Comunica-se pelo Orkut".



NOEMI Francesca de Macedo, repórter, casada com o ERALDO, editora do jornal ESPAÇO ABERTO. (Eu sei, tem senhoras ouvindo, eu também sou contra o palavrão no teatro, mas não dá para esquecer o dia em que ela quase mata o ROCHA, a Redação e a Secretaria de susto. Hora de fechamento, correria, solta a matéria sobre a prisão de um meliante qualquer, não sei o nome, mas lá estava o apelido, grifado, por inteiro: "... fulano de tal, vulgo 'JOÃO PUNHETA'!...).. [Perdão Noemi, perdão Eraldo!...O único lugar do mundo onde você pode pedir uma punheta em público, e aprecia-la bem!, é em Portugal (perguntem para a SÔNIA REGINA!...)... Fora disso ou você toma um tapa na cara ou o viado arrasta você para um canto escondidinho...]

NORIVALDO Pidoni, o NORI, diagramador, mais tarde também da Folha da Tarde.

NORONHA, não trabalhava no jornal, era o homem da banca.

HILDA: Se algum dono de banca de jornais de Santos tinha privilégios, esse era o “seo” Noronha: a banca dele era na rua do Comércio, quase esquina da XV, bem entre as portas da Publicidade e a da garagem, da Distribuição. Podia receber direto e de uma vez só Cidade de Santos, Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, Notícias Populares e Última Hora e se tivesse algum problema bastava chamar o ADOLFO, ali do lado. Uma grande figura o Noronha. Meio parecido com o Adoniran Barbosa, ele era quieto, mas participava de toda a vida que rolava ali no 32 da rua do Comércio. Alguém traçou o perfil dele para A PESSOA (foi você, Eneida?)

///. Alguns dos nossos heróis tinham conta com ele para revistas e outras publicações, e dava para saber mais ou menos quem estava em atraso, pois ele de vez em quando, no dia do pagamento, perguntava por alguém... Era extremamente discreto e boa praça.

NUNSEI o nome, não lembro direito o que fazia, acho que era mais para baixo do que para alto, não lembro com quem trabalhou. Pronto, esse(a) é um(a) dos nossos mais lembrados(as) que falta na lista...

ODILON Pereira Silva Filho, repórter de esportes, também vindo de O Diário, optou depois pela carreira de Advogado.

OLAVO de Carvalho, um dos copys da primeira fase, que veio de São Paulo na equipe do FRATERNAL. Eis a memória do VASCO: “Esse nome parece conhecido? Pois é ele mesmo, o hoje famoso Olavo de Carvalho, porta-voz anticomunista da extrema direita do País, contra a Reforma Agrária e que vende a preço de ouro os seus escritos anticomunistas. É paparicadíssimo pelas elites e pelos jornalões e revistas de direita... Para trabalhar melhor pelos patrões e não correr riscos desnecessários, vive há anos nos EUA. Era uma garotão de mais ou menos 23 anos, branco pálido, pois não gostava de sol, quieto, nervoso, não olhava para ninguém e estava sempre acompanhado pela esposa, uma moreninha magrinha... Entravam sorratamente e assim saíam... Já demonstrava ser o “intelectual” que se tornaria... .

Sérgio **ORÉFICE**, uma espécie de diretor financeiro ou administrativo, amigo do CALDEIRA. Foi também Diretor do Santos, ocasião em que foi acusado de agredir o jornalista Luiz Carlos de Assis, do Jornal da Tarde, e depois também ameaçou de agressão ao radialista Pinheiro Neto, então na Rádio Universal. O Estadão acusou o “**Cidade**” (e as demais rádios da cidade) de ignorar a agressão ao jornalista do JT porque um dos proprietários era conselheiro do Santos. Sumiu depois do episódio da venda do passe do jogador Marinho Peres, do Santos, para a Espanha.

OSWALDINHO, o Oswaldo de Mello, repórter, cobriu (e descobriu!) política, hoje na Prefeitura de Cubatão.

Ernesto Papa, o **PAPINHA**, irmão mais novo do Papa (João Paulo Tavares Papa, à época já político conhecido -- Sabesp e CET no currículo, depois Vice e atual Prefeito de Santos), fotógrafo, passou pela Fundação Arquivo e Memória de Santos.

ERCÍLIA não perdoa: “PAPINHA, certa ocasião, foi fazer uma matéria noturna sobre prostituição ou algo parecido. (*Dúvida do Erre, pertinente: política?...*) Como alguns cidadãos (*O Erre de novo: ô ERCÍLIA, ‘ãos’, não eram ‘ás’.* *Ãos não é metiê, é michê!*) ligados a esse metiê foram levados por uma viatura policial até o 1º Distrito (a pedido dos próprios), e ele se recusou terminantemente a fotografá-los. (É o que disseram as más línguas, na ocasião). Se procede, não sei, mas que ele se recusou a pisar na lama, para fotografar os buracos lamacentos, lá no Jardim Rio Branco, isto recusou-se! Estava comigo. Deu tanto azar que (não sei se não foi sacanagem do motorista), a viatura, uma Kombi, pifou bem no meio do atoleiro.... Coisas da vida!”

PAULINHO POLUIÇÃO, Paulo Mota, durante muito tempo setorista de... Claro! Cubatão!... A ENEIDA soube pelo Orkut que ele não gostava nem um pouco da brincadeira, mas acabou acostumando. Hoje tem cargo importante na Prefeitura de... Cubatão!

PAULO Alves, repórter, cobriu sindical e porto, Foi para a A Tribuna, onde está até hoje.

PAULO Esteves Passos, o Paulo PITECO (personagem do Maurício, por causa do cabelão e da barbona preta, compridona), repórter, setorista sindical, foi editor do jornal TRAVESSIA, em Guarujá, hoje atuando em assessoria sindical.

Luiz Carlos **PECE**, repórter, no início do jornal.

Milton **PELEGRINI**. Repórter, demitido porque insistiu em marcar o cartão-ponto na entrada e na saída. Atualmente é professor e, segundo a ERCÍLIA, é estudioso de sons e adjacências.. Olhem a bomba da **ERCÍLIA**: “Depois da demissão do PELEGRINI, BLANDY fez um comunicado, **advertindo** em escrita cândida e gentil que bastava bater o ponto uma vez por dia (ou entrada, ou saída) e afixou no relógio-ponto para que todos pudessem ler. Um dia bateu-me uma ‘inspiração’ e arranquei o tal comunicado, que guardei nos meus alfarrábios: poderia ser útil no futuro. Oh! Santa intuição! Usei-o quando entrei com ação contra a Folha, reivindicando o pagamento de horas extras e provando que não podíamos bater o ponto duas vezes. BLANDY descabelou-se, na época, para saber quem tinha sumido com o tal papel, arrancou os pentelhos e tudo. Fui eu, BLANDY!!!”...

José **PEREIRA**, não trabalhou no jornal, era um dos assíduos da Redação, ligado ao Jabaquara, amigo do MAGALHÃES e depois do BLANDY. Dono de uma tipografia, gozador, acabou sendo gozado quando foi convencido a sair candidato a vice-prefeito, pelo PDT, numa chapa com o sindicalista Martinho (?). Tiveram tão poucos votos que acho que nem eles votaram neles...

PIEIDADE, telefonista, a que sabia de tudo de todos...

Carlos **PIMENTEL** Mendes, repórter, cobriu o Porto, especializando-se na matéria. Foi jornalista responsável do encarte Navegação Marítima, publicado pelo Estadão, e atualmente mantém o site www.novomilenio.inf.br.



Carlos Eduardo de Souza **PIRES**, diretor de Publicidade no início do jornal.



PIU, o Claudinho, Cláudio Canais Antunes, laboratorista (ex-boy mais louco do pedaço!), irmão do ARMANDO motorista, filho do seo JOÃO, motorista, sobrinho do ARMANDO, motorista, e primo da NILCE MARIA.

João Marcos **RAINHA**, repórter, cobriu Polícia, foi (é?) dirigente sindical.

REGINA Macedo, copy e repórter (plantão na chefia de reportagem aos sábados, pela manhã), há algum tempo era assessora do Deputado Ricardo Trípoli, na Assembléia Legislativa.

REINALDINHO Nazário, boy.

RENATO Alonso Carneiro, repórter, setorista de São Vicente, depois assessor do prefeito Antonio Fernando dos Reis, já falecido. Assessor de imprensa na SABESP há uns 15 nos.

SHEIK - RENATO é assessor da Cetesb há mais de 20 anos, desde quando se transferiu do “**Cidade**” para a SUDELPA. Lembro bem do brilho nos olhos do Paschoalini, quando o RENATO narrou a cobertura que fizera do Ermeto tocando dentro de uma caverna do Vale do Ribeira. Acho que nem eles lembram disso, mas eu lembro.

Entra o próprio **RENATO**: “Que bom que este encontro está acontecendo... da família “**Cidade**”. Fomos, de fato, por alguns anos, uma boa, irreverente, ousada e muito louca



família. Tenho muitas saudades de todos. Até guardo alguns flashes na memória – que me trai constantemente (será que foram os excessos??). Como o dia em que o ISALTINO, depois de uma noitada na X-9 (ou foi na Império?) acordou em cima da mesa, na redação, cercado de velas, achando que tinha passado desta prá melhor, lembra? Ou quando a HILDA entrou pela manhã na Redação, queixando-se de uma baita dor nos pés, não percebendo que havia invertido os sapatos (tem quem jure que isto não passou de folclore). E aquela do Erre, que entupiu o cachimbo do Blandy de desodorante. E todos nós, assistindo aquela cena hilária do cara, dentro do famoso “aquário”, tragando, cuspiendo e xingando, achando que tinha

comprado um fumo de merda. São tantas histórias. O SHEIK, que dividiu comigo parte desses quase 20 anos (na verdade são 18) na Assessoria de Imprensa da Cetesb, lembrou um momento muito especial, quando tive a felicidade de ir ao encontro do Hermeto Paschoal, no Vale do Ribeira, que estava gravando o documentário “Sinfonia do Alto Ribeira”, na Caverna de Santana, no PETAR. Também estavam lá o velho e bom MAURI, o NIVAIR (fotógrafo), E se não me falha a memória ainda levamos o Gilson Miguel de contra-peso. Foi uma “barca” e tanto. Depois das gravações, ao cair do dia fomos prá beira do rio, ao lado de uma fogueira e o Hermeto nos presenteou com improvisos maravilhosos. Viajamos... e todos caretas. E isto aconteceu num momento também muito especial do “**Cidade**”, com o Gabriel TRANJAN na editoria geral. E falando nele, que festas (ou foi apenas uma?) que fizemos no aniversário do jornal, lembra? Todos fazendo trenzinho no meio da Redação. E puxado por quem?... Pelo editor chefe... trêbado!. Só no “**Cidade**”. Sobre o tal MUSEU, lembrei agora que guardei, em casa, a matriz em folha alumínio de um cartaz que eu mesmo produzi - copiando um desenho do Henfil - sobre um debate que a Comissão de Greve dos Jornalistas de Santos organizou na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, contando com a presença do Lula (ainda sindicalista) e do Plínio Marcos. Na última hora, o “pelego” do presidente de plantão do sindicato (não me lembro o nome) melou o encontro e ficamos putos da vida. Mesmo assim fizemos a reunião; o Lula não foi... *(é o Erre, não querendo interromper, mas já interrompendo, deixa eu defender o Lula, RENATO: Ele também não sabia da reunião!...)* ...mas o Plínio Marcos apareceu. Lembro que foi um bate-papo muito legal. Depois saímos prá tomar umas cervejas no bar da esquina. Acho que você (HILDA) também estava... Beijos a todos e até a próxima.!

HILDA - Aquela história dos pés de sapatos trocados aconteceu com a ZEZÉ - que colocou o direito no esquerdo e vice versa. Eu usei pelo menos três vezes sapatos de cores diferentes e uma vez aí mesmo na SMA, sandálias diferentes e só percebi porque havia uma diferença pequena no tamanho dos saltos. Para minha desculpa os modelos eram muito parecidos.

RICARDO Marques, repórter, cobriu a Câmara. Escreveu, com o MAURI, o livro 'SOMBRA SOBRE SANTOS'. Um episódio que ficou famoso: Paulo Maluf foi visitar a Redação. RICARDO foi chamado para fazer a matéria e entrevistar Maluf. Partiu logo para a provocação, perguntando a Maluf sobre sua fama -- aquele negócio do nome dele ter virado adjetivo. Maluf assimilou o golpe e desconversou, mas RICARDO insistiu, irritando Maluf, que logo revidou apelando, perguntando se o jornal publicaria insinuações de que o jornalista seria homossexual, o que ele não acreditava, tal e coisa, virando quase um bate-boca. Maluf era amigo de CALDEIRA, que quando soube do ocorrido, mandou publicar um texto sobre o dever de receber bem, com hospitalidade, as pessoas que nos visitam etc. e tal. Título da matéria: "PRATIQUE A CORTESIA".

RITA de Cássia Caraméz, repórter, cobriu esportes. Gostou tanto que acabou técnica (isso mesmo: técnica!) do time de futebol de salão do “**Cidade**” (quer dizer, o que eles pensavam que era futebol de salão).... Graças a isso levou como presente do Inimigo Secreto um apetrecho



inovador (que poderia pôr muito molenga para correr em campo – ou na quadra): o aparelho meigamente batizado por Esmaga-Saco! Consistia em 2 tacos velhos (daqueles de piso, antigos, recolhidos no lixo), unidos por um pedaço de correntinha velha (40 cm) daquelas de puxar a bomba nas privadas antigas (sim, isso, daquela que o VERGARA ficou pusto que algum vândalo tirou do banheiro dele), compondo assim um conjunto semelhante ao **tchaco** (aquela merda que os caratecas competentes usam girando aloucadamente em todas as direções para malhar o inimigo e os caratecas incompetentes usam para fraturar o próprio crânio, ou o próprio nariz). Segurando um taco na mão direita e outro na esquerda, batendo-os com bastante força, produzia um ruído característico se não houvesse nada entre eles, e uma dor horrorosa se pegasse o saco do atleta ali no meio... O ruído característico poria imediatamente aqueles vagabundos para correrem em campo – ou na quadra, sem precisar que a madame ficasse gritando alucinadamente para tentar tirar do lugar. aqueles montes de banha.flácida. . Pena que a invenção não foi patenteada: ia ser ótima no ataque do Santos. Ah, sim, a RITA, que hoje trabalha na PRODESAN, casou com o fotógrafo WILSON Melo e têm uma bela loja em Santos – vejam na ficha dele.

Lembra a **ERCÍLIA**: .”Pertence a uma instituição protetora de animais. Dizem as más línguas que em seu lar há mais caninos do que gente e WILSON precisa entrar na fila (em último lugar) para receber um carinhozinho da mimosa senhora. (Agora mesmo, em junho/07, deu entrevista na TV Tribuna sobre os cuidados com os animais abandonados da cidade).

”

ROBERTO Dantas, repórter no início do jornal.

ROBERTO Fernandes Peres, **BETO**, editor de variedades e cultura, mantém há anos ---com a esposa, também jornalista, MARIA ALICE – o CADES, Centro de Arte e Decoração de Santos, na rua Paraíba 18. Para a **ERCÍLIA**, “era um santinho, conseguindo conviver pacificamente com ZEZÉ e seus devaneios.” Ilustrei para ele, para variedades, por algum tempo, a página dominical do **Bedelho**. Foi divertido, mas quase me valeu um sério problema. Eu fazia caricaturas, desenhos, ilustrações, montagens e aplicava a cabeça do Bedelho sobre fotografias. Um dia peguei uma seqüência de 3 fotos de uma revista francesa, de cenas de um filme da Brigitte Bardot. Na primeira os dois na cama, o cara começando a montar nela, na segunda o cara já montado, os dois começando a rolar, na terceira os dois tinham caído da cama, só uma das pernas dela aparecia, a partir do alto da coxa, esticada, apontando para o

teto. Taquei a cabeça do Bedelho e, na última, o *baloon* “Ah!.. Jaqueline (xxx) no original!”... Essa Jaqueline era uma atriz francesa, vedetona, um luxo, que atuava na TV brasileira falando mal o português, com sotaque francês ostensivo. Alguém safou a onça antes da impressão (acho que na secretaria paulistana): eu não sabia, obviamente o ROBERTO não sabia, ninguém por aqui sabia (ninguém lia Capricho, o Néelson Rubens ainda



era estafeta em algum bordel, para ser tão fofoqueiro – e ainda tem cara de estafeta, não tem?), disseram que a dona era amante de um certo figurão mais do que ligado à Folha, que até hoje não dá para comentar... Podíamos ter perdido o emprego, eu, ROBERTO, MARIA ALICE (Xi, ia atrasar a fabricação do Lucas!), ANA MARIA, o BLANDY, o porteiro, os motoristas, os fotógrafos (TÃO IMPORTANTE ERA O HOMEM!)...

HILDA - Era um grande prazer trabalhar com o BETO Peres. Como já disse ele me resgatou do Porto e lá fui eu para Variedades, onde ZEZÉ já pontificava há anos. Uma das qualidades do BETO: não obrigava ninguém a trabalhar fora de hora. Se havia voluntário, tudo bem. Caso contrário ele passava para a geral. Ele foi responsável pela criação do CADERNO DE DOMINGO de grande qualidade tanto visual quanto de conteúdo. A edição que teve como capa uma exposição de Picasso no MASP estava, no Museu, entre as melhores publicações sobre o evento..

ROBSON, repórter, fez polícia, hoje professor de comunicação na Universidade Santa Cecília.

ROCCO Bonfiglio, um dos copys da primeira fase, que veio de São Paulo com a equipe do FRATERNAL.

Abissair **ROCHA**, repórter e editor de polícia, também radialista, com passagem pelo "Luta Democrática", de Tenório Cavalcanti, editou o jornal "SEM CENSURA" (Rocha & Filho Editora Ltda.), hoje no telejornal RADAR LOCAL, da VTV, e na Rádio Cultura. Volta e meia trocava de aparência: com bigodão para sem bigode; de cabelo comprido para cabelo curto, deixava crescer de novo (demorava um pouco, né?), mais bigodinho, com costeletas, sem costeletas (topete? Não lembro...) {*} tipo Homem das Mil Caras. Não deu outra: diziam que cada vez que um dos personagens *mais queridos* das suas páginas fugia da cadeia, tratava de se disfarçar... (No jornal dele o Erre fez uma coluna de humor, "Aqui, Ó!", sob o pseudônimo super adequado de Zé Mané!! – que também usou quando fazia a coluna O FERRO no jornal "1.ª PÁGINA", do GILSON Miguel).. Desculpem, só para não perder a oportunidade de um *chiste* da época: *"Deus é brasileiro, mas depois de collar e Itamar Frango foi visto cruzando a fronteira em Foz do Iguaçu, para se naturalizar paraguaio"*. (Agora, com o Lula, é que ele não volta mais!).

Um episódio, em que entrou de gaiato, valeu-lhe boas gozações por parte dos chatos da Redação (Quem? Eu?).. Hora de fechamento, veio o aviso por telefone: rebelião brava no presídio! Era ali no 1.º Distrito, na Av. São Francisco. Correria, lá foi a viatura com repórter e fotógrafos (não sei quem, vamos ver se alguém relembra), informações apressadas por telefone, confusão, tiros, feridos, 2 presos mortos. Checa daqui e dali, corre atrás, como foi, nomes, aquela pressa em tudo, telefonemas para todo lado, IML, Bombeiros, Santa Casa, Pronto Socorro, fecha a matéria, a hora do fechamento estoura, conseguem-se as confirmações aqui e ali, finalmente sai a matéria. No dia seguinte está tudo explicadinho no jornal. Só que um dos dois mortos, levados ao PS lá pela madrugada para confirmação do óbito por laudo médico, na verdade não estava morto. Safaram o cara, acabou recuperado, mas ninguém avisou ninguém. Algum tempo depois, libertado, o sujeito aparece na Portaria, jornal com a notícia da morte, com foto e tudo, debaixo do braço, querendo que o seo ROCHA fizesse matéria desmentindo a morte dele... Durante muito tempo sofreu a gozação do pessoal querendo saber quem ele estava matando aquele dia...

Vamos ver se o bom e velho repórter policial arranja tempo para lembrar passagens memoráveis do jornal, que faz tanta falta, como o terrível incêndio da Vila Socó, em Cubatão -- ROCHA foi o primeiro repórter a chegar ao local (apesar de outras fontes



indicarem que foi uma equipe de A Tribuna) --, com cenas chocantes que o fizeram "travar" na Redação, na hora de descrevê-las, apesar de toda a longa experiência na crônica policial e suas barbaridades. Não foi fácil estancar as lágrimas e produzir o material para o dia seguinte. Lembrar a reportagem que denunciou a existência de um sujeito muito triste, tristão mesmo, um necrófilo em uma instituição respeitada da cidade, que incrédula saiu em defesa de seu funcionário, tentando desacreditar o jornal, e que, depois, comprovada a aberração, teve que se desculpar. Lembrar também o caso do médico metido a valentão, com várias agressões covardes acontecidas na cidade, e que, denunciado na coluna do ROCHA, a popularíssima "QUEBRANDO O SIGILO", acabou processado e condenado (mais tarde, por outros motivos, seria demitido da Prefeitura de Santos a bem do serviço público). Lembrar a descoberta e denúncia, com o TATEO fotografando, no Litoral Sul (foi em Peruíbe, ROCHA?), de um incrível núcleo que se autodenominava Ku-Klux-Kan (?), espantava curiosos (cartaz nas proximidades: "Agradecemos sua Ausência"), proibia visitantes e tinha nas instalações canhões rudimentares e outras tranqueiras hostis. A matéria acabou levando ROCHA a prestar depoimento junto a Autoridades Militares que não se conformavam de não terem sido avisadas ANTES pelo jornal, ou melhor, pelo repórter... (Na foto, ROCHA pula a cerca literalmente, para fazer a tal matéria.

Reparem no canto à esquerda, um dos amarelinhos da Folha). E muito mais, quando ele tiver tempo de lembrar.

Resumo do **BONSEGNO**: "ROCHA, repórter policial por vocação, veio do Rio de Janeiro e entrou para o 'Cidade' já na editoria de polícia, como repórter. Sagaz, bom profissional, chegou a editor e durante anos foi um combativo jornalista policial; mais tarde criou seu próprio jornal semanário e passou a se dedicar, como faz ainda hoje, ao noticiário policial em rádio e emissora local de televisão.

(*) **ERCÍLIA**: ô Erre, você já viu cabelo pixaim dar para fazer topete?... Um adendo. Certa ocasião entrou um sujeito na Redação (devidamente autorizado pelo porteiro!), para dar um pau no ROCHA! Rapagão alto, forte, se achou o tal. No primeiro golpe ele descobriu que o ROCHA era faixa preta... Reapareceu no dia seguinte, para pedir desculpas, porque freqüentava o pedaço da Rua do Comércio...

RODOLFO Meireles Braga, também filho do ROCHA, boy na Redação, também lembrado pela ENEIDA, que ela não sabe onde anda, um rapaz (aparentemente) pacato e pouco falante. O ROCHA esclarece que ele vive e trabalha em Santos, está casado, com 3 filhos, um deles já universitário de Direito.

ROQUE Lima, passou pelo jornal por pouco tempo, segundo lembra a Hilda.



ROSAMAR Rosário, repórter, foi para São Paulo trabalhar em publicidade – junto com CÁTIA, GLORINHA e SONINHA --, na Salles interAmericana de Publicidade, do lendário Mauro Salles, fazendo assessoria de imprensa e revistas pra empresas. Hoje está com a SONINHA na Fatos Comunicação e Editora, em São Paulo.

ROSANA Tozzi Meireles Braga, filha do ROCHA, que lembra a **ENEIDA**: "diagramava, não recordo se era contratada ou estagiava. Ou se naquela fase não havia mais estagiários... Sei que ela diagramava com a VÂNIA, depois casou, foi para Ribeirão Preto, tem filhos e não tive mais notícias, além de um cartão que recebi quando Larissa ainda era criancinha!"

O **ROCHA** esclarece: ROSANA, casada, há anos vive nos Estados Unidos, em Houston, Texas, e os 2 filhos já estão na fase universitária.

ROSÂNGELA Menezes, repórter, cobria Prefeitura, hoje está na FAMES, Fundação Arquivo e memória de Santos, com a CRISTINA. Era uma das maiores vítimas do calor do fim da tarde, ou melhor, do calor da hora do fechamento. Pleno verão, todo mundo rachando a máquina para o fechamento do jornal, volta e meia acontecia uma coisa inexplicável, que ninguém percebia (concentração total nas matérias): os ventiladores, que já não davam muita conta do calor, desligavam-se!... Aí, instintivamente, as pessoas procuravam alguma coisa para se abanarem, e algumas não tinham dúvida: concentradas, e distraídas, entreabriam as blusas ou se abanavam com a própria saia!... Claro, o calor em volta aumentava...Lá em ZÉ LOUSADA está registrada uma boa aprontada dela, em um Inimigo Secreto...

Reinaldo **SALGADO**, repórter, cobriu a Câmara Municipal de Santos, depois foi para A Tribuna.

SARDINHA, porteiro do prédio da rua do Comércio 32 e piloto do elevador fantasmagórico...!!! Uma *brincadeira* que alguns sacanas gostavam de fazer, para desespero do porteiro e de alguns raivosos dos andares superiores: abrir levemente a porta pantográfica daquela antigüidade, travando-a no último andar ou no térreo...



Reinaldo **SASSI**, repórter de política, depois chefe de reportagem.

GAZETINHA - Casou com a VERA Lúcia Fernandes. Foi assessor de imprensa do deputado estadual Ricardo Castilho, até o começo deste ano. Deve estar morando em Penápolis, onde já exerceu o cargo de Secretário da Educação..

Roberto **SASSI**, irmão do Reinaldo, setorista em Cubatão.

Antônio Carlos **SCHIAVETTO**, ou só “*ESQUI*”, chefe de reportagem vindo da Capital para a implantação do jornal, casou com a repórter MIRIAN Pedro (acho que o nosso primeiro casamento intramuros). O jornal tinha dois fechamentos: um em Santos, com a preparação completa das matérias, que depois, lá pelas 20h, 20h30, seguiam de malote para a Capital, onde uma Secretaria fazia o fechamento final, inclusive introduzindo matérias de Agência. Como fechava cedo em Santos para depois ser impresso na Capital, fiz uma brincadeira: “se um maremoto inundar Santos à meia-noite, a A Tribuna (que é toda feita aqui) não circula no dia seguinte; o “**Cidade**” circula, mas não vai dar nada do maremoto”... Parecia até algum segredo, tal o cuidado do SCHI em me advertir, a toda hora, que não devia ficar falando aquilo, nem na Redação...

Cena comum: da mesa dele, de frente para a Redação, vivia rindo de mim, da cara séria (mais feia que o normal), enquanto eu pensava nas piadinhas para a coluna (você acreditam que aquilo era pensado?... Pois é...), e me gozava dizendo que parecia que estava fazendo coluna de terror. Grande gozador -- e grande coração -- não resistiu muito e, em pouco tempo, eram duas caras feias: eu e ele, que nos piores dias vinha ajudar a bolar alguma coisa... Aí quem gozava os dois era o ALCI, que chamava gente para ficar, de longe, zoando a cara dos dois... Não preciso dizer: nos dias ruins, ruins mesmo, éramos 3: SCHI, ALCI e eu... (E notem: não estou de jeito nenhum botando a culpa neles pelas piores colunas, ta?...) (Gostaram da piadinha?...)

Diz o BONSEGNO que o SCHI mora em Limeira, onde é próspero comerciante.

ELIANA - Não é comerciante não, é sim Diretor de Redação de um dos maiores jornais de lá... (Pô, ELIANA, descobre qual é o jornal... Já tentei de todo jeito – até através da filha, pela Internet -- e não consigo localizá-lo...)

Ricardo **SCHIAVETTO**, fotógrafo, irmão do anterior... Certa ocasião fui fazer matéria com ele e seguíamos pela avenida Martins Fontes. Ele com sua máquina dependurada no pescoço. Pouco antes de chegar o Cemitério do Saboó, a viatura passou em um buraco e com o solavanco a máquina fotográfica “pulou” e bateu na minha boca. O que aconteceu? Ganhei um dente postiço porque o original ficou sem a metade! Acidente de trabalho. (ERCÍLIA).

SENADINHO, o tradicional Café Paulista, também restaurante, que rivalizava com o Café Carioca (o rei dos pastéis no Centro, até hoje!) na preferência dos políticos como ponto de encontro e produção de conchavos, intrigas e fofocas. O Paulista estava bem na zona cafeeira, o Carioca ao lado da Prefeitura e Câmara, ambos nas extremidades da zona bancária, nos bons tempos da Rua XV de Novembro (assim, XV em romanos, mesmo). De memória (help!), acho que está entre o BLANDY e o ALLENDE a paternidade do apelido, lançado no “**Cidade**”, e que hoje está consagrado. /// Uma das delícias do fim de tarde era tomar um cafêzinhos no Paulista, geralmente lotado, e ter a sorte de ver passar o ITAMAR pela rua do Comércio... Aí, era só gritar (fiz isso várias vezes!) para ele, lá do balcão, “Sêo Felício!”, e lá vinha aquela profusão de impropérios e palavrões cabeludos em direção ao Café, assustando os freqüentadores... Várias vezes ele passou por maluco malcriado... /// Lembram do escândalo do “Mar de Lama” em Cubatão?... Pois é... Um fim de tarde desses, tomando café e batendo papo em uma rodinha na porta do Paulista (sem o ITAMAR por perto, ou virava bagunça), quando ainda não tinha estourado o caso, chega o carrão preto do prefeito de lá, com mais um ou dois personagens do staff. Os três (ou 4?) descem, entram no Paulista, o motorista estaciona o carro do outro lado da rua, entre o “**Cidade**” e a antiga loja do Camiseiro. O trio vai e senta-se junto com duas outras figuras que já estavam lá, e ficam num papo agradável. Não demora muito e um dos assessores sai do Paulista com uma 007 na mão (posso jurar que tinha entrado sem ela), chama o motorista, entrega a maleta, volta para o Café, o motorista vai e guarda a 007 no porta-malas do carrão. Da rodinha que logo se desfaz, 2 seguem para o jornal, para trabalhar, com um comentário irônico: “Viu a *mala preta* voando?...” Pouco tempo

depois estoura o escândalo, os 2 do bar eram de pelo menos uma das empreiteiras envolvidas. O que vocês acham?...

Carlos Antônio Guimarães de **SEQUEIRA**, repórter, nos primeiros tempos, cobriu Polícia nos tempos do BLANDY. Advogado, prestou concurso e assumiu como Delegado de Polícia, quando casou com a CLEOFE e foram para São Paulo, trabalhando ambos na Folha da Tarde.

GAZETINHA - Ele chegou ao alto posto de Delegado Divlsionário, comandando o Instituto de Identificação.



SERGINHO, boy do período da manhã.

HILDA - **SERGINHO** era office-boy no período da manhã. Mas tinha um sério problema: acordar cedo. Depois que eu lia os jornais do dia, a tarefa dele era recortar e colar tudo o que eu marcava. É, agora, chama-se clipping. No "**Cidade**" chefe de reportagem lia todos os jornais, fazia a leitura para o clipping, fazia itinerário de repórter, gerenciava viatura e preparava a pauta ... Ah! Tudo isso entre uma visita e outra à Sala da Paz Universal, que podia estar ou não fazendo jus ao título. Claro que o salário era por uma função só. (*) Assim, era preciso que o boy chegasse na hora porque senão eu também tinha que colar os recortes mais urgentes para entregar aos repórteres da manhã - acho que eram 3 - incluindo o portuário. Cansei de fazer isso porque invariavelmente, ele chegava fora do horário. Muitas vezes tive que enrolar o BLANDY para evitar que ele fosse mandado embora. Houve um aniversário em que dei de presente pra ele um travesseiro e depois Macunaíma (que ele não deve ter lido). (**)

(*) Acho que não é só perdas e danos... Olhai, **CHICÃO**, está com pinta de que a **HILDA** também anda pensando em alguma tardia ação trabalhista...

(**) Pô, **HILDA**, para ler?... Aí é que ele dormia mesmo!...

SÉRGIO APARECIDO Gonçalves, colunista da "Alta Rotação", de automobilismo, depois foi para a Assessoria da Ford e posteriormente pra a A Tribuna, onde criou e editou por vários anos o Jornal Motor (quem sai aos seus não degenera: o filho, Cristian, também é apresentador de programas de automobilismo na TV). Também foi d'O Diário, onde editou a mesma coluna, e que, quando foi contratado, apresentou as colunas que eu fazia lá ao **FREDDI** e ao **ÁGGIO**, que me chamaram para o "**Cidade**", quando ainda estava em fase de montagem.

SÉRGIO Bicudo Avelar, repórter do início do jornal.

SÉRGIO Luiz Correa, repórter de esportes, mais tarde editor de esportes na A Tribuna, hoje dá assessoria de imprensa e é colunista do Jornal da Orla.

SÉRGIO Trindade, repórter, cobriu esportes.

SÉRGIO Vaz, fotógrafo, que a **HILDA** não identificou mas do qual aparece o nome em matéria feita por ela.

SERI, Sérgio Ribeiro, chargista, hoje atuando no Diário do Grande ABC, de Santo André. Em seu começo editou um jornalzinho de uma página só, "O BOCA", papel sulfite tipo carta, e ia para o Gonzaga distribuir de mão em mão. No primeiro número, como todo jornalista que se preza, deu um "furo". Só que furo sem aspas, era realmente um furo, um buraquinho, no meio da folha... (Cheguei a colaborar com ele! Tinha um cantinho do Erre!). O UNIDADE, na edição de junho/2007, dedicou-lhe a última página, a seção "Imagem", com exemplares belíssimos de seus trabalhos.

José Alberto Pereira, **SHEIK**, repórter, até outro dia (quando começamos a brincadeira) era Secretário de Comunicação do Prefeito de Santos, logo depois não era mais. . Na carreira de

escritor lançou recentemente, de parceria com a HILDA, o livro 'SANTOS – UMA HISTÓRIA DE PIONEIROS, PIRATAS, REVOLTAS, EPIDEMIAS, CARNAVAL E FUTEBOL", pela Realejo – Livros e Edições.



HILDA - SUPERSHEIK -- -A melhor história na conta do Sheik. Ele apareceu no **CS** no final de 1984 para estagiar, quando SAMPAIO era editor. Havia uma vaga e dois candidatos. Na hora de contratar, SAMPAIO preferiu outra pessoa. SHEIK foi conversar com o editor para saber o motivo da escolha. SAMPAIO resolveu se livrar dele jogando nas costas do FRIAS a decisão: --"Seo FRIAS não gosta do seu texto." SHEIK não engoliu a história. Como bom jornalista, resolveu checar a informação. Subiu a serra, foi à Barão de Limeira onde pediu audiência com Octávio FRIAS,

sendo recebido na hora, sem problema, para grande azar do SAMPAIO. Apresentou-se e disse que tinha sido despedido, mas não entendia como ele (FRIAS) não gostava do texto dele se todas as matérias que fizera tinham sido publicadas pelo jornal. --"Meu filho, nunca ouvi falar de você nem li nada que tenha escrito". Mandou a secretária ligar para o SAMPAIO e determinou ao solerte editor que contratasse o SHEIK..."

[Com licença, deixa contar a verdadeira estória dessa admissão: o FRIAS em questão, claro, A-D-O-O-R-O-U aquele seu brinquinho, SHEIK!....]

ERCÍLIA: "Parece que SHEIK era dado a '*frias*'. Pois não decidiu passar férias na Antártida, com Itamar?. Ambos se foram, e em alto mar ligaram para BLANDY dizendo que estavam a caminho das geleiras. Aí, a coisa esquentou, pois enciumado, BLANDY mandou que retornassem imediatamente, ou seriam demitidos. O que aconteceu? Foram demitidos, curtiram a grande viagem e ambos (SHEIK e ITAMAR) ficaram felizes para sempre." (Em ITAMAR a história está contado um pouco diferente).

Versão enviada pelo SHEIK: "Demissão de marujo se dá no mar : Todos sabem que ganho o pão – e a farinha de mandioca também – como jornalista. Na alma, continuo marinheiro, atividade que exerci quando prestei o serviço militar, depois de ter sido comerciário ali mesmo, na rua Amador Bueno, no ramo de bazar e papelaria – origem das minhas vinculações com o mundo árabe e o gosto por livro, que leio menos do que compro. Mas a história aqui é outra. Vamos esclarecer a minha viagem – a trabalho - para a Antártica. Se virou férias foi por culpa do editor que disse que se 'pingüim não lia, pra que mandar jornalista pra lá?'. Mas fomos, eu e Felício, melhor dizendo: ITAMAR. Lembremos que ele detesta o Felício. Em compensação é apaixonado pelo ITAMAR. O editor BLANDY decidiu, um dia antes da partida do 'Prof. W. Besnard' (*navio oceanográfico da USP*), que a dupla não viajaria mais, pois o material não era de interesse do jornal. Contatei os amigos em Sampa e ficou acertado que a Agência Folha, se não me engano dirigida na época pelo Nitri, receberia o meu relato diário da grande jornada. A comunicação era de enlouquecer. Uma verdadeira triangulação. O rádio do navio contactava uma base em terra. Não sei porque, mas eu falava via Belém do Pará. O operador da base ligava para o número desejado e começava o suplicio: metade da conversa era perdida pelos rinc, onnnn. Mas vamos ao que interessa: texto pronto ligo para uma simpática criatura com sobrenome Trovão. Aviso que estou pronto para a primeira narrativa de umas trinta que pretendia fazer. Do outro lado, depois de um silêncio enigmático a doce voz da filha do Trovão explode como numa noite de tempestade: '--Sabe SHEIK, tenho uma notícia muito chata'... Antes que ela terminasse me antecipo: '--Fui demitido?'. Ela mais constrangida do que eu: '--É. Não posso receber sua matéria, você foi demitido.' Tentei ser simpático com a moça, pois o constrangimento dela viajava com as ondas de rádio que ligava o lugar nenhum no meio do Atlântico com a Barão de Limeira. '--Esquenta não', disse e desliguei o rádio e comecei minhas férias antárticas, que perduraram muito mais tempo depois que descobri que não tínhamos fotografias para negociar uma matéria com a Revista Manchete (que também já é parte da história). Essa e minha primeira demissão pelo falecido SAMPAIO ficam pra depois.

/// Ô SHEIK, vê se te manca e manda logo: Novela *quente* já é dose, imagina novela gelada!... (Erre).

José Carlos **SILVARES**, repórter, fez política e porto, depois foi para a A Tribuna onde chegou a editor de Porto & Mar. Colecionador de cartões postais, foi co-autor de um livro sobre o assunto.

GAZETINHA - A informação que eu tenho é que é assessor de imprensa da Codesp.

/// Ele é contratado da Codesp mas atua no CAP – Conselho de Autoridade Portuária (Erre)..

SÍLVIA, repórter, foi casada com o BETO e, mais tarde, divorciada, casou com o OSWALDINHO.

SÍLVIA Popó, limpava a Redação e fazia café. Também conhecida por JOSEFA, irmã do fotógrafo ERALDINHO.

SÍLVIO Luiz Francisco, boy (lembra a HILDA).

"Jovem simpático, visual sério com aqueles óculos tipo John Lennon". (ENEIDA).

Mário **SKREBYS**, repórter, cobriu política e dava plantão na chefia de reportagem, acreditava em descobrir uma fórmula para ganhar *na certa* na Loteria Esportiva, foi para a A Tribuna e levou a mania com ele. Que se saiba, nunca achou a tal fórmula. Certa vez, na Câmara, ele pela A Tribuna, querendo arrancar uma exclusiva, a ERCÍLIA pelo "**Cidade**", furando a exclusiva, tiveram um arranca-rabo, com o vereador Armando Pacheco Guimarães, por sinal pai da MARIA ALICE, servindo de mediador. Acho que ele perdeu.

Lembrança do **BONSEGNO**: "*SKREBYS*, tipo fechadão, maníaco por relógios caros, grande jornalista, logo assumiu a chefia de reportagem. Esteve durante anos no **Cidade**, depois foi demitido, como outros dos bons, pelo **BLANDY** (que não queria ao lado os mais independentes); foi para A Tribuna. De lá, por concurso, assumiu função de jornalista na Câmara Municipal de Santos."

Outra mania:dele: vivia esfregando um anel no peito da camisa.

Roberto **SOMOGYL**, do grupo de preparadores do início do jornal.

SÔNIA AMBRÓSIO (ex-Cooperativa de Pesca Nipo), repórter. Contou o seguinte: casou com um inglês (aí virou SÔNIA Ambrósio de Nelson), as fotos de casamento foram cortesia do Luizinho fotografo; o chá de cozinha foi cortesia da CIDA Ducci a recepção foi cortesia do Odárcio Ducci --. Como jornalista ainda usa SÔNIA AMBRÓSIO, e, como acadêmica é Sonia Ambrosio de Nelson, tem 3 filhos, nenhum ainda casado. A mais nova, Larissa, formou-se este ano em Anatomia e a formatura foi no País de Gales (UK), os outros dois, Dennis e Annelise, estão em Londres, e a mãe, doida para voltar ao Brasil!!!, hoje mora em Cingapura, depois de mais de dez anos nos Emirados Árabes Unidos. De vez em quando visita Guarujá,,onde tem parentes (deve vir este ano, em agosto). Continua exercendo a profissão como correspondente de vários jornais.

ERCÍLIA conseguiu contato e a própria vai chegando:



"Hi mulher maravilha! Enfim, li o material que você me enviou sobre o 'Cidade de Santos'. Genial mesmo! Para quem posso passar informações? Tem uma série de situações gostosas do tempo do 'Cidade'. Gente muito boa! Experiências hilariantes, como ir de saltinho e roupinha de verão para cobrir carregamento de carvão na Cosipa!... Passar mal durante a visita do Prefeito de Santos a um Posto de Saúde em Bertioga, onde precisei tomar remédio... (*) Eu fazia parte da comitiva - esqueci o nome dele... (**) Cobrir enchentes de salto alto; escrever matéria sobre o carnaval, de madrugada, ainda fantasiada... E o Mar de Lama: A tal da crise de Cubatão... O 'Mar de Lama', sendo que o material que derrubou o prefeito nomeado (esqueci o nome dele..

Frederico, ou coisa parecida) foi entregue a mim em Cubatão (porque eu estava substituindo a VERA Cubatão). Um pessoal ou segurança, não lembro, me perseguiu para tentar pegar o documento de volta. Lembro que corri para a viatura e disse para o motorista, "--Sai daqui depressa! Vamos para a Redação, estão atrás de mim!"). A editoria passou o documento do 'Mar de Lama' para outro jornalista, masculino, que acabou recebendo prêmio de reportagem. Nunca foi atribuído o meu nome como a que tinha trazido a cópia das informações e documentação que serviram para derrubar o prefeito... Escreve ai que quem criou a ASSERP-FACOS fui eu, sob nomeação direta do Sá Porto. Antes de ser jornalista eu era Relações Públicas e ensinava RP na FACOS. Tem um monte de coisas boas e as lembranças maravilhosas... São muito mais importantes e alegres que as pequenas manchas; tive uma época muito boa no 'Cidade'. Fiquei sob contrato com o grupo por mais de um ano desde que mudei de Santos para o Rio de Janeiro, mas o Boris (Casoy) não quis me colocar na relação de jornalistas da Folha no Rio.

Troquei mensagens (telex) com ele inúmeras vezes, mas de nada adiantou. Depois do 'Cidade' virei correspondente do Brasil para o exterior ate quando nos mudamos para os Emirados Árabes. De lá, continuei a escrever para agencias em Londres e depois a enviar material para o Brasil, ate ficar no ar diariamente por 16 anos com a Rádio Eldorado e nos últimos dez anos com a BBC. Você pode passar esses detalhes para o Erre (abraço para ele) e/ ou passar meu e-mail para ele. Vários de vocês me visitaram enquanto ainda no Rio, mas infelizmente, ninguém foi me visitar nos Emirados Árabes ou veio a Cingapura... Quem sabe alguém se aventura um dia....Grande beijo."

(*) Pô, SÔNIA, dessa ninguém lembrava: tivemos uma jornalista *piloto de prova de Posto de Saúde!*... Isso é que é jornalismo investigativo!... E gostei da idéia de visitar Cingapura. Se tiver colheita de uvas até sei quem pode aparecer por aí, né Zezé?...

(**) Mais tarde ela lembrou: era o Paulo Gomes Barbosa.



Nas fotos, SÔNIA AMBRÓSIO entrevista o Sheik Mohammed al Rashid bin Maktoum, figura das mais importantes dos Países do Golfo, e com o marido e os filhos.

SÔNIA REGINA Fernandes da Costa (se não chamar de Sônia Cumprida [claro, devia ser Comprida, mas fica sem graça, comprida é cobra] o BETO e o ZÉ LOUSADA não sabem quem



é), repórter, eventualmente copy, brigona pela sua causa – pior que militante, chê! --, daí ser muito a nossa Passionária, de apaixonada pelos ideais e pelo DE PAULA, de quem ficou viúva (já eram colegas do Coelho Neto e assim continuaram no jornalismo), criando os 2 filhos -- Mauro e Nara, a qual, como quem sai aos seus não degenera, também é jornalista -- com toda a raça do mundo. É assessora de imprensa na SABESP e hoje, também, avó! Só deve comprar roupinha vermelha para o (a) neném... A paixão pelas causas abria brecha para bons aprontos (não precisa ser grande coisa, ela reage brava com qualquer coisinha!), recentemente uma chance, quando estourou o escândalo do Delúbio. Ela está com um bom grupo de amigos em um barzinho ali na Aparecida, papo animado, cervejas geladas, fico meio

escondido em outro lado, ate a hora de sair. Preparo o meu cartão de banco com a caneta, vou lá, cumprimento todo mundo, numa boa – gente muito simpática! – e bem bobinho pergunto se ela sabe se ali aceitam aquele cartão, da Caixa Econômica Federal, devidamente alterado para CAIXA 2 (com uma estrela desenhada do lado)... Ela chia um pouco, longe da braveza normal, todo mundo se diverte e ela ri meio amarelo, meio que entregando os pontos... Perdão, neguinha, também já senti isso...

CHINEM - SONIA Regina, outra grande amiga que fiz no “**Cidade**”. . Muito inteligente, magérrima, bonita, elegante e muuuuuuito falante. Lembro que Sônia Magrela sempre voltava da rua muito entusiasmada com o resultado das pautas – ou feroz com o pouteiro – e começava a contar para a gente os acontecimentos. Um dia um gaiato (acho que o Flavio) não resistiu: “Sônia, vai sentar e escrever a matéria que aqui não é rádio para você ficar transmitindo a notícia.” Ela foi, mas sob protesto e continuou com o mesmo hábito, para nossa satisfação. O pessoal a chamava carinhosamente de Sonia Cumprida para diferenciar da Soninha Mateu. Um dia ZEZÉ estava me dando algum recado ou contando alguma história da Regina. Pensei com meus botões que deveria estar havendo algum engano, pois não havia Regina no jornal. “Neguinho, a Sônia Regina!” . Foi quando descobri o segundo nome dela e passei a chamá-la de Sônia Regina. Ela é a mãe do Mauro e da Nara, que também é jornalista.

SONINHA, a Sonia Mateu, repórter, copy, deixou o jornal para trabalhar em São Paulo na Salles InterAmericana de Publicidade, do lendário Mauro Salles – junto com CÁTIA, GLORINHA e ROSAMAR – fazendo assessoria de imprensa e revistas para empresas. Casou com o João e hoje tem, com o marido (que é Diretor de Criação – e pelo jeito gosta de criar bichinhos, como se vê no saite deles), na Capital, a FATOS Comunicação e Editora (onde também está a ROSAMAR). . Está sempre por aqui, onde mora a família. Visitem o saite deles: www.fatosbr.com.br



/// Uma correção dela: “*Só uma ressalva: não é o maridão que gosta de bichinhos... (estou falando do saite), é o Cauê, nosso filho (autor do dito cujo) que fez aquilo de propósito pra tirar o sarro da gente...pode? O garoto, como vc vê, promete!!! É um dos nossos!!!*”

/// (Troféu “Mãe Coruja”: primeiro lugar, empatadas, ERCÍLIA, VERA SD e SONINHA... Por enquanto... Na hora que a mãe do Cassiano, a do Lucas e as outras perceberem...).

Antônio **TADEU** Afonso, repórter, “do tipo intelectual, magro, alto e usava óculos de cristal verde por causa do astigmatismo. Tranquilo e bom caráter, muito amigo do MASCARO. Depois, em 1970 mais ou menos, foi para o Estadão”, lembra o **VASCO**.

ELIANA - “Andou por Brasília fazendo jornalismo político dos bons, acho que ainda vive por lá.”

GAZETINHA - Foi o primeiro repórter político do “**Cidade**”.. Muito inteligente, pediu demissão, foi para São Paulo e – não tenho certeza – chegou a editor de política nacional do Estadão.

TATEO Ikura, fotógrafo, passou uma temporada trabalhando no Japão, não faz muito tempo voltou recheado de dólares para comprar um apartamento, deu azar: foi assaltado e levaram tudo no dia da compra!...

HILDA - TATEO é uma pessoa maravilhosa. Foi protagonista de várias histórias de bastidor. ERCÍLIA vai contar (certamente) a reportagem em que ela viu TATEO voando nas curvas da estrada de Santos Via Anchieta da F-100. Um imenso susto.

[ERCÍLIA: Conto aqui, HILDA, para não cortar a sua maldade. Aconteceu um dia depois da abertura dos pedágios na Via Anchieta. No dia anterior, TATEO já fora obrigado a descer de um barranco, ao lado das cabines, sob a mira de um fuzil. No dia da cobrança, houve grita geral, especialmente de estudantes, e BLANDY nos mandou fazer reportagem sobre o fato. Fomos parar em São Paulo. No retorno, TATEO mexendo na pequeno canhão de um metro e meio conseguiu, nem sei como, bater na maçaneta da porta da viatura e projetar-se no meio da pista da Via Anchieta. Assustado e desesperado o motorista (acho que o Benedito) conseguiu jogar a F-100 para o lado do canteiro central, enquanto o motorista de um caminhão de gás tentava tirar o veículo para o outro lado. Assim, com cara de idiota, sem poder fazer nada, eu e o motorista víamos TATEO rolando no meio da estrada, em direção às rodas do caminhão, sem largar sua máquina fotográfica, até que o motorista conseguiu parar...a meio metro dele! . A estrela do amado japonês estava brilhando,



porque o motorista de um ônibus, quando viu a cena, tratou de atravessar o veículo no meio da pista, conseguindo evitar que ele fosse atropelado por outros carros. TATEO? Como se nada houvesse acontecido, sacudiu as calças em frangalhos e, rindo, disse que não tinha sido nada. Quando chegamos à redação, BLANDY, furioso porque havíamos “sumido” desde a hora do almoço, soltava fumaça pelas ventas, disposto a botar-nos no olho da rua. Mudou completamente quando viu TATEO em farrapos e tratou de mandar que fossem buscar uma roupa dele em casa, para que a velha mãe não visse o que restou do filho. (Mas a matéria ficou ótima!!!). Felizmente salvo, com escoriações, nosso ilustre fotógrafo apareceu na Redação de manhã seguinte. Preocupada, fui ao Departamento Fotográfico, perguntei como fora o acidente, como ele se sentia e coloquei a requisição para fazer bairros em cima da mesa e voltei para a Redação, onde minutos depois TATEO se apresentou com a mala e a cuia para a missão. E lá fomos nós amassar barro em bairros distantes, descobrir ruas esburacadas entre outras coisas. Quando estávamos quase terminando a tarefa, ouvi um gemido. Fiquei arrasada com a minha falta de sensibilidade aliada à já conhecida distração. Pedi mil desculpas e expliquei para ele que após o acidente ele deveria repousar em casa e não ir para o jornal. Ele sorriu e disse que estava bem. Não lembro, mas acho que aceitou o conselho e no dia seguinte ficou em casa – certamente com medo de me encontrar.

BONSEGNO - “O destino tem sido duro com esse amigo educado e trabalhador, perdeu a esposa e um assalto lhe tirou as economias obtidas durante anos de trabalho na terra de seus pais.”

GAZETINHA - TATEO chegou ao “**Cidade**” pelas mãos do Lenine, que era o chefe da fotografia. Ele encontrou o TATEO fotografando não lembro aonde e resolveu convidá-lo para trabalhar no jornal. TATEO falava muito pouco a língua portuguesa e era motivo de gozação do pessoal. Um dia, estavam rodando um filme num hotel no Guarujá, com a participação de uma atriz italiana. Em determinado momento da filmagem a moça tira a blusa e fica com os seios à mostra. TATEO ficou impressionado e, ao invés de fotografar, ficou olhando a cena. Se não fosse um berro da VERINHA não haveria fotos...

TEIXEIRA, motorista, um dia levava a ERCÍLIA pela Anchieta, para fazer matéria em Itanhaém, entrou errado na alça da Padre Manuel de Nóbrega e, na maior folga, voltou de marcha a ré, quase matando a distinta de susto – e quase sendo morto por ela de tanta raiva!

TERUO, motorista. . "Gente fina. Depois de muito tempo, algumas vezes coincidia de eu pegar ônibus que ele dirigia, enquanto motorista da SMTC. Era legal quando nos encontrávamos, sempre rápidas notícias sobre o **Cidade**"..(ENEIDA).

TITA, Maria Amália Krause, a **HILDA** lembra: foi a primeira mulher a assumir a Chefia da Redação, criou uma Assessoria de Comunicação em Joinville, onde vive hoje junto à família (a ENEIDA já pegou um cafezinho esperto por lá).

GAZETINHA - O nome correto é Maria Amália (*corrigido: estava Amélia*). Nasceu em Joinville e veio para Santos porque o pai era funcionário da Alfândega. Antes de assumir a Chefia de Redação – não me lembro disso, deve ter sido depois da minha saída – foi chefe da reportagem policial.

TONICO Duarte, repórter, cobriu esportes, hoje na TV Globo, onde é editor de assuntos gerais e cultura do Jornal da Globo e que deixou de vez a imprensa escrita, e o FERNANDO sabe disso mas só lembra que o TONICO chegou depois dele ao jornal e tinha cabelos encaracolados (êpa!),,,

HILDA - Sábado à tarde. Meu plantão na chefia de reportagem. Blandy tinha acabado de mudar para São Vicente e ainda não havia instalado telefone na casa dele, assim, antes de ir para casa fez as recomendações de praxe e foi embora. Lá pelo início da noite, cansado de não ter o que fazer, Tônico, o repórter de plantão, foi para o departamento fotográfico (nome chique para um cubículo mal cheiroso) {*} e ligou para a redação tentando passar um trote. Não deu certo porque reconheci a voz em todas as tentativas. Na quarta ou quinta, achei que era tempo de me mostrar zangada. -Hilda, é o Blandy. -Tônico, não me aborreça! Não estou para brincadeiras. -Hilda, é o Blandy! -Tônico, não seja tonto. Todo mundo sabe que o Blandy



não tem telefone! -Hilda (a voz um pouco mais dura), acabaram de instalar o telefone aqui em casa. É o Blandy! Quer tomar nota do número? É, tive que pedir desculpas para um e ir dar uma bronca no outro...

{*} Agora é o Erre: ei, fotógrafos, quem falou foi a HILDA!!

Fala o TONICO: "Um abraço aos amigos todos que responderam. Por mais que a gente rode, nunca esquece os tempos da Rua do Comércio. Ou os berros do BLANDY (que, sejamos justos, ensinaram uma geração). Ou as corridinhas do VÍTOR Ou as "sabenças" do fotógrafo MÁRIO, que, certa vez, num jantar que o Rotary ofereceu p'ro CARVALHINHO, reuniu as autoridades para uma foto aos gritos de "*Vamo juntá aí, putada!!!!*". O ALCÍDIO, que todo mundo chamava de "Dissídio". O ITAMAR, que reencontrei na segunda passagem pelo Estadão. A HILDA, cujo livro é uma delícia. A ERCÍLIA que me escreveu. O GAZETINHA, que lembrou de uma foquice com o Delfim. O MAURI, que na inauguração da Imigrantes, me ensinou o que era autobahn (e agora me lembrou do MAURICE). Beijos, muitos beijos cidadãos."

GAZETINHA - Um dia o TONICO estava cobrindo visita de Delfim Neto e como eram quase 18 horas, retornou à Redação. O BLANDY quando soube deu a maior bronca. Salvei a situação telefonando para um amigo que disse onde o ministro esteve, com quem e o que tratou.

Alcides de Moura **TORRES**, da Secretaria, no início do jornal..

Ângelo Mário Costa **TRIGUEIROS**, colunista do início do jornal (acho que sobre Direito).

Nilton **TUNA**, repórter de geral e polícia, copy dos primeiros tempos, foi para a A Tribuna e depois para o Estadão. Editou várias revistas e atualmente está com o Etevaldo Siqueira; circula no Orkut.



Antônio **UBALDINO**, um dos cypys da primeira fase, que veio de São Paulo com a equipe do FRATERNAL, lembrada pelo VASCO, que acrescenta: o pai dele, com o mesmo nome, foi um dos trocados pelo embaixador norte-americano, Helbrick.



Cláudio **VAGAREZA**, boy, laboratorista, tornou-se investigador de polícia.

VALDIR Seabra, repórter, depois Advogado e investigador de polícia, sarrudo e hoje trabalhando no pátio de lacração de veículos do Detran, Santos.

VALDETE Nilza da Silva, repórter, morava em Bertiooga.

HILDA: - Fala a própria que se comunicou com a gente em 10 de agosto: "Hilda, talvez você lembre de mim. Fui uma das jovens que tiveram a oportunidade de iniciar no Cidade de Santos. Hoje sou Assessora de Comunicação Social, na Associação dos Amigos da Riviera e já são vinte anos no exercício da profissão. Abraços.""

VALDOMIRO, último encarregado da Distribuição.

VÂNIA Augusto, repórter, também fez Economia (junto com a Cristina Guedes?), casou com o ADALBERTO fotógrafo. ERCÍLIA chiava barbaridade quanto tinha que sair no *trenzinho da alegria* do sábado pela manhã (uma viatura para mais que um repórter, fazendo bate-e-volta) e tinha que ir parando em feiras e supermercados para VÂNIA ir conferindo preços.

VÂNIA de Lima Zager, diagramadora, apaixonada por antiguidades e/ou quinquilharias, quanto mais quinquilharias melhor! Casada com outro antiquário (é a lógica!), o Sérgio Braga, têm uma loja na Rua Luiz Gama n. 237, quase esquina da Campos Melo.

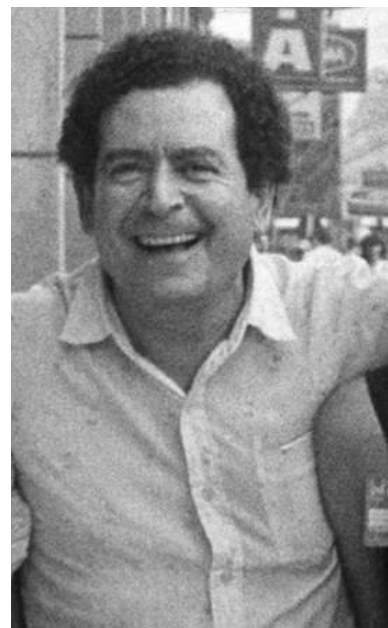
VASCO Oscar Nunes, repórter, ex-Petrobrás, jornalista e petroleiro anistiado, militante exemplar – cartão de visita com a estrela vermelha em destaque --, atualmente lutando pela eleição da FENAJ, na oposição, naturalmente...

.Diz **ERCÍLIA**: "Foi graças a VASCO que fiz minha estréia de repórter. Num sábado em que daria plantão pedi-me para substituí-lo e, assim, fui fazer uma cobertura e entrevista com a atriz Joana Fomm. Na época me senti a poderosa! A mulher falava e eu babava. Depois.. .nem uma cantada que levei de um Ministro me empolgou (Erre, naquela época, eu era boa, com um vestidinho roxo que batia no meio das coxas {então, manequim 42!} (*), queimadíssimas da praia...) Tive de recusar prá não ficar mal falada... Em compensação, dias depois, fui salva pelo tal Ministro, durante a cobertura de uma visita do Geisel (acho que era ele), em um seminário no Guarujá. Quando os seguranças descobriram que eu era jornalista e iam me expulsar, porque já tinham mandado os demais se retirarem para o presidente ficar à vontade com sindicalistas, o gentil Ministro segurou no meu braço e avisou 'Ela está comigo!'. Senti firmeza. Alma nobre e sangue bom...'"

(*) Prá falar a verdade, do vestidinho não lembro não. Mas das coxas! Ah, aí lembro, sim!... E só para confirmar: acho que o tal Ministro era o Afonso Camargo, né?... Um baixinho e safadinho do Paraná. Outro que fez essas andanças por aqui foi o Andreazza, o gabiru dos olhos azuis. Se foi este, neguinha, não vem de Santa Inocência que não tem: aquele carimbava!... (Como é que você gosta de dizer; *as más línguas*, né? Pois é, essas falavam de uma carimbada dele lá pelos lados da A Tribuna – eu nunca acreditei! Eu nem me lembro de mais nada!...) Aqui entre nós, neguinha, não estás arrependida?... Já pensou, pensão de senador para jornalista é de 12.600 mensais, de Ministro pra jornalista não ia seR menos, né?... (Erre)

/// Quando o meia armador levanta a bola para o artilheiro, na cara do gol, o que é que acontece? Claro, lá vai bomba! O nosso VASCO recebeu a versão 5 do *memorial* e mandou bala! Esta é uma primeira parte (ele promete mais), uma introdução maneira, um grande desabafo (como dizia o Vinicius, "a vida não é só de brincadeira, amigo...") e uma conclusão porreta, que não deixem de ler! Lá vai;

"Muito obrigado por enviar tão importante e maravilhoso material sobre o CS. Há tempos penso que devia ser feita alguma coisa... O que?... Agora, corporifica-se a idéia original e definitiva: um levantamento completo que poderá se transformar num livro interessante e importante... Algumas companheiras, entre elas a RITA, organizaram, há alguns anos, um ou dois encontros de todo o pessoal do antigo CS. Ficou só nisso. Eu, há muito tempo, me dedico a lembrar de todos os que conheci no jornal na minha época -- fins de 1967 a março de 1970 -- () quando fui despedido como o 'líder da revolta' (a qual não fiz e não participei, diretamente) contra a demissão do BLANDY e organizada por ele, João SAMPAIO (falecido), o ALCI Percy de Souza (falecido) e o 'sargentão' (**) Argemiro DE PAULA, marido da SÔNIA REGINA, portuguesa. Esses 'heróis' quando enfrentaram os 'inimigos interventores' se calaram... Foram provocados, desrespeitados e, mesmo assim, não assumiram a obrigação de explicar o descontentamento geral.... Ficaram pálidos, silenciosos e baixaram as cabeças....Eu, que a tudo assistia, por não ter participado dos preparativos da 'revolta' a pedido do PACO, o chefe do Departamento Fotográfico, e que objetivava me proteger pois eu na época ainda era muito 'visado' como comunista e, também, porque, naquele momento, não me dava com o BLANDY, que me responsabilizava pelo fim do namoro dele com a VERA Lúcia Rodrigues (falecida), argumentando que eu 'fizera a cabeça dela', porque, segundo ele, eu teria ascendência política sobre ela. Isso não era verdade e eu evitava o BLANDY para não piorar a bronca dele contra*



*mim. Tinha a consciência tranqüila. A VERA, depois que rompeu o namoro com o BLANDY, foi para a 'Folha da Tarde' levada pelo Antônio ÁGGIO Júnior. E o PACO, que me conhecia desde os tempos da Petrobrás, quando trabalhamos juntos, sabia dos meus problemas políticos e tentava sempre me afastar de 'riscos potenciais'.... E aí, nesse dia, assistindo a tudo, vendo o comportamento dos 'líderes', como se fosse um observador, uma testemunha ocular, tentei amenizar o clima geral, já que me julgava 'insuspeito', com tranqüilidade e firmeza, falei do que preocupava a todos. Os 'interventores', liderados por um tal de LISITA, que tinha vindo de Brasília para assumir o **CS**, ouviram tudo em silêncio. Quando terminei a explanação, me demitiram como se eu fora o líder, o único culpado pela 'sedição'. E fui o único demitido... E ninguém, ninguém, falou ou fez qualquer coisa para impedir a injustiça ou estabelecer a verdade dos fatos... Todos aceitaram a minha demissão como se de fato eu fora o único revoltado... E todos continuaram nos seus empregos.... e foram humilhados e espezinhados pelos vitoriosos 'interventores'... E a tudo 'engoliram' em constrangedor silêncio... Todos aceitaram a minha demissão como se eu fora o único 'revoltado'.... Apenas dois jornalistas, de todo o grupo, foram solidários comigo: o FLÁVIO Sinésio Coelho Ribas, o GAZETINHA, e o PACO. Todos os demais passaram a se comportar em relação a mim como se nada tivesse acontecido... Passaram a me evitar e passavam por mim em silêncio e nunca mais falaram comigo... Todos não escondiam o constrangimento.... Alguns abaixavam a cabeça quando passavam por mim... E não me olhavam no rosto... Só fui arranjar emprego seis meses depois na 'Última Hora', em São Paulo”...*

*“Depois seguirão a relação dos mortos; a relação dos que ainda estão vivos: dos que faltam na relação original do texto; umas histórias/estórias interessantes... Finalizando, na última parte, acrescentarei informações sobre as pessoas já relacionadas por vocês..... Quer aproveitar parabenizá-los pela idealização e realização desse projeto que, para mim, é 'revolucionário' na medida em que cria um novo ramo de estudo do Jornalismo através da História de seus jornais. Espero que a moda pegue... Acrescento que, para mim, o **CS** significou um dos melhores momentos da História do Jornalismo no Brasil, em especial durante os anos da 'ditadura militar'. Nunca, depois do **CS** trabalhei num lugar tão bom profissionalmente, culturalmente e socialmente... Para mim, pessoalmente, o **CS** foi ponto de partida e exemplo do que pode ser o Jornalismo corporativo...”*

[ERRE:: (*) O “**Cidade**” começou em 1.º -7-1967, em pleno regime militar. Em 13-12-1968 saiu o famigerado AI-5, o mais cruel e perigoso dos atentados do regime contra a Democracia e as liberdades, inclusive de imprensa.

(**) O DE PAULA, que foi meu colega de classe no “Coelho Neto”, onde nos formamos em Contabilidade, em 1954 – portanto, bem antes da “Redentora” -- tinha feito o serviço militar obrigatório e ingressado na carreira militar, e que eu me lembre, só foi 3.º sargento escrevente. Depois formou-se jornalista e desistiu da carreira.]

Mais do VASCO: *“Aqui vale uma informação a meu próprio respeito: fui uma das poucas pessoas aproveitadas na primeira fase do **Cidade** que não era jornalista e nem estudante de Jornalismo ou universitário. E o que pesou na minha aceitação como ‘foca’, pois era um desempregado desde que demitido da Petrobrás, em abril de 1964, foram os apoios ao meu nome do Eymar MASCARO, chefe de reportagem, que já me conhecia das rodinhas políticas do Gonzaga, e do repórter-fotográfico PACO, meu amigo do tempo da Petrobrás. Sem o apoio deles não teria conseguido a vaga de repórter de Variedades para iniciar, aos 33 anos de idade, a minha carreira de jornalista”.*

GAZETINHA: Bom, sobre essa revolução aí em cima descrita, falta contar que a greve durou algumas horas. O pessoal foi lá para a Gazeta Mercantil, da qual eu era o representante em Santos. De lá sabíamos o que estava ocorrendo. Por volta das 18 horas, acabou a greve. Não conseguimos paralisar o jornal.

VERA SD, Vera Lúcia Souza Dantas, foi um tempo Vera Lúcia Souza Dantas Leon, quando casada com o EMANUEL Leon. Mãe do Sacha, andou por Brasília e atualmente é assessora do deputado Bruno Covas na Assembléia Legislativa..A própria VERA SD atualiza: *“Sete anos em Brasília, passando por três Ministérios (Educação, Cultura e Desenvolvimento Agrário) fazendo pós em Psicologia Analítica, batizando criancinha e... São Paulo, desde abril/2005. Primeiro, Secretária da Educação, Chalita, depois Secretária da Segurança Pública (editora do*

saite), e agora Assembléia Legislativa, com Bruno Covas. Voltou a ser Souza Dantas, mas o LEON é definitivo!”. Lindo, né?...

VERA Lúcia Fernandes, repórter, cobria Educação, também professora (esposa do Reinaldo SASSI)..

VERA, a outra II, bem magrinha, morena. Contavam que um dia, no toilette (!), recebeu uma cantada e, ao ser agarrada (Épa! Esse tal de toilette era dos bons!) saiu aos prantos, botando a boca no trombone (Épa 2: foi no dos homens?)... Depois do fato, caiu fora. /// (Não era a Vera Lucia Rodrigues, não? Excelente repórter. (ELIANA).



VERA Corrêa, setorista.

No palco, a ERCÍLIA: “Também poderia ser chamada de VERINHA POLUIÇÃO, pois dividiu durante anos a coroa de magestade de Cubatão com o Maneco, da A Tribuna. Atualmente colabora com Noemi, no Espaço Aberto.”

Paulo **VERGARA**, primeiro diretor administrativo, homem de confiança e amigo pessoal do dono do jornal, Carlos CALDEIRA Filho, casou com a então secretária, Virgínia.

HILDA - CHINEM conta uma saborosa experiência com coberturas zoológicas. Eu também passei por isso. Nos domingos de plantão, fui a muito concurso de canto de curió – VERGARA tinha um passarinho desses – e a exposição de canários. Como o Carlos CALDEIRA criava cães pastores, mostras e concursos dessa raça estavam sempre na pauta. Quando estava na chefia de reportagem, muitas vezes tive que dar prioridade ao transporte dos pastores deixando eventos importantes em segundo plano. Lembro de uma vez em que VERGARA estava todo agitado, nervosão... Precisava de uma viatura para... levar ração para os “meninos” .

ERCÍLIA - Quando fui demitida por umas horas, pelo JACARÉ (não lembro o nome da fera, que chegou com o LISITA para pôr ordem no pardieiro), porque “as senhoras das forças vivas da cidade” exigiam um desagravo por causa da publicação de uma festa junina, em que retratei o discurso do padre do casamento, em que ele, entre outras coisas dizia o nome do noivo “H. Romeu Pinto” o VERGARA foi positivo. Pediu (ou mandou) que *euzinha* fosse colher umas assinaturas, em abaixo assinado, que ele iria pessoalmente levar ao seo CALDEIRA, solicitando que eu não fosse demitida, porque havia sido apenas fiel aos fatos. Foi o que fiz e foi o que ele fez. Mas, injustamente, não reconsideraram a situação de MARIA ALICE, que também dançou na história. /// Entra o Erre: Ô fujona, não dribla não! Tinha mais nomes! Os caras fizeram uma sacanagem legal, eram vários trocadilhos. Eu não lembro e perdi o recorte!.. Conta tudo!

/// Já que a HILDA lembrou dos pastores. CALDEIRA morava na casa onde hoje é o McDonald’s e tinha importado o pastor alemão que ganhou o título de campeão mundial na Alemanha! Tinha o maior orgulho do bicho. Bem, o poste de iluminação da Eletropaulo na frente da casa dele não escapou de uma velha mania (que era característica do prédio da Folha): CALDEIRA mandou um pedreiro fazer uma faixa de cimento de reforço em volta do poste, de metro e meio de altura, e EMPASTILHAR!... Claro, com aquelas horríveis pastilhas multicoloridas! (Todos gozavam que qualquer dia a Folha iria empastilhar até as camionetes!). Para ver se o pedreiro tinha feito o serviço direito, mandou que tirassem fotos depois que o serviço acabasse e enviassem a ele. Bem, uma das fotos sobrou na Secretaria, depois no Arquivo. Um dia peguei essa sobra e fiz uma piada alusiva ao pastorzão. Por sorte, ele gostou: no dia seguinte telefonou pra me cumprimentar, todo feliz!... Aumento? Nem pensar. Só fiquei pensando: se tivesse desagradado...

/// E mais uma desse pastor alemão: como disse, CALDEIRA se orgulhava do bicho, uma espécie de leão domesticado, e se gabava de que o bichão o defendia. Sei que isso era verdade porque, na época, eu também tinha um pastor alemão e freqüentava o clube especializado nessa raça, onde o Ancheta (ou Anchieta), um uruguaio enorme, adestrador do tal pastorzão, levava o bicho para treinamento e garantia que o animal já aprendera a conhecer o dono, o CALDEIRA. Pois um dia, Paulo Maluf visitava CALDEIRA, ali na casa da Ponta da Praia, e na conversa sobre o cachorrão, Maluf duvidou da fidelidade do bicho e fingiu agredir CALDEIRA. Na hora o bicho furioso partiu para cima de Maluf e saltou na direção do pescoço

dele. Se não fosse o tal Ancheta (ou Anchieta) voar sobre o cachorro e cair com ele na piscina, o Maluf nunca teria passado aqueles dias preso na Polícia Federal, nem seria preso em Paris recheado de dólares... Este episódio foi confirmado pelo VERGARA. Para ver como é a vida: o Ancheta (ou Anchieta), um cara novo, meio gigante, atleta e cheio de vida, morreu há uns 7 ou 8 anos...

VERINHA, da Publicidade, casou com o YASSUO. Pais corujas da Alice, *Personal Nutricionista* na Unique 1 Academia.

VÍTOR Florenzano, repórter, depois chefe de reportagem. .
ERCÍLIA - Ultimamente andava por Santos, meio adoentado, meio abandonado. Procurava emprego. Não sei se ainda está por aqui. Uma situação bastante triste. Mas no passado feliz ele vivia por cima da carne seca. Certa ocasião BLANDY precisou de um smoking e quem emprestou? Vitor Florenzano. As más línguas contam que o JAMABY foi ao apartamento dele experimentar a vestimenta e, no dia seguinte, a rua do Comércio inteira ficou sabendo (!) que o traje íntimo de BLANDY era uma cueca branca, samba-canção, daquelas com imensa abertura na frente (*). Um detalhe: BLANDY nunca desmentiu o fato.
 (*) Pô, só isso?...



WALDIR dos Santos, um nome inusitado para uma **moça** magrinha e simpática, que falava pelos cotovelos. Era paulistana e veio para Santos estudar. Morava em um pensionato na Avenida Conselheiro Nébias, perto do Coelho Neto. Lembro que cobria Detran. (HILDA). // Complementa o **CHINEM**: A WALDIR lembrada pela HILDA está na ativa. Sempre que ela entrava em classe o ÁLVARO berrava: “É bola na rede, Waldir!”. Coitada dela. Virou editora-chefe do Diário do Grande ABC, depois foi para as revistas Transporte Moderno e Frota & Companhia e atualmente trabalha na editora do Roberto Muylaerte, a RMC, onde edita a revista que circula nos ônibus da Itapemirim (ou outra empresa que roda por este Brasil afora, nem sei). Só sei que fica difícil ela grafar que é editora (porque editora quer dizer a empresa que edita) e ela como editora responsável pela publicação tem de ser escrito assim: editor. Logo uma mulher que se chama Waldir? Vejam a confusão...

WALTER Mello, motorista, hoje fotógrafo na A Tribuna.

WILFER, repórter, depois passou para a A Tribuna e Estadão.

WILMA Pavan, da Secretaria paulistana, assídua nas nossas festas.

WILSON Mello, fotógrafo, casou com a RITA, hoje são donos da CASA DAS FOTOS, na Rua Oswaldo Cruz, 322, Boqueirão (bem defronte ao Supercentro), consulte o saite www.casadasfotos.com.br. Teve o “privilégio” de ser expulso da casa de Jânio, pelo próprio, em Guarujá, numa jornada de cerco ao ex-presidente, capitaneada pelo MAURI. Motivo: clicou o homem da vassoura com o copo na mão e – aí é que o bicho pegou! – quando o distinto reclamou respondeu na bucha: “Com o copo na mão?.. E daí? Todo mundo sabe que o senhor...” Antes de acabar estava sendo posto prá fora pelo ensandecido Jânio,! Mas não é tudo: Jânio usava na ocasião pijama curto (tipo aquele slack que tinha inventado no Planalto) DE BOLINHAS e *keds* nos pés! (Nunca me disseram a cor.) /// Trabalhando no Estadão com o ITAMAR, produziu uma frase antológica, de aviso aos colegas que sacaneavam o seo



Felício: “Nunca fale mal do ITAMAR: um dia ele pode vir a ser seu pai!”... /// Na bonita história do casal, ele no segundo ano, músico mas sem emprego, ela já *formanda* em Jornalismo, trabalhando no “**Cidade**”, o incentivo para que ele fosse aprender fotografia, a descoberta da arte e depois profissão, o ingresso como estagiário no jornal e a carreira de excelente fotógrafo, coroadada com a conceituada casa comercial e de arte. .

Alberto **WITKOWSKI**, colunista de TV no início do jornal, era também funcionário da Cosipa.

YASSUO Kinjo, fotógrafo, casou com a VERINHA da Publicidade, manteve durante anos um estúdio no Boqueirão, na Av. Epitácio Pessoa, hoje está aposentado. .//

BONSEGNO - “Reservado e educado, como todo filho de japonês”.

ERCÍLIA - Como bom fotógrafo, YASSUO foi fazer o velório de uma criança que havia sido morta por um investigador, durante perseguição a um marginal. Ao chegar na casa, não conseguia fazer a foto que queria. Não teve a menor dúvida: mandou que todo o povo se juntasse em torno do caixão e chorasse, pra poder fotografar! Este era o “**Cidade**”!

YUKI, desenhista da Publicidade e por algum tempo chargista.

Morava em Itanhaém e era o cidadão mais pacato que existiu no “**Cidade**”. O mundo caía e YUKI não perdia sua fleuma...(ERCÍLIA).

ZÉ (Zé? Que Zé? --O Zé da limpeza!), faxineiro noturno, o maior tapado, bronco, burro, chucro, toupeira, da história do jornal, que atendia ao telefone depois do expediente e levava todo mundo à loucura pela estupidez e por só falar do *seo Brandy!* Teve um único dia de esperteza, rapidez e eficiência, quando atendeu uma ligação (voz grossa e inconfundível): “Aqui é CALDEIRA!”. Era o dono do jornal e interventor na cidade...

Ó, Erre, explica porque você escreve assim sobre “seo” Zé? Apesar de tudo, era um bom homem... (ERCÍLIA, a bobinha...).



ZÉ CARLOS, da Publicidade.

ZÉ LOUSADA, repórter, maluco-beleza (pô, Zé, pareces o Barrichello: é um dos primeiros lembrados -- por todo mundo! --- e vai logo pro fim da fila!... Quem te salvou foi a Zezé!), hoje tem um saite, do qual é editor: www.truppedaterra.com.br..



Maluco-beleza mas também pode ficar nervoso: em uma festa de Inimigo Secreto, foi brindado -- pela ROSÂNGELA --, com uma pequena viagem de 10 ou 15 minutos dentro de uma... camisa-de-força verdadeira!... Aceitou entrar, rindo muito, mas depois de 5 minutos amarrado, começou a ficar bem nervoso e foi preciso correr para livrá-lo, antes que o envoltório tivesse que ser usado na marra...

HILDA - *QUEEN ELIZABETH II* - Livre do CALDEIRA e do Maluf (V. o caso em CALDEIRA), fui dar plantão com o ZÉ LOUSADA na escada do transatlântico, onde se aglomeravam alguns curiosos. Esperávamos que algum passageiro ilustre aparecesse para entrevistar. Atenta, observei que desciam septuagenários, nonagenários e um ou outro mais jovem – digamos, 1% na faixa dos 50 e 0,5% abaixo dos 30. Foi, então, que o LOUSADA pensou alto: “Quanto velho!” Um senhor, entre os curiosos, quase comeu o fígado do ZÉ. “Que falta de respeito e blabláblá ...” E toca o ZÉ LOUSADA a se desculpar, pois – apesar dos palavrões que diz – é um doce de pessoa.

ZEZÉ, Maria José Gonçalves, a **ídala** do nosso coração (Não sei onde ela anda hoje e, pela lógica, nem ela!). Segundo a ERCÍLIA, Zezinha está beleza em sua casa, em São Vicente (aquela onde morava há anos e que não sabia achar quando cortaram a referência: uma enorme árvore da casa da esquina do quarteirão dela!), tomando conta de "seus meninos"... Dizem que são 2 cachorros... Zezé, a par de ter um coração que não pode ser melhor porque já nasceu de ouro, foi sempre a encarnação da mulher batalhadora, desprovida de vaidades ou orgulhos bestas, exemplar na sua simplicidade, grande amiga, grande colega, a irmãzinha que todos acham que precisam proteger mas que protege todos, uma combatente sem desânimo. Fazia meio expediente pela manhã (variedades, artes, cultura), ia trabalhar no falecido IBC, Instituto Brasileiro do Café, onde era funcionária pública, no fim da tarde voltava para fazer outro meio expediente no jornal. Arranjava tempo para viagens e passeios incríveis, dinheiro curto, contadinho, aproveitando ao máximo as roupas, para não ter que comprar novas, ou comprando as mais baratinhas, mas lá ia ela para fazer o que gostava, inclusive participar dos primórdios da Operação Rondon, num cafundó qualquer aí deste País. Saiu prejudicada nos salários do IBC por ter participado do Projeto Rondon, escreveu ao governo, acabou saindo a Lei Zezé para corrigir distorções e reparar os prejuízos que tivera. Com fama de desligada, sempre deu um jeito de fazer essa fama crescer... Uma das frases que mais ouvi dela, nos fins de expediente noturno, era “Ai, meu Deus! Não faz isso Erre!”, com a variável, “Ai, meu Deus! Não faz isso neguinho!” – neguinho era o tratamento predileto e constante dela pra todo mundo, desde o entrevistado ao Papa! --, quase sempre eu fazia e ela sempre agüentou as pontas, nunca bateu com a língua nos dentes. // Falando do “neguinho”, pensei que só eu tivesse sido contagiado por esse jeito da ZEZÉ, mas o FERNANDO confirma que ele também pegou o jeito, desde os tempos em que morava em Salvador...



HILDA - ROBERTO Peres me resgatou do Porto para ir trabalhar em Variedades com ele. Um luxo! Mal sabia ele que eu era discípula de ZEZÉ – distraída também. Mas esta história é de ZEZÉ. Um dia o porteiro avisou ZEZÉ que havia duas pessoas querendo falar com ela. Logo em seguida entrou um casal na faixa dos 50 anos. - D. Maria José, viemos agradecer a matéria maravilhosa que a senhora fez sobre o nosso filho Fulano de Tal. A senhora foi tão gentil! Zezé nem piscou. (*) - Não lembro –, disse cordialmente. Os pais do gênio ficaram desapontadíssimos. E insistiram, contando detalhes da entrevista e das maravilhas do filho. Nada. - Não lembro – repetiu ZEZÉ, que logo se dispôs a pegar os dados pra a nova matéria. Quando os dois foram embora, a tonta da HILDA fez um comentário: -Por que você não disse que lembrava? Assim, eles ficariam menos tristes... - Mas eu não lembro... Como vi que ela estava aborrecida, fiquei quieta. Para meu azar a dupla esquecera de uma pasta na mesa e

voltou. ZEZÉ, acho que agoniada com a situação, disparou ...--Ela disse que eu deveria ter dito que lembrava do Fulano, mas eu não lembro... Eu não sabia onde me enfiar de vergonha... Coisas de Zezé..

(*) “É o Erre: “Nem piscou?... Duvido!”...

HILDA - Poucas vezes vi ZEZÉ brava, mas um dia um estagiário quase apanhou da nossa amiga. A vítima foi ninguém menos que Luiz Monforte, que estava (e continua) sempre disposto a pregar uma peça em alguém distraído (coisa que ele também é). ZEZÉ trabalhava à noite e ia para a Redação de manhã cedo para bater matéria. Ainda não eram 8 horas, quando Luiz chegou com uma latinha linda e entregou para ela. Feliz com o presente, ela tirou a tampa e quase caiu pra trás quando o palhaço saltou no rosto dela ... Ela ficou furiosa com Luiz, que levou uma bela bronca e morre de rir até hoje com a história.

ROUPAS - E por falar em roupa ... (V. HILDA, “ROUPA SUJA”) Verão, ZEZÉ foi cobrir uma solenidade no Centro Português – devia ser o tal Porto de Honra que vira e mexe eles patrocinavam para algum ilustre visitante. Nossa solerte repórter foi convidada a se retirar por algum dos organizadores porque não estava vestida convenientemente – em plena solenidade usava uma **camiseta regata!** Foi salva pelo Cônsul (cujo nome não lembro) que era um dos muitos amigos do jornal.

PREGADORES - Há uns poucos anos ZEZÉ fazia um free para a UniSantos. Um belo dia chegou na Assessoria de Comunicação reclamando que não sabia o que estava acontecendo, porque o dedo doía desde que saiu de casa e só acontecia quando andava. Na Assessoria Zezé descobriu. Toda vez que andava, batia com a mão nuns pegadores de roupa que esquecera de tirar do casaco... (ERCÍLIA).

ZEZE E CHICO - Acho que a cidade inteira sabe que o cantor preferido de ZEZÉ é Chico Buarque de Holanda. Há alguns anos foi realizada uma partida do Santos, com o pessoal da velha guarda, para que Chico pudesse jogar com seu ídolo, o célebre Pagão. Zezé foi voluntária para a entrevista. Como o jornal não forneceu gravador, ela levou o de casa – atenção: não era portátil. E lá foi ela para os vestiários, onde instalou a parafernália e começou seu trabalho. Contam as más línguas que na hora em que um jogador foi lá expulsá-la, porque queria tomar banho, ela disse que ele fosse para o chuveiro e não se preocupasse com ela e continuou conversando com o seu ídolo, o (já não tão) menino dos olhos verdes

CHINEM - “ZEZÉ é uma das grandes amigas que fiz no “**Cidade**” – na verdade, eu já a admirava da Faculdade, onde logo que entrei, ela me mandou ler o Jornal da Tarde (recém-nascido). Assim, na lata. Zezé pode ser distraída, mas é uma excelente jornalista e tem um texto maravilhoso. As cartas que me escreveu da Europa, contando suas experiências, são muito lindas. Ela é jornalista no melhor sentido da palavra. Sem frescura de setorista ou especialista em determinadas coisas. Ela escreve sobre tudo. E bem. Um dia Zezé foi cobrir um torneio de xadrez e o negócio acabou virando uma coluna semanal de xadrez muito conceituada. Não sei quanto tempo durou – acho que alguns anos. O que os enxadristas nunca souberam é que Zezé nunca jogou xadrez na vida – e ela conquistou todos os “atletas”, que a adoravam por ouvir suas peripécias com as peças e transcrevê-las muito bem na coluna. Acho até que um espaço criado em uma praça de São Vicente para o pessoal do xadrez foi fruto desse trabalho.” .

Maria **ZULEIDE** de Barros, repórter, aqui na posição de *quase esqueceram de mim!*... Zu, você salvou o Zé e a Zezé!... Estava no Estadão, até o fechamento da sucursal de Santos, e era (deve ser ainda) funcionária da Prefeitura Municipal de São Vicente. Segundo a ENEIDA, Zu também foi demitida em consequência da greve furada.

J. **ZUZARTE** Reis, colunista do início do jornal (não sei o que fazia).

2. QUEM FOI NA FRENTE

Para reserva de vagas clique www.saboó-paqueta-memorial.com.céu,
(Por razões humanitárias e a pedido da ONU e de ONG's de preservação ambiental, ninguém neste item receberá o Título Honorífico da República Democrática de Já Foi Tarde.) (*)

ADEMIR Barbosa, fotógrafo, que lembra a LÍDIA, era do Folhã e passou pelo “**Cidade**”. Foi premiado com uma foto que fez no incêndio do edifício Joelma; morreu há uns dois anos (de enfarte).

ALCI de Souza, chefe de reportagem e editor, anteriormente ao BLANDY, irmão do colega Percival de Souza. Demitido (forçou a demissão) por desobedecer ordens do seo Frias, ou do Caldeira, nunca soube. Na época – regime militar – havia um diretor que mandava no futebol do Santos que era general (tinha sido comandante militar da Baixada), Osman Ribeiro de Moura, por sinal um homem honesto e, pasmem, do outro lado do canal 2, meu vizinho (ele nunca soube de mim, eu SEMPRE soube dele!)...O time do Santos ia muito mal (início de 1971), muito descontentamento entre jogadores, demais diretores e torcida, e a coluna, lógico: ia de pau em cima dele! (Me disseram que os jogadores colavam recortes da coluna nos armários do vestiário, onde ele passava.) O homem foi a São Paulo e pediu providências a um dos donos, não sei qual, veio a ordem ao ALCI: não publicar nenhuma crítica ao general. Ele já andava procurando uma desculpa para cair fora, não me contou nada e não deixou por menos: no dia seguinte não cortou a coluna e publicou as críticas, com direito inclusive à foto do dia sacaneando o homem... Quando perguntei por ele, no *day after* à demissão, é que me contaram o acontecido. Fui ao VERGARA, homem de confiança do CALDEIRA, que não confirmou, ao contrário. Disse para continuar a coluna que o ALCI só estava de férias. Percebi a sacanagem e, então, me despedi do “**Cidade**”: disse ao VERGARA que eu também estava entrando de férias, quando o ALCI voltasse eu também voltava... Nunca voltamos. Era começo do ano, seis meses depois, esquecida a bronca comigo e com o general despachado do Santos, o ÁGGIO me chamou para a Folha da Tarde (1-9-1971) onde fiquei mais de 20 anos – graças, indiretamente, ao ALCI, que vez ou outra mandava sugestões de *aprontos* para a coluna.

Lembra a ENEIDA o bom caráter do ALCI, não deixava de opinar sobre as matérias, de passar informações e ensinamentos importantes, e de incentivar os novatos, até com bilhetes e brincadeiras. Grande psicologia de Chefia! Amigo secreto da ENEIDA, naquelas saudosas brincadeiras de fim de ano, ficou uma semana mandando bilhetinhos e bombons diariamente.

ERCÍLIA - Foi o ALCI que me comunicou a demissão, no caso da matéria da Festa Junina, na Zona Noroeste. Disseram-me que havia ficado tão constrangido que se dispôs a falar comigo pessoalmente. E foi procurar-me na Faculdade, já com a orientação de procurar o VERGARA, que tinha achado uma possível solução. Nem esperou que, no dia seguinte, eu chegasse à Redação. Grande ALCI..

ELIANA - Foi um mestre. Eu estava no grupo que fez a edição comemorativa do primeiro aniversário do jornal (acho que era o 1), que ele fechou. Aprendi muito com o ALCI, um amigão.

GAZETINHA - Muitos anos depois de deixar o jornal, encontrei o ALCI no prédio da VARIG, na avenida Paulista, em São Paulo. Conversamos por algum tempo e notei que sua saúde não estava bem. Passados alguns dias soube do seu falecimento. Por uma estranha coincidência ou obra do destino, ele faleceu no dia 26 de janeiro, dia da cidade de Santos. O ALCI era outro jornalista que incluiria naquela lista dos que melhor escreviam.

MAURI (num e-mail para ENEIDA): O ALCI sempre me sacaneava. Uma vez ele me abraçou defronte o Paulista e começou a gritar "ladrão, socorro" e tal e atravessou a rua. Fiquei com a maior cara você sabe do quê, parado na esquina, com todo mundo me olhando também com a maior cara de "pegamos um batedor de carteira". Ele era maluco. Se fosse hoje, eu seria linchado ali mesmo, sem defesa, que não ia dar tempo dele parar de rir e explicar que era brincadeira!

ALCÍDIO Lima Barbosa, o Mão Branca, laboratorista.

ENEIDA - “Colega estimado por todos, personagem de muitas histórias. No pouco tempo em que funcionou a outra comunidade no Orkut, não houve quem não perguntasse por ele e não comentasse do seu jeito alegre e irreverente. Conta aí, Vera SD, a história da melancia”...

Paulo Roberto **AQUINO**, repórter de esportes, foi inclusive assessor de imprensa no Corinthians, na fase áurea da Democracia Corintiana. Viveu em Bertioiga.

ARMANDO Gonçalves, motorista, pai da NILCE, tio do PIU e do ARMANDO, também motorista.

ATHIÊ Jorge Coury, corretor de café na cidade, foi goleiro do Santos na década de 30 e depois virou presidente do clube, com reeleições seguidas, quase vitalício. Deputado Federal de vários mandatos, era do gênero populista – dizia-se que quando estava na cidade, todos os dias pela manhã, a caminho do escritório no Centro, passava nos velórios da Santa Casa (onde era uma espécie de benemérito) e da Beneficência para cumprimentar as famílias, e nos fins de semana freqüentava as igrejas para dar parabéns a famílias de noivos e de crianças batizadas. Em seu escritório dizia-se que havia pilhas de papel timbrado assinadas, em branco, para que seus secretários preenchessem as na época famosas cartas de apresentação e de pedido de emprego, em que era um campeão: quem fosse lá não saía sem uma, para qualquer emprego, assim como seu apartamento, em Brasília, era abrigo para os sindicalistas da região. Embora não fosse nem dos mais assíduos da Redação, entra a seguir por um episódio bem gozado (de que nunca soube) lembrado pela HILDA.



Certa ocasião houve um desentendimento entre ele e o jornal (não sabemos o motivo mas é fácil chutar: deve ter sido por causa do Santos), e resolveram sacanear o deputado, uma figura super “aparecida”, deixando de publicar fotos dele ou em que ele aparecesse, e omitindo sua presença nas solenidades. Foi indo assim até que um dia, ao preparar a matéria sobre um determinado evento, importante, descobriu-se que o esperto raposão tinha conseguido encaixar-se em todas! Não havia jeito de cortar e nem se podia deixar de dar a foto, pela importância do caso. , Tratos à bola na cúpula da Redação e finalmente a solução: graças ao talento de algum artista plástico do pedaço, a foto que saiu mostrava um cidadão vagamente familiar, ou seja, era o deputado escondido atrás de enormes óculos escuros!.

GAZETINHA - Só posso dizer que quem fez isso deve ter sido aluno do Jean Mellé, o homem que bolou o Notícias Populares, que, inicialmente, era da Gazeta Mercantil e foi vendido para o Grupo Folhas.



Dr. **BONAVIDES**, assíduo da Redação, um cavalheiro, Delegado de Polícia, escritor.. colaborador do jornal.

Carlino **CALDEIRA**, o Caldeirinha, CARLOS AUGUSTO CALDEIRA, contato de publicidade, meio-irmão de Carlos CALDEIRA Filho, um dos donos do jornal. Um dia ganhou do irmão rico um carro com o qual cansou de desfilar: um fusca cor-de-rosa, pô! (Devia ter sido da prima, filha do velho CALDEIRA...)

Carlos **CALDEIRA** Filho, um dos proprietários da Empresa Folha da Manhã, ‘por sua vontade pessoal nasceu o “Cidade” – até contra a vontade de seu sócio, o seo Frias (*), segundo se dizia na época. Nascido em Santos, de família tradicional (o tio, Urbano Caldeira,

grande benemérito do Santos F.C., dá nome ao estádio do bairro da Vila Belmiro -- muita gente trata o estádio por *Vila Belmiro* como se fosse o nome dele, até o próprio Santos, que o põe no placar eletrônico, quando deveria ser, obviamente, Urbano Caldeira), permaneceu sempre muito ligado à cidade (a primeira sociedade com FRIAS foi no ramo imobiliário, na construção de um condomínio em Santos -- mais tarde construiriam o famoso Edifício COPAN, em São Paulo, projetado por Niemeyer). Aqui tinha casa, na Ponta da Praia, e aqui, em nome da família, mantinha a “Casa da Vovó Anita”, no Boqueirão (construída em área da família), para férias escolares de crianças carentes, que funciona até hoje. Afeito a contradizer o *politicamente correto*, ou o *bom gosto convencional*, temperamental e extravagante, divertia-se com provocações como: a piscina da casa da Ponta da Praia (ao lado do Escolástica Rosa, onde hoje é o McDonald’s) tinha o formato de um violão (o que o mundo inteiro considerava brega!); quando foi Interventor (Prefeito nomeado) na cidade, na época do regime militar, costumava andar de chinelas tipo pantufas, inclusive dando audiências e recebendo visitantes com esse especial conforto... Nessa ligação com o Santos, o clube só não perdeu completamente o Parque Balneário Hotel, patrimônio dilapidado por diretores abaixo da crítica, porque o CALDEIRA assumiu as dívidas e seu controle, salvando uma parte do que havia sido enterrado no imóvel. Na ligação com a cidade natal existiu uma séria rivalidade com o Interventor (Prefeito nomeado) que o antecedeu e lhe passou o cargo, o Advogado e despachante aduaneiro Antônio Manoel de Carvalho, o CARVALHINHO. Na posse de CALDEIRA, aliás, CARVALHINHO não leu seu discurso, limitando-se a distribuir o texto à imprensa, e foi embora antes do fim da solenidade. Nunca



soube, com certeza, a origem da inimizade, que se arrastou durante anos e acabou virando confronto pesado, destruidor, muito próximo ao final da vida de ambos. Fica aqui uma teoria do Erre, sobre esse choque de personalidades, pensada sobre deduções, hipóteses, suposições & supositórios e, claro, fatos, mais fatos do que o resto. Lá vai. Quando moço, provavelmente no ímpeto da capacidade empreendedora que o levou mais tarde à significativa fortuna pessoal, CALDEIRA cometeu desvios que levaram a dois processos, tendo um prescrito e sendo condenado em outro. . Depois disso deixou a cidade e foi para a

Capital. (Desde jovem eu tinha ouvido falar disso, por meu pai, com lembrança muito incerta sobre o ocorrido. Se meu pai, então comerciante, sabia, certamente muita gente, *das antigas*, também sabia, CARVALHINHO inclusive, claro, até porque seu pai, despachante aduaneiro, com a importante conta da Antártica, era figura de destaque da cidade) É muito provável que a rivalidade tenha surgido em algum momento, no auge do sucesso empresarial de CALDEIRA, e seus sócios, com episódios importantes -- a compra e posterior encerramento de atividades de um pequeno Banco (não lembro, acho que era Nacional do Norte), a montagem do parque gráfico da Litográfica Ypiranga, uma potência no ramo, a compra e posterior encerramento de atividades da Televisão Excelsior, a absorção dos jornais A



Gazeta e A Gazeta Esportiva, que estavam muito mal financeiramente e não podiam ser comercializados, por pertencerem à Fundação Cásper Líbero, e cujo Conselho Curador optou pela administração pela Folha, o enorme crescimento da Folha e a guerra com o concorrente Estadão, a propriedade dos jornais Folha da Tarde, Última Hora e Notícias Populares, todos com dias de glória, mas já falecidos -- e o mais polêmico e controvertido, a construção e expansão da antiga Estação Rodoviária da Capital (inaugurada em 1961), negócio que foi a *menina dos olhos* de CALDEIRA durante longo tempo, com direito a virulento debate na TV com o Coronel Fontenelle. Este, militar da Aeronáutica, revolucionou o trânsito na Capital, com as famosas rotatórias e bolsões de estacionamento, e queria a todo custo expulsar a Rodoviária do Centro da cidade. Se bem me lembro CALDEIRA ganhou o debate, o Coronel Fontenelle implantou muitas, mas não todas as idéias que tinha, e a Rodoviária só diminuiu quando foram construídos os Terminais do Tietê e Bresser (uma idéia de CALDEIRA era instalar a Rodoviária no Anhembi). À parte de não poder determinar como e quando ocorreu o choque de personalidades -- é muito provável a existência de pecado mortal aí no *imbróglio* -- ,

CALDEIRA criou o “**CIDADE DE SANTOS**” em sua terra natal, algum tempo depois do desaparecimento do antigo segundo jornal da cidade, O DIÁRIO (fechou em 17-1-1967) órgão da organização, também falecida, dos famosos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. O “**Cidade**”, fazendo coberturas amplas mas mais rápidas, populares, seguindo o modelo de outros veículos da Empresa – Última Hora, Notícias Populares, Folha da Tarde – e de outros como Popular da Tarde e Jornal da Tarde, do americano U.S.Today e outros mais, lançou um *monte* de novos jornalistas e foi tocando sua vida naturalmente. Era o regime militar, a cidade sem autonomia política, com CARVALHINHO como Interventor (Prefeito nomeado), as hostilidades cresceram. O jornal agulhava CARVALHINHO, que, de pavio curto, retaliava como podia. **As charges de LÔBO, com o Interventor de sapatos de sola e salto altíssimos** – como esses que hoje são moda para as meninas --, faziam furor. Uma invenção do “**Cidade**”, mais tarde, quando Oswaldo Justo foi Prefeito eleito, deixava CARVALHINHO furioso: a “Santa Aliança”, epíteto criado (BLANDY ou MAURI? Obra conjunta? Nunca descobri com certeza, porque separadamente vi cada um deles admitir a paternidade), para referir a aliança entre CARVALHINHO, o Prefeito Justo e o deputado federal Del Bosco Amaral. Tudo isso, cenas de uma guerra começada lá atrás. CALDEIRA acabou declarado, publicamente, em entrevista dada por CARVALHINHO à A Tribuna, como seu inimigo n.º 1 (numa lista, eufemística, de “adversários”, na qual estavam incluídos inclusive amigos do jornal, o também Advogado Nélson Fabiano, o ex-Prefeito Sílvio Fernandes Lopes, Fausto Figueira, Rubens Lara, entre outros), com capítulo especial para o único jornalista que CARVALHINHO admitia ter atacado: claro, o BLANDY! (CARVALHINHO gostava de dizer que tinha montado um arquivo com muita coisa contra seus adversários, e que poderia usar contra eles a munição guardada. Essa história do arquivo valeu-lhe, dos inimigos, o apelido de D. Manuel, o Rancoroso, parodiando o português histórico, D. Manuel, o Venturoso. Ai de quem falasse disso perto dele!). Com o jornal cutucando CARVALHINHO, que *pegava corda* fácil, pode ter recorrido a instâncias superiores para tentar parar as alfinetadas (quando era Interventor), o que não conseguiu, seja porque não tentou no local certo, seja porque não tentou de modo certo. Em alguns momentos, sobretudo na coluna política (que o BLANDY escrevia e chamava de *Tripa Maldita*), era comum a referência ao *alcaide*, como sinônimo de Prefeito, ou simplesmente “o ocupante da Prefeitura”, o que se sabia deixá-lo irritado e furioso. Clássicos dessa briga: primeira página, diagramação primorosa com 3 fotos em destaque, uma ao lado da outra, com títulos e legendas específicas. Nas extremidades, matéria policial, 2 meliantes presos pela Polícia. No centro, CARVALHINHO, sobre um ato qualquer da Prefeitura... O outro: o destaque – inclusive nos títulos de variedades – da passagem pela cidade da comédia “Gaiola das Loucas”, sobre homossexuais, estrelada por Jorge Dória e o humorista CARVALHINHO, que visitaram a Redação (coitado, o humorista estava vivo e trabalhava no programa Zorra Total quando começamos a brincadeira, mas morreu em 1.º de setembro de 2007). Embora BLANDY assumisse todas as broncas (como fiel escudeiro de CALDEIRA) – havia telefonemas entre eles, presenciados por colegas, em altos brados e palavreado impublicável --, o alvo final de CARVALHINHO acabou sendo CALDEIRA, tempos depois, quando já o próprio CALDEIRA tinha passado pela condição de Interventor, Prefeito nomeado, ele também designado pelo regime militar, indicado por Paulo Maluf, cargo que abandonou dirigindo seu conversível importado, levando no banco de trás uma enorme imagem de Nossa Senhora (de Aparecida, acho), que tinha trazido e entronizado em seu gabinete. Algum tempo depois – não recordo qual o novo enfrentamento entre os dois -- CARVALHINHO disparou seu tiro fatal: publicou, em anúncio pago de página nobre inteira, em A Tribuna, o relato sobre o processo e condenação que CALDEIRA tinha sofrido na juventude, época em que CALDEIRA já estava com a saúde debilitada e profundamente abalado pela doença da filha (que faleceu em 30-12-2000). Se o “**Cidade**” foi criado por CALDEIRA para ter, em sua cidade, um veículo próprio para passar suas idéias, defender o Santos (como várias vezes defendeu), ajudar as instituições beneméritas da cidade, enfim, ser a sua voz na região, talvez fosse também, mesmo que lá no fundo, uma trincheira, ou uma fortaleza, para defender ou mais ainda dissuadir algum ataque ao seu passado – o que o inimigo acabou lançando de forma demolidora. Sem nenhum fruto, pois CARVALHINHO morreu pouco tempo depois -- 11-7-1987. Dois meses depois morreu o “**Cidade**” (15-9-1987). CALDEIRA, com a saúde debilitada, já não era o mesmo, viveu um pouco mais (13-5-1993). (Este texto-salada é de memória, não o resultado de qualquer pesquisa. Quem sabe ajustando datas e fatos, acertando a cronologia, a coisa fique mais clara. Na minha visão, que vem daquela época – cheguei a dizer isso a 2 ou 3 colegas mais próximos --, aquela página na A Tribuna (talvez pela forma de escândalo) matou o “**Cidade**”: tinha perdido a razão de existir, muito embora os casos do passado de CALDEIRA já tivessem

sido lembrados por outro inimigo ferrenho, o Estadão, quando da posse de CALDEIRA na Prefeitura de Santos.)

(*) Há uma versão, dada como verdadeira e atribuída até a pessoas do jornal, que o “**Cidade**” teria sido criado pelo seo Frias, como uma espécie de presente a CALDEIRA, sem que nem o próprio soubesse disso, uma surpresa, com um mês de preparação... Por mim, há estórias da Carochinha que são menos fantasiosas do que essa versão...

E lembrando, agora: uma lenda da sua competência como construtor. Ouvi na Folha da Tarde, com figuras importantes da Empresa na rodinha de conversa, que na época da expansão das obras da famigerada Estação Rodoviária, CALDEIRA pegou para estudar pessoalmente a planta, os projetos e a memória de cálculo. Um belo dia chamou os responsáveis pela empreiteira para uma reunião de emergência, colocando-os contra a parede: queria que eles fizessem uma espécie de “aposta” na confiabilidade do projeto aprovado. Propôs que, se ele apontasse um erro grave no projeto, os construtores corrigiriam e dariam um desconto, não sei quanto, mas substancial, no preço das obras; se ao contrário, ele (CALDEIRA) não apontasse nada de errado, daria um reajuste nos preços, sei lá quanto. Os empreiteiros, ou porque confiassem mesmo no seu projeto, ou porque achassem que era uma “pegadinha” do velho CALDEIRA, toparam. E quebraram a cara! Analisando o memorial de cálculo descobriu que haviam adotado um coeficiente de segurança “x”, comum em construções, mas haviam esquecido que, por se tratar de prédio para uso público, de muitas pessoas, com momentos de grande concentração, o tal coeficiente de segurança deveria ser maior para atender à eventualidade de tumultos... A empreiteira não conhecia a tal norma, ou esqueceu, o certo e que se ferrou: ele exigiu o desconto. Muita grana... (ERRE).

HILDA - QUEEN ELIZABETH - Todo mundo agitado porque o transatlântico Queen Elizabeth aportaria pela primeira vez na cidade. A CODESP até reformou um armazém, o 33, pintou tudo e promoveu uma faxina geral nas imediações. Reinaldo SASSI mandou uma tropa do CIDADE para cobrir o evento. SHEIK, HILDA, NIVAIR e ITAMAR - perdoem se deixei alguém de fora. (*) Minha missão: entrevistar Paulo Maluf e CALDEIRA, depois ajudar os demais nas entrevistas com as estrelas a bordo (Christian Barnard, Vincent Price, Ben Gazara etc e tal). Ao me ver Maluf (já o havia entrevistado outras vezes) foi falando que já pedira a Nossa Senhora do Monte Serrat pela saúde de Tancredo Neves. Respondeu a todas as perguntas de olho nas malas da Dona Sílvia. CALDEIRA de bermudas brancas amarrotadas (para não perder o costume), entregou uma cesta para VERGARA e foi me perguntando: “-Quer saber como eu tenho dinheiro para viajar neste navio, minha filha?”... “-Não senhor!.” Vocês dirão - que bela chance de saber de tudo! E eu lhes responderei: Para publicar onde? “-Mas eu vou lhe contar mesmo assim. No jogo, minha filha, no jogo.” Eu fui cortando o papo maroto e iniciei a entrevista sobre Santos e turismo internacional.

(*)..Agora é o Erre: Esqueceu sim, ó voadora! Esqueceu o ZÉ LOUSADA, com a estória que no original está logo a seguir, e aqui, na ficha dele...

Só para lembrar, abaixo, recorte da revista ISTO É DINHEIRO, de 25-8-04:

|

MOEDA FORTE

POR LEONARDO ATTUCH
Com Marco Damiani e Eduardo Pincigher



O DNA de Caldeira

A disputa por uma herança milionária terá lance decisivo na terça-feira 17. É quando o médico Sérgio Danilo Pena, um dos maiores geneticistas do País, irá recolher amostras de Carlos Caldeira Filho (criador da *Folha de S. Paulo* ao lado de Otávio Frias) e Maria Christina Caldeira, ambos falecidos, cujo DNA está guardado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Maria Christina, suposta filha do ex-sócio da *Folha*, herdou uma fortuna estimada em US\$ 200 milhões, que acabou ficando com seu ex-marido, Gastão Zanirato. Os familiares de Caldeira tentam agora provar que ela nem era filha nem foi legalmente adotada. Assim, todos os atos relacionados à herança seriam anulados.

US\$ 200 milhões foi a herança deixada por Carlos Caldeira Filho

CARVALHINHO, Antônio Manoel de Carvalho, Advogado, dono (sócio-proprietário) de uma firma de despacho aduaneiro, Interventor (Prefeito nomeado pelo Governador Laudo Natel, durante o regime militar), presidente da Associação Comercial de Santos, morreu quando era Provedor na Santa Casa da Misericórdia de Santos, não cabia estar aqui porque no “**Cidade**” ele nunca trabalhou, mas está porque foi quem mais deu trabalho ao jornal! Vejam os porquês aí em cima, em Carlos CALDEIRA Filho. O interessante é que CARVALHINHO, que assumiu vários cargos, inclusive o de Prefeito nomeado, lidando sempre com política, e sendo muito conhecido na cidade, jamais tentou um cargo eletivo, nunca se candidatou em nenhuma eleição.. Aí em cima falo da entrevista a A Tribuna, publicada com várias fotos. Nelas via-se, **atrás dele, em segundo plano (ornamentando a sala), uma enorme planta, um viçoso pé de “Comigo Ninguém Pode”!**... Esse era o CARVALHINHO. E, notem os caprichos do destino: aqui, tantos anos depois, neste *memorial* (Memory Hall, para os americanizados; City Memory Hall para os americanizados frescos) despretensioso, meramente por conta da ordem alfabética, os dois continuam juntos: depois de CALDEIRA, CARVALHINHO... (Se aparecer algum nome entre eles, me recusarei a corrigir!).

ERCÍLIA - Por conta das turras dos dois e das sacanagens do BLANDY, CARVALHINHO não podia ver os repórteres do “**Cidade**”. Um dia, durante uma série de inaugurações, fui premiada pela chefia de reportagem (acho que era o SERGINHO) para fazer a cobertura das tais. A primeira, no Jardim São Manoel, com a inauguração de uma feira livre. 7 horas da matina. Assim que chegou, CARVALHINHO já foi assediada pela mulherada com um monte de queixas. Ele não teve dúvidas. Olhou pra minha cara, olhou pras mulheres e respondeu: “— **Reclamem para ela! O jornal dela é que gosta de falar mal dos outros**”. Dali saímos para a Santa Casa, entrega de uma sala, acho que no Pronto Socorro. Assim que chegou ao local, CARVALHINHO determinou que impedissem a entrada do “**Cidade**” na tal sala, porque ele não ia dar motivo para críticas infundadas. Foi aí que não agüentei e alfinetei. “—**Olhe, Carvalhinho, o seu discurso não me interessa, só quero ver se são realizações ou promessas, como costuma fazer**”... Ele ficou prostrado, enquanto eu virava as costas e saía com o fotógrafo, para continuar as alfinetadas contra ele. De lá seguimos para os postos de salvamento, que ele alardeara que estavam equipados com medicamentos para primeiros socorros, para os Salva-Vidas, etc. e tal. Mais furioso estava porque, na véspera, NILCE tinha



feito matéria dizendo que era só conversa fiada. Os postos estavam a zero. Como boa amiga dos Salva-Vidas, conhecendo de soldado a coronel, percorri um a um os postos e constatei que NILCE estava certíssima. Nada de medicamentos, nada de material para curativos, nada de nada. Os Salva-Vidas não só confirmaram a inexistência, como mostraram... Com ar de vitória voltei para o posto, no Gonzaga, onde ele iria inaugurar simbolicamente os serviços de todos os postos. Parecia que estava me esperando, para provocar, furioso com a matéria já publicada. Em volta de um carrinho de pipocas, ele e o coronel Erasmo (acreditem se quiserem) comiam, como se fossem crianças, com pipocas caindo pelos cantos da boca (prato cheio, hein!). Ainda, entre outras pessoas, o coronel Rogério, que era o comandante dos Bombeiros. Assim que me viu, ele veio pra cima, aos berros contra o jornal. Foi aí que abri todo meu vocabulário, respondendo pra ele tudo o que BLANDY nos ensinava de errado. Quanto mais eu falava, mais furioso CARVALHINHO ficava. Já tinha esquecido até que era o Prefeito. E eu, desafiadora, convidando ele a percorrer comigo cada um dos postos de salvamento. Aí, entrou a turma do deixa disso, o coronel Erasmo arrastou CARVALHINHO para dentro do posto e o coronel Rogério me segurando do lado de fora, tentando contornar a situação, prometendo-me passar tudo o que acontecesse durante a inauguração. Nunca me senti tão feliz. Foi prato cheio para tio BLANDY. Acho que até por isso CARVALHINHO não podia me ver nem pintada de ouro. *{Achas, criatura? Só achas? Querias o quê, para ter certeza? Um tiro na testa?..}*. Tempos depois do episódio, estávamos no fusca pé-de-boi, no trezinho da alegria. Era um sábado de manhã e estávamos indo ao 6º BPMI, pela avenida da praia. Para azar de CARVALHINHO seu carro emparelhou conosco em um dos semáforos e ele logo começou a praguejar, achando que o estávamos perseguindo. Só rimos e nada respondemos. Isto deve tê-lo deixado ainda mais puto da vida... Não fizemos muito caso dele, ignorando-o. O azar foi tanto, que só se livrou da nossa presença na Eptácio Pessoa com o canal 6, onde continuamos nosso itinerário e ele tomou o rumo que seguia. Coitado de CARVALHINHO, para encerrar meus episódios com ele ainda fui eu a designada para cobrir seu velório, na capela da Santa Casa. Lá encontrei o coronel Erasmo que, quando me viu, foi logo perguntando: **“--Mas nem depois de morto você deixa o homem em paz?...”**

ERRE: - Então, ta, abriu a porteira... CARVALHINHO sempre foi muito amigo do coronel Erasmo – que, quer vocês acreditem ou não, à maneira dele era um grande gozador --, e aos domingos costumavam se encontrar ali na Merceria Roxy, depois que o coronel Erasmo e seu grupo jogavam seu tamboréu na praia, no canal 1, para tomarem *todas* (o negócio deles, sem segundas intenções, eram as... batidas – de coco e abacaxi...). Um belo domingo de verão lá estavam o coronel Erasmo e sua turma tomando umas e outras, quando chegou o CARVALHINHO. Sem perceber, ou sem se importar, com a “disfarçada” presença, *por mero acaso*, de algum dos nossos solertes, o coronel Erasmo (sabe-se lá se já meio alto) não resistiu e deu uma daquelas gozações bem berradas e uma sonora gargalhada: “—Pôrra, pareces um burro pintado de azul!”... E quá-quá-quá.na geral... CARVALHINHO ficou puto, mas chegou com camisa azul, bermuda azul, tênis com meia azul e boné azul!... : Se bem me lembro, BLANDY babou na gravata e publicou o episódio na *Tripa Maldita*, detonando mais umas semanas de violentíssimos combates verbais via telefone...

GAZETINHA - Atenção: o pai do Carvalhinho, o *seu* Lucas, nunca foi despachante aduaneiro. Durante muitos anos foi gerente geral da Companhia Antártica Paulista. Um dos homens mais conhecidos e estimados de Santos. Ajudava inúmeras sociedades beneficentes, O CARVALHINHO também, nunca foi despachante aduaneiro. Antes de casar eu morava na Eptácio Pessoa e o CARVALHINHO na Ponta da Praia. Todos os sábados eu aguardava o CARVALHINHO para me contar “inúmeras informações”. Ele ficava na Antártica e mandava o motorista me levar até o jornal. O CARVALHINHO trabalhava em São Paulo, não me recordo onde, mas parece que era numa estatal, como diretor de comunicações. Alguns dias depois que ele assumiu a Interventoria o BLANDY me demitiu. Um amigo lembrou que eu poderia ser indicado para o cargo dele, que estava vago. O CARVALHINHO me indicou, mas foi contratado um coronel da reserva.

Ainda o **GAZETINHA**: Outra história e essa o BLANDY deve lembrar bem. Em setembro de 1972 me casei e quase um mês depois o Blandy também casou. Falei com alguém da Redação para fazer a despedida de solteiro. Aí lembraram de fazer as duas. em conjunto, lá no terreno que era da família da ROSAMAR, na rua Augusto Paulino. A festa foi o maior inferno para a vizinhança. Em pleno dia de semana, bateria da Escola de Samba X-9, pessoal cantando alto e muita comida e bebida. Os comestíveis foram doados pelo dono do Bar do Atlântico, um espanhol cujo nome esqueci agora. O chope, ainda naqueles barris de madeira, veio da Antártica, oferta do Carvalhinho. A empresa tinha um caminhão, modelo 1929, que a

noite inteira fez diversas viagens para trazer muita bebida. Não tivemos problemas com as autoridades - civis, militares e policiais - porque quase todos estavam participando do evento....
ERRE: OK, FLÁVIO, a minha memória é que o pai do CARVALHINHO era de fato o homem forte da Antártica e *também* o seu despachante aduaneiro, título antigamente vitalício, e que durante certo período podia ser transferido em família. Já corrigi lá em cima, que CARVALHINHO era um dos sócios-proprietários de uma firma de despacho aduaneiro ali na Rua XV de novembro, e era ele o responsável pelo despacho aduaneiro (e nas Docas) das importações da Antártica. Durante algum tempo ele foi diretor-financeiro (incluindo a área de informática) da CODESP, de 8-11-80 a 3-3-82) ainda no tempo de Sérgio Matte como presidente. /// Pô, bicho! Você é o primeiro cara que eu conheço que chama despedida de solteiro de evento!...

CÉSAR Augusto Fragata Lopes, copy, professor universitário.

Marcelo **COTRIM**, um gentleman que comandou a Secretaria paulistana (HILDA).

ELIANA - Também trabalhou na Folha da Tarde, tinha uma coluna sobre cachorros. Saiu do jornalismo puro para trabalhar com Comunicação Social na Nestlé, onde fez belíssima carreira. Casou com a Márcia, um encanto de pessoa e também profissional da área e quando se aposentaram, decidiram deixar São Paulo e morar em Santos. Todo fim de semana me esperavam na praia para papear. Marcelo ainda trabalhou um pouco com o Edson Carpentieri (BEBÊ DIABO) em Santos, mas depois resolveu aproveitar a vida. Sua morte repentina foi um choque para todos os amigos. Ele acompanhava a Márcia durante uma consulta dela e caiu na frente do médico que a atendia. Márcia é minha amiga até hoje e nos vemos todos os fins de semana porque decidi continuar em Santos, mesmo após a morte do Marcelo.



Argemiro Pereira **DE PAULA**, repórter, chefe de reportagem, também da assessoria de imprensa da COSIPA. Casou com a SÔNIA REGINA, colega dos tempos do Coelho Neto.

ENEIDA – Estranho não haver nada até aqui sobre as gracinhas do DE PAULA, que se fazia de muito sério, na maior cara de pau. Diretamente na berlinda com a brincadeira, não deu pra esquecer: depois da saída do primeiro malote, hora de lanche, rápida ida à Lojas Americanas. De repente, surge um casal brigando e, aos berros, me deixa no centro da discussão, trazendo o povo ao redor. A 'briga' durou bom tempo, eu fugindo, fingindo não conhecê-los e eles me seguindo, fazendo o maior escândalo! Até que alguém chamou os seguranças e, quando os dois perceberam, caíram na maior gargalhada, abraçaram-se e foram embora. Voltando à redação, o distinto par – ERCÍLIA e DE PAULA, seriíssimos em seus trabalhos, como se nada houvesse acontecido...

Adriano Neiva da Motta e Silva, o **DE VANEY**, articulista de esportes, grande Pena de Ouro da crônica esportiva. Veio para o Cidade depois de mais de 20 anos na A Tribuna, de onde saiu por se sentir ofendido com uma observação do então editor de lá, o colega Juarez Bahia, que queria que ele mudasse sua forma de escrever. Pediu demissão sumariamente, mesmo ficando desempregado, e nunca mais entrou lá. A Prefeitura prestou-lhe merecida homenagem e criou o "**MUSEU DE VANEY**", acolhendo o acervo deixado por ele. Hoje o museu tornou-se o Centro de Memória Esportiva da Secretaria de Esportes, abrangendo todos os esportes (localizado na Praça Eng. José Rebouças, na Ponta da Praia, e que ainda não visitei, não sabendo dizer como está a homenagem ao saudoso jornalista). O site é o da Prefeitura e o endereço eletrônico é museudevaneysantos@sp.gov.br.

ERCÍLIA - Certa ocasião fui amiga secreta de DE VANEY, que na época só ia ao jornal via Álvaro, seu filho. Mesmo não o conhecendo, mandei

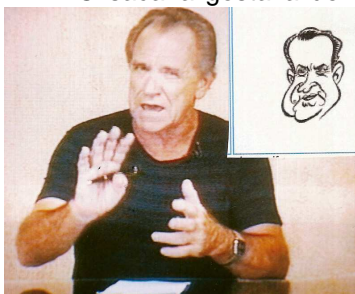


para ele, entre os presentes, uma linda pena de pavão que encontrara no Orquidário (juro, Erre, que não arranquei do rabo do bicho). Isso o deixou felicíssimo e, em várias oportunidades, recebi recado dele de que a pena estava guardada com muito carinho. Conheci DE VANEY anos mais tarde, já com a deficiência visual total, tendo então a oportunidade de dar-lhe um forte abraço.

Erre - DE VANEY era uma pessoa de incrível sensibilidade, um homem de uma sentimentalidade absolutamente sincera, profunda e surpreendente. Rato de sebos (por causa da caça ao “Pif-Paf” do Millôr, como conto aí na memória do EDU do Arquivo), contei-lhe que tinha conseguido algumas encadernações antigas – salvados de incêndio da biblioteca da “Cabana Espírita 13 de Maio”, da Capital --, entre as quais um volume da Revista da Semana (editada no Rio) de 1936. Emprestei-lhe todas, pois ele adorava pesquisar, levava meses fazendo isso, e organizar fichas que enriqueciam seus arquivos. Uma tarde, na Cia. Docas (ainda longe de ser Codesp), me chamam ao telefone. Levei um choque: reconheci a voz de DE VANEY, que de tanto chorar mal conseguia falar. Logo tratou de me tranquilizar e explicar que chorava de alegria, e que o “culpado” ,era eu... Assim que vi que não era nada grave, e como costumava fazer com ele, comecei a sacanear, “quem mandou a cesta de Natal pro senhor não fui eu, professor”, “se o senhor achou uma carteira com muito dinheiro não é minha” e por aí, o que o fazia sempre me chamar a atenção por brincar demais, devia ser mais sério etc. e tal. A explicação para toda a emoção dele, que de vez em quando gostava de me lembrar: na tal encadernação ele encontrou uma foto, habitual antigamente (em casamentos e missas de pessoas importantes), na porta de uma igreja do Rio, onde estavam ele e dona Alice, sua amada esposa, se não me engano no dia em que se conheceram... Gente assim não se faz mais, né?...

Hilário **DIEGUES**, um dos grandes assíduos da Redação. Presidente da Liga Santista de Ciclismo, mola propulsora do esporte na cidade, era figura constante com a turma do Esporte.

EDUARDO Leite, o EDU do Arquivo, segundo a HILDA ele era protestante, mas vivia ouvindo confissões lá no Arquivo. Aí **na foto** a fila no balcão dele, para confissão, está fácil identificar, né?... (Ah, por isso ele nunca falava palavrões, era evangélico!...)



O sacana gostava de me tirar um sarrinho: me achava parecido com o Nixon, e, por isso, volta e meia apareciam fotos do ex-presidente americano na minha mesa... Quanto mais feias, maiores ele arranjava... Quis dar o troco, me ferrei: escondido, tirei o miolo de 2 ou 3 pastas, coloquei fora da ordem alfabética (imaginem achar, no



meio de centenas!). No lugar deixei pastas vazias com um recado: a localização fora de ordem e mais ou menos a sacanagem, “pára de me encher o saco ou nunca mais você acha outras pastas”... O sacana nunca mencionou nada! Não reclamou, não chiou, não admitiu, bico total, e tinha que ter visto, uma das pastas era importante! E continuavam as fotos do Nixon – e, conferi, as pastas fora do lugar! Aí caiu a ficha: se desse azar do BLANDY ir pegar pessoalmente uma delas (como volta e meia fazia), ia sobrar pra mim explicar inclusive todas as outras que de vez em quando sumiam. Claro, destroquei tudo, e ele, bico. E tome fotos do Nixon (que morreu em 13-8-1994). Nunca soube, nunca vou saber, se o silêncio dele foi por acaso ou proposital. Grande Edu! Além da camaradagem e da atenção que eram peculiares dele com todos – inclusive com os estudantes que viviam enchendo o saco dele no Arquivo (e tinha uns bem cri-cris) fazendo pesquisas para suas escolas --, comigo ele tinha uma atenção especial. É que, tendo sangue espanhol, sempre fui admirador do Millôr e meio chegado a um *ferro-velho* (vocês vão ver o que tenho guardado – mesmo sendo pouco, em relação ao que perdi em uma enchente, duas pragas de cupins e milhões de cagadas de baratas que invadiram um arquivo), que incluía, principalmente, recortes do velho “O Cruzeiro”. Eu caçava a revista nos sebos, em São Paulo, para tirar O PIF-PAF escrito pelo Millôr, que colecionava avidamente. As sobras (pilhas de revistas!) levava para o EDU, que classificava tudo direitinho

em suas pastas (e agradecia feliz). Por isso as pastas tinham tanto material da revista de vários anos antes de 1963 – em outubro desse ano Millôr publicou “A verdadeira história do Paraíso” e foi demitido – e nada de 1964 a 1967, quando o jornal começou. A forma de agradecimento do EDU (que como bom arquivista se esforçava para poder atender a todos) era me arranjar fotos que pudesse aproveitar na minha coluna. E aproveitei muitas.

EGÍDIO Aliberti Costa, mais um assíduo da Redação, amigo do BLANDY, dirigente político – da Arena, se não me falha a memória -- e alimentador de *infor-focas* da Tripa Maldita. (Repararam? O Ministério da Saúde informa: ser assíduo da Redação faz mal para a saúde!...)

EMANUEL LEON, colunista social, joalheiro na cidade, casou com a VERA SD, foi para a A Tribuna. Adorava cachimbo – acho que já nasceu com um no canto da boca, ou pelo menos a chupeta dele era em forma de cachimbo! --, sempre elegante (estava eternamente vestido para ir a uma festa), usava com freqüência (eu diria cotidiana) um lenço de seda (francês, *por supuesto!*) no pescoço... Ria quando eu dizia (vivia repetindo) que aquilo era a versão **chic** de cachecol de pobre. Só ficou bravo quando chamei um, um pouquinho mais largo, de echarpe! “Echarpe é de mulher, seu burro!”... (Acho que não foi de burro, não, que ele me chamou. Mas tudo bem. Ei, meninas, echarpe e só de mulher, mesmo?...). Essa eu só repetia quando ele não estava ouvindo – acho que era uma espécie de indireta, né, vocês entendem... Mas não era. A melhor do lenço no pescoço (eu sempre gostei, lembro até hoje, ele não gostou muito, ficou uma semana sem me cumprimentar), foi numa festa de aniversário do “**Cidade**”. Numa rodinha, 5 ou 6 pessoas, sendo 3 militares (todos a paisana, claro, um da Capitania, um da PM – se bem me lembro, o coronel Sachetto – e outro do Exército) batiam aquele papo-sem-cabeça, de festinha dos outros. O EMANUEL junto, tam,-tam-tam-tam! SEM o lenço no pescoço! Foi na hora: me aproximei, cumprimentei todos cordialmente, o EMANUEL por último, e aí aparentei a maior surpresa e chutei no jargão militar: “--EMANUEL, sem o lenço no pescoço! Para mim você está nu!”... Ele ficou um pimentão ainda mais vermelho que o normal, todos riram e saí de fininho – podiam perceber (olha o perigo, pleno regime militar!) que essa, sim, era indireta, né?...

VERA SD: “A coleção de cachimbos está preservada. Os lencinhos se foram. E o melhor dele se chama Sacha, tem 26 anos e é um homem casado com a Dani, vivendo na Itália e matando a mãe de saudade!!!”.

ERALDO Silva, o Eraldinho, fotógrafo.

Agostinho **FERRAMENTA** da Silva, médico, ex-vereador, colaborador e freqüentador assíduo da Redação. Frase célebre dele: “O que atrapalha o Brasil não são os analfabetos, são os semi-analfabetos!”...



Sérgio Paulo **FREDDI**, primeiro editor responsável, pastor, professor universitário com boas lembranças da HILDA, autor do livro de crônicas PEIXE VERMELHO, depois repórter-especial do Folhã. Uma impressão curiosa sobre ele: sempre, em qualquer momento, mesmo no fim do expediente, p’rá mim parecia que tinha acabado de sair do banho!

Nilton TUNA: - “Preciso registrar aqui minha profunda saudade da VERINHA e do FREDDI. Eles me empurraram para dentro do jornal e da profissão. Quando estava no segundo ano da Faculdade, fiz um teste no ‘**Cidade**’ (naquela época era assim). Fui aprovado e o FREDDI me chamou para uma vaga na reportagem policial. Inseguro, inexperiente, antes de decidir passei um fim de semana acompanhando os repórteres e o BLANDY (naquele tempo editor de polícia). Não encarei. No ano seguinte FREDDI foi meu professor na Faculdade. E sempre perguntava: ‘--Quando você vai trancar a matrícula? Se teu negócio é vender gasolina (eu trabalhava na Texaco), está

pagando mensalidade à toa’... Aí teve um concurso de poesia na Faculdade de Filosofia. Emplaquei o segundo e o terceiro lugares. A VERINHA, que fez parte da comissão julgadora,

mostrou minhas poesias para o FREDDI: ‘--É esse cara que você quer pôr como repórter policial?’ Logo depois o FREDDI me chamou para ser copy. Eu não recusei a segunda chance. E foi assim que tudo começou...”

Otávio **FRIAS** de Oliveira, um dos donos da Empresa Folha da Manhã, e, logo, do jornal. Faleceu em 29-4-2007. No dia seguinte Alberto Dines publicava artigo no Observatório da Imprensa (<http://observatório.ultimosegundo.ig.com/artigos>) com o seguinte trecho reverenciando FRIAS:

"A grande revolução operada pela *Folha* ocorreu em 1975, durante a ditadura militar, quando os jornais estavam silenciados pela censura ou pela autocensura. Frias, então, aceitou a sugestão do diretor de redação, o jornalista Cláudio Abramo, e resolveu fazer da *Folha* um jornal de opinião. Apostou na distensão política proposta pelo presidente Geisel e assim, talvez pela primeira vez, um jornal se transformava de dentro para fora, a partir do seu conteúdo.

A *Folha* não se preocupou muito com a aparência, não convocou consultores nem marqueteiros. Simplesmente apostou no jornalismo. Frias nunca foi jornalista, mas acreditava no poder transformador da imprensa. Assumiu que o leitor quer, antes de tudo, um jornal capaz de falar com clareza e convicção.

Abramo e Frias criaram uma página de editoriais, na página 2 e, em seguida, ampliaram o espaço, incorporando a página 3, com a seção "Tendências / Debates". A *Folha* foi obrigada a recuar dois anos depois diante da pressão da linha-dura, mas tornou a avançar.

Hoje, não há um grande jornal brasileiro que não adote este paradigma. A novidade incomodou há 30 anos e incomoda agora. Graças a Octavio Frias de Oliveira, um empresário inovador, a imprensa brasileira reaprendeu a falar." No mesmo site está a biografia de FRIAS.

Benjamin **GOLDENBERG**, advogado trabalhista, ex-vereador, colaborador, outro assíduo. GAZETINHA - Era uma excelente pessoa. Quando secretário de finanças (apesar de advogado trabalhista) da Prefeitura de Santos, BLANDY resolveu que ele morreu para o jornal. O nome dele não podia ser publicado de nenhuma forma. Um dia ligou para a Redação e nos convidou para almoço no restaurante do Vasco da Gama. Queria que voltássemos a publicar o nome dele. não importando se fosse bem ou mal. Queria aparecer de qualquer forma.

Eunísio **GOULART** Pereira, fotógrafo, tinha um estúdio nos altos do Café Paulista, o famoso Senadinho.



HILDEBRANDO, fotógrafo, em acidente de automóvel. Corintiano roxo, valeu-lhe um presente muito adequado em um Inimigo Secreto: ganhou um tijolo enorme, daqueles refratários, devidamente transformado em rádio de pilha de corintiano, com botões, antena, desenho de *dial* só com 3 estações, uma caveira e, enorme, um distintivo do Coringão – todo esfarrapado, claro. Outra gozação, quando sabia que era ele telefonando, atender fingindo ser um estagiário *gay*...



HORLEY Antonio Destro, chefe da secretaria, depois na mesma função na Folha da Tarde.

ELIANA - "HORLEY era da turma do FRATERNO, do ÁGGIO e do FREDDI e veio assumir a Secretaria de Redação, onde eu trabalhava. Me ensinou a fazer títulos fantásticos pois diagramava o jornal e anotava: duas linhas de 12, ou três de 4 e por aí vai... Foi um amigo fantástico, de quem sinto muita falta até hoje. Conversávamos muito, e um dia ele chega de São Paulo com uma

história de que tinha achado um cachorro lindo, perdido no bairro em que morava, Perdizes. Eu, como sempre fui cachorreira - meu pai era veterinário - fui implorando: --'Horley, traz o cachorro pra mim'.. .Dito e feito, uma tarde o HORLEY chega na Redação esbaforido porque tinha levado de fato o cachorro de São Paulo e ao abrir a porta do carro, o bicho tinha saído feito um louco pela Rua do Comércio... Fui pegar o cachorro, pedi licença para levar pra casa e a partir daquela tarde me apaixonei perdidamente pelo "Frederico". Uns dias depois, seria acredito que o primeiro aniversário do "**Cidade**", comprei um vestido e deixei em cima da cama enquanto fui para o trabalho. Quando voltei para me arrumar, "Frederico" tinha roído o vestido nos dois ombros... Usei o vestido remendado na festa, acho que nunca contei isso a ninguém... "Frederico" morreu de velho e há exatos dez anos fui visitar HORLEY, no escritório que ele tinha e dou de cara com um cachorro que ele carregava para onde quer que fosse, inclusive o trabalho. Eu, morrendo de inveja daquela amizade homem & cão, fui logo dizendo: --'Quero um cachorro que vá trabalhar comigo, um macho peludo'.. .Ele de imediato pegou um telefone, fez uma ligação e me levou a conhecer uma fêmea pelada... "Brigitta" é minha paixão e enquanto trabalho, fica sob minha mesa..."

"Seo" **JOÃO** Antunes Rodrigues, motorista, um tremendo piadista e gozador, pai do PIU e do ARMANDO, motorista, tio da NILCE.



Oswaldo **JUSTO**, Prefeito de Santos, outro amigo da casa, muito respeitado pela Redação pelo ato de dignidade e desprendimento -- e coragem, pois foi um gesto que afrontou o regime militar -- ao recusar-se, como Vice-Prefeito eleito, a assumir o cargo de Prefeito no lugar do eleito, Esmeraldo Tarquínio, cassado sem nenhum motivo. Com a volta da Autonomia (uma luta que o "**Cidade**" encarou por anos a fio) elegeram-se Prefeito, tendo como um dos homens importantes de seu governo o companheiro LA SCALA. JUSTO foi um Prefeito amigo dos jornalistas, sem rancores, apesar de ter

sempre alguém pegando no seu pé por algumas excentricidades, como fazer reuniões com o Secretariado em pleno amanhecer -- vulgo madrugada... Vegetariano convicto, ou melhor (melhor ou pior?) macrobiótico ferrenho, andou se irritando com a irreverência e o talento do chargista J.C.LÔBO, que num lance de alta criatividade passou a caricaturá-lo sempre com algum raminho de planta nascendo pelo corpo... Por coincidência, justamente no dia 15 de setembro de 2007, em que se completam 20 anos do fechamento do "**Cidade**", o companheiro LA SCALA lança um livro sobre OSWALDO JUSTO.

KATUCHA, a Catarina Caldeira, secretária do FREDDI e incrível desenhista, de um problema no pâncreas, filha de um radialista da Nacional de São Paulo.

Francisco Penteadado Caldas, o **KIKO**, primeiro cronista social, outro gozador por excelência, humor cáustico e ferino. Um fim de expediente em dia de enchente na cidade, trânsito impossível, ruas alagadas, um monte de gente presa no jornal por falta de condições de navegabilidade. Ofereci meu pobre Fusca (placas 1-63-27-00!), era a única carona possível para umas 6 ou 7 pessoas! O KIKO organizou o roteiro e a lotação: vocês atrás, você primeiro, você no meio, você no colo dela, você no colo da outra, espreme mais, quando completou éramos 3 na frente: eu, espremido no volante, o KIKO no banco do passageiro contra a porta, no meio dos dois a MILÚ! E lá foi o Fusqueta, navegando heroicamente pelas plácidas águas da enchente, seguindo o estranho roteiro dele: ficou primeiro quem morava mais longe e estava no banco de trás... Deram palpites melhor mas ele não aceitou!... Demorei um pouco para entender, mas não muito... Espremidos, ali na frente, os 3, a cada mudança de marcha -- juro que no começo fugi tudo que pude! -- lá ia minha mão passear pelo joelho da MILU, e até pelos 2, que o sacana a empurrava contra mim... Quando ele desceu -- ela por último --, não deixou de se divertir: "Erre, você me deve essa!"... Pena que nunca mais pintou uma enchente daquelas

Lembra o VASCO: “O KIKO fazia a página social na primeira fase do **Cidade**, até se indispor com o BLANDY, que o trocou pelo Emanuel Leon. KIKO era um artista, um profissional muito competente e bem relacionado na sua área”.

ELIANA - “E era um amigo muito querido que fazia parte da turma que tomava lanche no mesmo horário: ele, MILÚ, MIRIAM PEDRO, GISELDA TOZZI. Fui convidada para algumas das festas que ele fazia na casa dele, produções impecáveis”.

ENEIDA - “Quem esqueceria do KIKO e sua irreverência? Gostava de chamar atenção inovando para chocar, seu modo de disfarçar mágoas e lidar com as dificuldades da vida. Como bem disse o VASCO, um artista. E um artista apaixonado por Paris, que lhe aprimorou o idioma, a preferência do melhor vinho, e o aprendizado de vida. Tornamo-nos bons amigos. Confiança mútua. Nos plantões de final de semana, voltávamos juntos, de ônibus, pelo qual ele optava pra gente poder conversar mais um pouco. Sempre papo sério, nunca sem terminar em boas gargalhadas. Na Secretaria, atento, quebrava climas indesejáveis com inteligência e humor contagiante. Passou a chamar-me “dona”, quando casei. ‘Óiqui, dona, pra você copidescar’ (escrevia assim). Quando já saíra do jornal e visitava um amigo nas proximidades de minha casa, qualquer que fosse a hora da madrugada, cumprimentava do outro lado da calçada: “boa noite, dona”. Sabia que eu responderia, silenciosamente. Responsável por coluna social em uma revista, continuou me trazendo o texto para copidescar e era mais oportunidade de conversa. Adorava um esperto fox-terrier que lhe fazia a maior festa, farejando seu carinho por cães. No último aniversário, doente, triste, agradeceu o telefonema como sempre, mas pediu que não o visitasse. Todos os seguintes 29 de setembro foram lembrados com saudade e alegria, do jeito que ele queria”.

Dos arquivos da HILDA, a memória – e homenagem – ao amigo. Diz ela: “O palhaço era sem graça, mas o KIKO se pôs atrás dele, fazendo uma porção de palhaçadas, enquanto ela tentava em vão se concentrar na matéria.” Assim era o KIKO.



Paulo **LARA**, colunista de teatro no início do jornal (irmão de Haroldo de Melo Lara, campeão de natação que depois seguiu a carreira de tenor, trabalhando na Itália, para onde se mudou) foi depois para a Folha da Tarde.

ELIANA - Era sensacional, um amigo e tanto, até morrer. Trabalhou comigo quando assumi a Editoria de Variedades da Folha da Tarde. Vira e mexe resolvia redecorar o apartamento em que morava e colocava tudo à venda. Eu então o visitava e fazia algumas compras rsrs.... A maior foi um armário embutido, vê se pode? Nem sei como carreguei tudo aquilo. Os aniversários que a mãe fazia para ele eram fantásticos, ela cozinhava muito bem e até brigadeiro fazia.

LENINE Severino, primeiro chefe do departamento fotográfico.

LILIAN Garcia Morales, repórter.

“Seo” **LIMA**, motorista, lembrado pela Ercília.

Ciro **LISITA** Júnior, lembra o BONSEGNO, “assumi a editoria do **Cidade** vindo de Goiânia, depois de trabalhar em São Paulo. Retornou à Capital e lá viveu alguns anos, até falecer.. Era um homem bom, amigo, decente”.

Pela ordem, ERCÍLIA: “Chegou na Redação junto com o JACARÉ, um alemão *hitleriano* de quem nem lembro o nome, para ‘dirigirem’ o **Cidade**. Acho que foi logo no meu início no jornal. Devo a ele minha admissão. Era boa gente, apesar de fazer parte da patota que chegou para botar ordem no pardieiro. Em todo tempo que lá esteve foi bastante hostilizado, mas sempre levou a situação na diplomacia “

Antônio Carlos **MAGALHÃES**, editor de esportes, "*que mierda*", do coração -- quase que eu antecipo a viagem do amigo, uma vez, quando enchi de furos uma aposta dele na Loteria Esportiva, e sem perceber a peneira (só tinha feito 5 pontos, pô!) conferiu e pensou que tinha feito os 13... /// Fiz algumas ilustrações para a coluna dele, FUTEBOL DE ESQUINA, inclusive caricaturas do nosso pessoal. Depois passou a enfiar ilustrações “nada a ver”, atijando os leitores para possíveis significados ocultos... De vez em quando ficava engraçado, porque forçava a barra para esses “significados”... Bom carona, bom amigo, apaixonado pela família. /// Nas cabinas de transmissão de rádio do Estádio Urbano Caldeira a homenagem do Santos ao cronista esportivo e também radialista: uma cadeira tem o seu nome.



Carlos **MANENTE**, chefe de reportagem, professor universitário, foi para a A Tribuna onde ocupou o mesmo cargo e posteriormente na TV, como editor chefe dos telejornais.

SHEIK - MANENTE, quando foi meu professor na Facos, era um dos grandes da Redação do Estádio, depois disso é que ele foi para a TV Tribuna, se não estou enganado.

ELIANA - Namorou muitos anos a Carmelinda Guimarães, crítica de teatro, hoje titular de uma cátedra na Universidade Federal de Goiás e, por um desses caprichos do destino, ela o encontrou no Reveillon, quando ambos voltavam das oferendas para lemanjá. Conversaram muito naquela noite e na manhã seguinte o encontraram morto.

MAURICE Legeard, outro assíduo da Redação.

HILDA: Outra pessoa que admirava o ROBERTO era o MAURICE, um grande amigo do jornal, do BETO e da ZEZÉ. Quase todas as quintas-feiras ele atravessava a Praça dos Andradas, descia a rua XV e ia tomar um café e fumar dez cigarros entre um acesso de tosse e outro, para levar a programação do Clube do Cinema de Santos. Sandálias, óculos fundo de garrafa, o francês frequentou anos a fio a Redação do “**Cidade**”.

Erre: Amigos dele estão articulando movimento para dar seu nome à pracinha do Gonzaga, no início da rua Bahia, esquina da Marechal Deodoro. Abaixo-assinado ali mesmo, na banca do Brizola. /// O homem era obcecado por cinema e sabia tudo do ramo, sobretudo dos filmes que se tornaram “*cults*” (é assim que se fala, ROBERTO?), dos clássicos e dos filmes de arte. Lembro-me de uma sessão especial promovida por ele, no Sindicato dos Petroleiros (ali na Conselheiro Nébias), para um dos meus filmes preferidos: do italiano Ettore Scola, “Feios, Sujos e Malvados”!. Para mim a história é uma espécie de profecia sobre a era Lula! (Para quem quiser perder 20 minutos eu explico!. E ainda ofereço um extra, uma explicação do porquê “Sherek 2” também é uma alegoria sobre o Lula!).

NEUSA Lemela, repórter.

OBERDAN Faconti, repórter, também oriundo de O Diário, cobriu porto durante algum tempo. Figuraça, depois de aposentado imitou a figura de Vinícius (coisa que o Meno, aquele do bar de um dos nossos encontros, depois levou ao extremo, chegando a fazer um show cover do poetinha). Além de jornalista OBERDAN era pintor mais ou menos primitivo (ei, ROBERTO Peres, existe essa categoria?) Uma obra dele, que durante muito tempo morou na redação de O Diário, era uma Santa Ceia bem primitiva em que o 13.º apóstolo, Judas, não tinha rosto. Ela adorava explicar que todos os traidores tinham a mesma cara...



PACO, espanhol, de batismo Francisco Lopes Rúbio, chefe da fotografia, eterno com seu charuto fedorento e a definição de autoridade: *Cabróns! Ratóns de playa!* (esse y tem som de j). Nos “anos de chumbo”, quando alguma autoridade circulava na Redação e dava chance, ele gritava o refrão lá na Fotografia, fingindo que era xingando os laboratoristas...



PERITO Sampaio Monteiro, repórter da geral.



REINALDO Muniz, operador de telex também do extinto O Diário, irmão do J. Muniz.

RISKALA Abdala Elias, advogado trabalhista, colaborador, da turma dos assíduos, pioneiro em implante de cabelos.

RÔMULO Merlin, primeiro setorista sindical, função que exercia desde os tempos do extinto O Diário.

HILDA - A primeira pessoa que entrevistei (provavelmente para alguma matéria da Faculdade) foi o RÔMULO. Foi também a primeira vez que fui ao jornal CIDADE DE SANTOS. Não sei quem indicou o RÔMULO nem por quê. Mas certamente não era o jornalista ideal para qualquer candidato a foca. RÔMULO era um ótimo profissional, entretanto, já alcançara aquele ponto em que os ideais da juventude vão desaparecendo sob o peso da realidade; em que o entrevistado longe de ser um enigma a ser desvendado tornou-se um *dejà vu* tedioso e o som da máquina de escrever é mais ruído do que música para os ouvidos. Ele era magrinho, cabelos lisos e claros e usava um bigode louro bem fino. Um estilo à la Orlando Silva. Quando me



convidou a sentar, passava um pano no tampo da mesa impecavelmente limpa. Então, me disse calmamente: “--Menina, desista porque essa profissão não tem futuro”. Mas a conversa não foi desestimulante. As dificuldades atraíam-me. Eu queria conhecer lugares e pessoas (apesar de não gostar muito delas), descobrir o que pensavam ... Como sempre fui rebelde ou teimosa não ouvi os conselhos da família nem do RÔMULO e não me arrependi.

Ainda a HILDA - Quando fui trabalhar no CIDADE, aprendi muito com o RÔMULO que, por trás da seriedade, era um grande gozador. Um dia ele também mudou da rua do Comércio para a João Pessoa, mas sempre que nos encontrávamos ríamos bastante. Um dia ele não me cumprimentou. Fiquei preocupada e fui conversar com ele. “-Passei a maior vergonha por sua causa. Você vinha pela João Pessoa e eu abri os braços no meio da rua, fiz uma porção de palhaçadas e você passou direto sem sequer olhar pra mim. Todo mundo deve ter me achado louco!” Cai das nuvens. Não tinha visto nada. Onde? Quando? Foi difícil convencer meu amigo que se estou preocupada ou pensando em algo de muito interesse sou capaz de não ver ninguém especificamente, mas apenas gente em volta. Não vejo sequer um homem alto se agitando como um helicóptero no meio da rua!!!!!! Ainda nos encontramos muitas vezes até eu trocar Santos por São Paulo.

ERCÍLIA - RÔMULO era uma figura. Costumava me chamar de “senhora general Aldévio Barbosa” (acho que era esse o nome do homem), então presidente da SMTTC, da qual eu era

setorista. Um dia presenteei-o com um bonde camarão, achado sob medida nas Lojas Americanas. Sempre que nos falávamos, mesmo muitos anos depois de haver saído do “**Cidade**”, dizia que ainda conservava o velho bonde e que, enquanto vivesse, ninguém colocaria a mão nele. RÔMULO era um pagode, mesmo. Um dia, estava fazendo uma matéria na Redação, quando ele telefonou da A Tribuna. Pedia-me para fazer uma matéria pra ele. Com prazer, levei-a até a Redação da desafeta. Foi a primeira vez que entrei lá... e tive a sensação de ter entrado num velório. Silêncio total, o povo cabisbaixo, falando moderadamente. Como fiquei feliz com a balbúrdia do nosso “**Cidade**”!. Fazíamos barulho, mas era evidente que éramos bem felizes, não? .

GAZETINHA - Outro digno jornalista que me ensinou muitas coisas, sobre jornal e da vida. O RÔMULO sempre dizia: “um dia ainda vou comer filé mignon”. Era assim que ele se referia quando manifestava o interesse em trabalhar na Tribuna. Até que um dia isso ocorreu. Todos os dias, no final do expediente, passava na mesa da Chefia de Reportagem e pedia o Notícias Populares.



João Moreira de **SAMPAIO** Neto, na família o Joãozito, chefe da Secretaria, editor-chefe por algum tempo.

ERCÍLIA - “Pessoa bondosa, padeceu nas nossas mãos e especialmente nas do BLANDY.. Apesar disso, sempre se mostrou amigo, pronto para ajudar. Eu só queria morrer quando ele vinha pedir um pedaço do meu lanche, com suas mãozinhas que viviam coçando as partes pudentes. Antes que eu dissesse qualquer coisa, ele já havia arrebatado meu sanduíche da mão e abocanhado. Invariavelmente eu lhe dizia que podia

comer todo, porque eu já estava satisfeita (mesmo que estivesse morrendo de fome). E o gordinho saía satisfeito, balançando sua pança...”

ENEIDA:: “**HOMENAGEM** - Foi com esse espírito que EDISON CARPENTIERI, editor do Jornal da Orla, noticiou o falecimento, a 11-7-2005, de JOÃO MOREIRA DE SAMPAIO NETO, ressaltando seu longo currículo profissional, o bom caráter, e a ausência dos tantos quantos o visitaram enquanto exercia cargo de interesse no jornal. Publicou os três textos a seguir, que, esperamos, se prestem a marcar nossa lembrança.”

“Acabo de saber que João SAMPAIO se foi. A tristeza vai chegando aos poucos, na medida em que as lembranças vêm aflorando em meio a tanta coisa que vivi nesses anos todos.

Profissionalmente, aprendi muito com ele. Eu o conheci quando entrei na Faculdade, onde ele já estava e se destacava pela inteligência e pelo físico avantajadinho. Naquela época, eu era uma pessoa muito fechada (porém muito observadora) e me relacionava pouco com os colegas. Em 70, fui convidada a fazer estágio no Cidade de Santos, onde o João já ocupava uma chefia. O chefe de reportagem era De Paula, outra pessoa muito especial. O terceiro personagem desta história é o Itamar Miranda. Os três se mancomunaram numa trama diabólica para acabar com aquela Hilda emburrada, vestida com roupas de senhora e óculos de intelectual antiga e fazer surgir, no mínimo, alguém compatível com o seu tempo. A força tarefa precisou de um ano para obter os primeiros resultados.

Quantas vezes abri a bolsa no ônibus para encontrar toneladas de papel picado ou objetos da Redação. Uma vez voltei para devolver um grampeador, temerosa de que alguém achasse que eu havia surrupiado. De Paula chorava de rir. Fui cobrir um festival de cinema brasileiro no antigo Parque Balneário e entrevistei Leila Diniz. Recebi à noite na Faculdade um envelope com uma foto minha sentada na areia conversando com aquela maluca fantástica. No verso, uma legenda: a bela e a fera! Em um bilhete, parabéns pela matéria.

Como essa terapia parecia não estar dando certo, começaram a jogar mais pesado. Passaram a me pregar sustos. Quando eu entrava no prédio, certamente alguém avisava as chefias. O acesso à redação era por uma escadinha tosca de madeira que dava em uma espécie de cubículo no primeiro andar, onde ficava o relógio do ponto. Invariavelmente, um dos três estava escondido atrás da porta para me dar um susto. Que bom que eles acreditaram que um dia eu reagiria!

Lembro-me de um bilhete de amigo secreto (que eu devo ter até hoje, junto com o convite de casamento dele) em que João me fala da importância de sorrir. No livro que ganhei (O Cristo

ressuscitado) ele escreveu: "À secretíssima amiga Hilda, 'aquele abraço' do sempre amigo, apesar das gozações." João foi um amigo, um incentivador e um exemplo em muitas coisas. A criatura zangada cedeu lugar a outra risonha, adepta de microssaias e que encarou a vida numa boa e fez muitos amigos (talvez alguns inimigos). Fisicamente, ele lembrava meu pai: um gordo elegante, fumante compulsivo, que só andava de táxi, paciente e extremamente religioso. Claro que discutimos muitas vezes. Detestava especialmente quando ia tratar de assuntos importantes e ele continuava batendo o texto com o rosto meio virado como se ouvisse... Invariavelmente, eu saía batendo os saltos. Aí ele gritava – estou ouvindo, estou ouvindo ... Eu voltava emburrada, mas logo estávamos rindo. Ele ficou zangado comigo apenas uma vez porque troquei a ordem do nome dele (atenção, copies!). Até hoje não sei se é Moreira Sampaio Neto ou Sampaio Moreira Neto. Com ele podíamos falar de besteira pesada, música erudita e popular, política, religião, etc... etc.. A última vez que o vi foi na festa do Cidade de Santos. Parecia o mesmo de sempre. Naquela noite, Reinaldo Lavia disse-me que não havia me reconhecido até eu sorrir. Obrigada, João Sampaio. Devo isso a você". (HILDA Araujo)

FORÇA MORAL - "Também tenho muitas lembranças do João, especialmente do tempo do copy, quando ele era o secretário de redação, e conseguíamos melhor observá-lo, compreendê-lo e admirar sua força moral. Mas as recordações que fincaram raízes foram daquele João Sampaio que colaborava com as aulas de cursinho na Faculdade, realizado pelo Centro Acadêmico. Já naquela época, gostávamos de conversar com ele, um entusiasta do jornalismo, ainda iluminado 'pelo que a gente podia fazer' nessa nossa profissão... Ao saber da notícia, minha primeira reação foi pensar em como ele era ainda novo... Mas depois me recordei que, apesar daquele seu jeito, muitas vezes contido quando devia explodir, tinha uma vida interior muito rica e vivia as coisas intensamente. Talvez, lá no fundo, já fosse um bom velhinho e sabedor das coisas. Que ele continue, onde estiver, fazendo amigos". (SONNIA Mateu)



AMIZADE - "Depois da despedida, a impressão de sentir-me de certa forma anestesiada, parando um tempo no tempo. Inevitáveis as lembranças. Boas recordações marcam o convívio amigável de tantos anos com João Sampaio, dividindo a mesma sala, as mesmas alegrias, tristezas, indignações e, por que não?, o mesmo ideal de profissão. Até onde o ideal foi possível... O aprendizado, as tantas e longas conversas; literatura e música, principalmente, sempre em discussão; as brincadeiras -- como o dia em que, no início de sua chefia na Secretaria, fez uma matéria de polícia especialmente disfarçada para eu copidescar, reforçando um conteúdo absurdo, o que, felizmente, me livrou do trote. Até hoje questiono se aquele exagero não teria sido proposital só para permitir que eu me safasse de outras provocações.



Fica a sensação de que João foi chamado cedo. Segundo Maria Aparecida, companheira de muitos anos, ele nunca mais foi o mesmo depois do CIDADE. Nós, que ficamos também sem o jornal e perdemos tantos outros colegas de profissão, sentimos agora um vazio de tamanho diretamente proporcional ao seu. É que João era grande também de sentimento, de amizade e respeito às pessoas com quem convivia. A mim chamava de Barreto ou Barretinho, e só muito tempo depois me dei conta de como era significativa aquele reforço de origem, sempre motivo de orgulho.

Todos nós, acredito, guardamos histórias diversas e boas lembranças. João deixa saudade, ao mesmo tempo em que leva um pouco de cada um nesta última viagem". (ENEIDA Barreto).

SERGINHO, Sérgio Luiz Barrera, chefe de reportagem. Segundo a HILDA, escondia sob os cachos e um falso mau humor, a pessoa sensível que era. DEJAIR, amigo dele até muito depois, nas bandas do Paquetá, lembra que ele não assimilou o fechamento do jornal e, doente, a morte do "Cidade" o matou.

SÉRGIO, motorista.

THOMAZ de Aquino, ainda novo, em acidente de automóvel, colega da HILDA no Colégio Canadá, aluno brilhante.

ERCÍLIA - THOMAZ era uma espécie de protetor do Zé Macaco. Quando o Zé sofria seus ataques epiléticos era THOMAZ quem o socorria e ajudava, sempre.

GAZETINHA - Era um sábado, no final da tarde, quando cheguei em casa e toda a Folha estava a minha procura. Um motorista e o ESCANDON já estavam me esperando para irmos ao Guarujá. Numa colisão frontal de dois automóveis morreram, no local, quatro pessoas. Os corpos já haviam sido removidos e só conseguimos fazer fotos dos veículos acidentados. Fomos para a Delegacia para fazer os "bonecos" dos documentos dos mortos. Na hora em que os recebemos foi o maior susto. Ficamos sabendo que faleceram o THOMAZ, o irmão dele, a namorada deste e o motorista do outro carro.

Gabriel **TRANJAN** Neto, chefe da secretaria e de reportagem, profissional da melhor qualidade, amigão, sempre pronto para orientar e ajudar todo mundo (falecido em 30-7-2000).

ERCÍLIA - Levantou o "**Cidade**" por alguns meses, depois percebeu que os problemas do jornal eram piores do que pensava e, por alguma contrariedade, se mandou. Mas a reviravolta que deu assustou muita gente na Desafeta.

ELIANA - Trabalhamos juntos em São Paulo, era um amigão e muito competente. Deixou saudades..

GAZETINHA - O TRANJAN veio de uma revista para o "**Cidade**". Eu já o conhecia pois havia estudado com ele. Um dia me confessou que estava tentando retornar para o setor de revistas porque o jornal era muito agitado. Parece que estava adivinhando: o coração dele, que era tão bom para os amigos, para ele parou cedo.

ERRE: Um episódio (que não presenciei): um representante do Governo do Chile, do ditador Pinochet (um cônsul, acho), foi visitar a Redação. Quando ele estava sendo recebido por TRANJAN, o pessoal da Redação começou a bater nas mesas e a chamar de "Assassino", "Assassino". O visitante reclamou e TRANJAN respondeu-lhe: "O senhor é representante de um Governo que não e bem recebido nesta Redação!" O visitante se retirou pê da vida.



VERINHA, Vera Rodrigues Loureiro, repórter, depois assessora de imprensa na Câmara Municipal de São Paulo, tinha passado pela perda do marido e vivia uma nova fase da vida, estava insistindo em marcar uma cerveja no novo apartamento – tinha sido minha vizinha --em que estava morando. Não deu tempo.



ELIANA - "Viemos juntas para São Paulo e dividíamos apartamento, o primeiro foi na Rua Avanhandava, que era mobiliado com três camas, um tapete amarelo, uma cortina amarela e uma mesinha... Uma vez, ela trocando de roupa no ap, ouvimos de um megafone das redondezas: -- '*Moça do penhoar amarelo (tb o penhoar era amarelo!)*, tire o penhoar!'... A louca mais adorável que jamais conheci...

Ainda ELIANA: Uma ocasião, como ela secretariava o colunista social Meninão, na Folha da Tarde, ganhou uns ingressos para um baile de carnaval no Teatro Municipal. Nos produzimos todas, Carmelinda Guimarães e Cláudio Mamberti (ator e santista) no grupo, e lá fomos nós. Havia uma passarela alta, o povo ficava espiando os convidados lá de baixo e quando o Cláudio entra, tem a infeliz idéia de berrar para a massa: *Oh, pobreza!*... Entramos no baile correndo, sob vaias...

Nilton TUNA - Meu último encontro com a VERINHA foi em Santos, no casamento da Fabiana. Ótimo buffet, mas como bons evangélicos, nada de álcool. Eu, a VERINHA e (se não me falha a memória) o VASCO fomos pro bar da esquina (Ponto 5, na Epitácio Pessoa com o canal 5). Chope vai, chope vem, muita lembrança, muita conversa... Quando voltamos, a festa já tinha acabado, o buffet estava fechado. {O TUNA fala mais da VERINHA ali em cima, junto com o FREDDI}

ENEIDA - "VERINHA também deixa saudade. Voltou um tempo para o CIDADE, depois outra vez para a Capital. Estava animada e decidida a levar a vida de forma mais calma. Combinamos um curso de Filosofia, mais algumas tardes "pra pintar o sete" e trocar algumas idéias, mas o



tempo não esperou. Lutou bravamente, e teve de ir. Felizmente, conseguimos brindar juntas, no último aniversário, ao lado da família e poucos amigos, no novo apartamento que lhe trazia alegria, principalmente pela oportunidade de sempre poder receber Marinho, o único filho, que herdou dela toda aquela inteligência e sagacidade".

Padre WALDEMAR do Valle Martins, colunista do início do jornal (não lembro o nome da coluna católica), professor universitário e escritor.

WALTER Carvalho, advogado criminalista, colaborador, da turma dos assíduos, morto por assassinato.

Nota: Este item é um perigo, é bom se informar bem antes de incluir alguém. E quem me mandar passagens prá lá já sabe para onde deve ir, né?

(*) Dependendo da frequência, esta não é cláusula pétrea!

3. CASAIS



Nilce Maria / Áureo
 Maria Alice / Roberto Peres
 Vera / Sassi
 Vera SD / Emanuel Leon
 Sílvia / Oswaldinho
 Miriam Pedro / Schiavetto
 Sônia Regina / De Paula
 Rita / Wilson Mello
 Heloísa / Cebola
 Cléofe / Siqueira
 Sílvia / Beto
 Noemi / Eraldo
 Cecília / Silvares
 Virgínia / vergara
 Vânia / Adalberto
 Verinha / Yassuo
 Ângela / Tônico Duarte
 Denise / Itamar
(18)

4. MUSEU

(Alô, Vânia?... Vânia!... V-â-n-i-a-a-a!... Cadê você?...)

1. Só para abrir (e fazer a CLÉIA e a VÂNIA chorarem de raiva): eu fiquei com a guilhotina pequena, de fotografias, da Secretaria!!
2. Ah, lembrei: tenho um exemplar completo do jornal do primeiro aniversário, todo cagado de baratas!
3. A ERCÍLIA acha que tem (está procurando) o último número do jornal, aquele do dia em que todos tomaram o pé na bunda definitivo, e que não publicou a célebre frase do seo Frias, dono do jornal, de que estava muito mais preocupado com suas milhares de galinhas (na verdade, frangos para exportação) do que com uma dúzia de jornalistas desempregados...

4. Olhem o estoque da ENEIDA: a danada tem um gomeiro e laudas velhas!... Tem textos do "Redamoto" (ei, quêquêsso?) e aqueles bilhetes que faziam circular na redação ou que fixavam no mural! Ainda, alguns exemplares do jornal e fotos, com medalha de ouro para uma em que o SAMPAIO -- cabeludo! -- apresenta a turma ao então Governador Laudo Natel!

ENEIDA complementa: "Recordo de mais algumas coisas agora: também a última edição do CIDADE; esse mural ao qual a HILDA se refere abaixo - com o título MORRE A NOTÍCIA; o tal álbum dos "figurões" e, colado em várias laudas, o desenho de uma grande "planta" da construção de um enorme apartamento, destinada às copias, com dedicatória do... adivinhem?... do ERRE!... Explicava ser o símbolo do tamanho do coração das "meninas" da Secretaria. Tudo porque havíamos lhe oferecido belo cesto de vime, com docinhos e tudo (o motivo da brincadeira, infelizmente, não lembro). Sabem o que ele respondeu ante a surpresa, em meio à Redação? Disso eu lembro: -"Tadinho do ERRE, encabulou". Surpreso, acredito; mas encabulado, ERRE? Que lorota boa, hein"! (ENEIDA) {Ô meninas, vocês sempre abusando de mim, heim?!...}

5. Vale o "Mural" do Sindicato anunciando que o grupo FOLHA pôs 120 no olho da rua? (HILDA). Valeu!

6. Em se tratando de Museu, tenho algumas coisitas: um mural que usava para espetar informações sobre Educação, Polícia, etc.; tenho também um exemplar da última edição, o fatídico 15 de setembro de 1997 (é preciso achá-lo); tenho matérias em lauda... (NOEMI).

7.O RENATO tem a matriz, em alumínio, de um cartaz feito para uma reunião da greve dos jornalistas – ta explicado lá, na ficha dele...

8. A LÍDIA também é ligada em momentos marcantes: "Tenho o último jornal, os panfletos que distribuímos, fotos das assembleias no Sindicato e na Câmara, e o álbum de figurinhas com as personalidades santistas lançado pelo jornal (de quando eu era criança)".

5. CHUVEIRO

Por enquanto vou deixar o meu voto na gaveta. Vai nessa, ROCHA!... (Nem a ERCÍLIA votou, ainda...)

E chegaram os 2 primeiros cartões vermelhos - para atletas diferentes! ... Quem mais se habilita?!...

6. M A I S

Primeira edição do "Cidade de Santos": 1.º de julho de 1.967

Última edição: 15 de setembro de 1.987

MANCHETES DE QUE SE LEMBRAM:

ERCÍLIA.: **NOITE DOS MASCARADOS**, devia ser NOITE DOS MASCATEADOS (era sobre a entrega do Prêmio Mascate)

Houve outra, que ela quer lembrar (eu não lembro) em que trocaram uma galeria de artistas do ROCHA e encaixaram fotos de pessoal das Sociedades de Melhoramento dos Bairros. Quem lembra?

OUTROS EPISÓDIOS

Em 1968 o **'Cidade'** lançou o álbum **'FIGURAS DA VIDA SANTISTA'**, com fotos e legendas de personalidades da cidade, históricos e atuais, desde os fundadores até Pelé, Pepe e Zito, incluindo entre os filantropos CARLOS AUGUSTO NAVARRO DE ANDRADE CALDEIRA, pai de CARLOS CALDEIRA Filho, proprietário do jornal. As figurinhas foram repetidas durante muito tempo, para que os leitores pudessem preencher os álbuns. Como alguns cromos originais foram perdidos, havia fotos diferentes da mesma pessoa, uma invertida (saiu olhando para um lado, foi repetido olhando para outro), e até hoje me faltam algumas que nunca consegui achar.

O **'Cidade'** nem sempre era lembrado como integrante do Grupo Folhas, como muita gente vive falando. Pelo menos, quando da morte de FRIAS, a TRIBUNA DA IMPRENSA On Line (30-4-2007), do Rio de Janeiro, não nos esqueceu:

"Em 1965, comprou também os jornais "Última Hora" e "Notícias Populares", aos quais se somavam a "Folha da Tarde" na capital e a "**Cidade de Santos**", no litoral. O vespertino "Folha da Tarde" foi uma dor de cabeça para o empresário durante o regime militar, quando passou das mãos de uma equipe de esquerda em 1969, para um grupo de direita, nos anos seguintes."

Não foi o **'Cidade'**, mas quem organizou foi a nossa turma, VASCO, ROBERTO PERES à frente: "1.º Salão do Jornalista Artista Plástico do Estado de São Paulo", inaugurando a Galeria de Arte do SESC (então na Conselheiro Nébias), em 16-9-1968. Expondo: VASCO, HORLEY, NORIVALDO, SKRÉBYS, OBERDAN, LÔBO, ERRE, VERA LÚCIA, BLANDY, MILÚ, MARCELO e KATUCHA. Acho que nunca aconteceu o segundo...



Nosso salão, com muita arte

Na foto do Salão, bem no centro, a partir da esquerda: BLANDY (mão no queixo), VERINHA, VASCO, o representante do Sesc, FREDDI (um pouco mais atrás), um dirigente do Sesc, o radialista Ibrahim do Carmo Mauá, Secretário de Turismo da época, e Sérgio Galvão Sales Filho, presidente do nosso Sindicato.



HORÓSCOPO - Numa das crises do CS, alguém resolveu cancelar ou não renovar o contrato com o "vidente" do Horóscopo. Embora os puristas não aprovem, jornal que se preza tem Horóscopo. Para não deixar o leitor na mão, a Redação se mobilizou e todos os dias alguém era escalado para redigir o Horóscopo - acho que os prognósticos eram melhores para o signo do redator de plantão. A situação durou até a administração resolver abrir a burra e contratar um novo Omar Cardoso. (HILDA). ///

Pô, Hilda, "para não deixar o leitor na mão"?... Ou para deixar o leitor mais do que na mão?... Para recordar: só me deixaram fazer uma vez (acho que foi o ALCI, não lembro bem), deu confusão... Entre outras coisas (tinha umas gozadas, pena que não lembro) alguém ligou (várias vezes) assustada(o), o que o "horoscopista" queria dizer com o conselho "não durma de touca"?... (Erre)

"Não lembro quem foi o primeiro a escrever para o 'Cidade'. Lembro que, quando exercia a chefia de reportagem, o Omar Cardoso morreu. Ele mandava a coluna mensalmente - isso mesmo - trinta colunas para todo o mês. Quando o homem morreu foi o maior sufoco, até que,

numa manhã, o BLANDY chegou com a idéia: manda comprar o Almanaque do Pensamento. Um boy começou a copiar as previsões, que eram publicadas, se não me engano, sem nome do **bidú**. Muita gente me perguntava quem eram o autor das previsões, pois ele ‘acertava’ muito.” (GAZETINHA)

Quando o jornal ganhou cores, o LOGOTIPO dos domingos trazia uma paisagem santista que era acompanhada de um texto de cinco linhas. Ah! Tortura chinesa toda semana criar um texto sobre céu azul, mar belo mar selvagem e aquela muralha de pedra da orla, jardins fantásticos etc. e tal, por anos a fio... (HILDA) /// Ué, naquele tempo não chovia? Nem aos domingos?... Houve uma exceção: um domingo todo mundo estranhou a bonita foto colorida do logotipo, ninguém reconhecia o lugar nem na cidade, nem na região. Nem podia, era a entrada do Parque São Jorge – campo do Corinthians, que naquele domingo jogou contra o Santos e levou um passeio. Só pode ter sido coisa do Caldeira, a mensagem era essa, o (Cidade de) Santos ia dar um passeio no Corinthians.. (Erre)

ENQUETES - Acho que foi no “**Cidade**” que começou a fase das enquetes. Vão reduzir os jardins? Pergunte à população o que ela acha disso. Ambulantes? Pergunte à população o que ela acha. E lá estavam as carinhas (“filminhos”) estampadas no jornal dizendo o que pensavam. Quem não fez uma enquete na vida?... (HILDA)

Vem aí, Operação França! (Quando eu achar a pasta, pô...).

AKIO lembrou bem: no dia 15 de setembro serão completados 20 anos de fechamento do “**Cidade**”.

Em minha última matéria para o Informativo UniSantos, sobre o acervo do “**Cidade**”, deixei a informação: está sob a responsabilidade da **professora Cida Franco**, no Departamento de História. Está guardado na Rua Piauí, 12. (ERCÍLIA). **Atualizando: v. nota a seguir, depois do "Informativo Unisantos"**.

FICHA TÉCNICA DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO

A volumosa edição de 1.º aniversário do “**Cidade**”, n.º 367, de 1.º-7-68, divulgou na pág. 4 a relação de todos que participaram da sua preparação – ressaltando que isso foi feito sem prejuízo da edição de cada dia --, e que é a seguinte:

DIRETORES – Sérgio Paulo FREDDI, Antonio ÁGGIO Jr., Carlos Eduardo de Souza PIRES;
SECRETARIA – HORLEY Antonio Destro, Alcides de Moura TORRES, Gabriel TRANJAN Neto;

CHEFIA DA REPORTAGEM – Antonio Carlos SCHIAVETTO, Eymar J. MASCARO, ALCI Souza;

REPÓRTERES – Antonio TADEU Afonso, Argemiro Pereira DE PAULA, Carlos Antonio Guimarães de SEQUEIRA, CLEOFÉ Valentin Monteiro, DIRCEU Fernandes Lopes, ERON Brum, Fernando Toledo ALLENDE, FLÁVIO Sinezio Coelho Ribas, Francisco M. Sanchez Filho (CHIQUINHO), José Alberto de Moraes Alves BLANDY, José DOUGLAS Pereira Pinto, Luiz Carlos PECE, MARCELO Fernandes Cascione, Maria Luiza Almeida Garrett (MILÚ), Mario SKREBYS, MIRIAM Pedro, ODILON Pereira da Silva Filho, ROBERTO Dantas, ROBERTO Fernandes Peres, RÔMULO Merlin, SÉRGIO Bicudo Avelar, VASCO Oscar Nunes, Vera Lúcia Rodrigues (VERINHA);

COLUNISTAS – Alberto WITKOWSKI, Paulo LARA, ERRE, J. ZUZARTE Reis, KIKO Penteadó Caldas, Pe. WALDEMAR Valle Martins, SÉRGIO Aparecido Gonçalves, ELIZABETH Miller Melo, Ângelo Mário Costa TRIGUEIROS, ERNESTO Teixeira do Nascimento;

CRONISTA – DE VANEY;

ILUSTRADOR – J. C. LÔBO;

PREPARADORES – ARLINDO Piva, Carlos Bastos de CASTRO, CÉSAR Augusto Fragata Lopes, CORNÉLIO Lima Filho, ELIANA Pace (foi à festa com o vestido remendado nos ombros!), GISELDA Tozzi, JACIRA Otaviano, João Carlos MARADEI, Luiz Antonio Maria FIGUEIREDO, Marino MARADEI Jr., Roberto SOMOGLY;
 DIAGRAMADORES – EDNA Franklin de Andrade Gimenez, GERALDO Stevanato, NORIVALDO Pidone;
 FOTOGRAFIA – LENINE Severino, Francisco Lopes Rúbio (PACO), ITAMAR Felício Miranda, José ESCANDON, TATEO Ikura, YASUO Kinjô;
 LABORATÓRIO – AÍLTON Pereira Leal, ALCÍDIO Lima Barbosa.

VIDA APÓS A MORTE

PRIMEIRO NÚMERO

ÚLTIMO NÚMERO



E
D
E
P
O
I
S



Informativo
UNISANTOS

ANO 28 - SANTOS, JUNHO 2006 - Nº 267



História resgata e preserva Jornal Cidade de Santos

Estão disponibilizadas à pesquisa cerca de 1100 pastas. O número não é absoluto. Ainda estão sendo relacionados muitos dos assuntos enfocados no jornal. Há também vários livros e publicações da Editora Leopoldianum, que pertenciam ao jornal e permitiriam formar uma biblioteca anexa ao depósito das pastas.

Periódico santista, o Cidade de Santos entraria em seu 40º ano, no dia 1 de julho deste ano, se não houvesse saído de circulação. Criado pelo Grupo Folha da Manhã, proprietário também da Folha de S. Paulo, foi um marco na história recente da revolução gráfica na Imprensa, como primeiro jornal da América Latina a ser impresso pelo sistema *Offset* e também o primeiro jornal colorido do Brasil, na mesma técnica.

“O Cidade de Santos é de uma riqueza espetacular e de extremo valor para nossos estudantes e para pesquisadores da comunidade”, afirma a professora Maria Aparecida. “Ele é fonte de consulta para alunos de História, Jornalismo e outros cursos da Universidade e de outras instituições.

Já foram elaborados trabalhos de conclusão de curso, como o TCC do aluno Carlos Góes, free-lancer pesquisador de História, que abordou: “Jornal Cidade de Santos: a coluna A Pessoa”. Também nas disciplinas “Introdução aos Estudos Históricos”, em que é ensinado como analisar jornais, e “Introdução aos Arquivos” há atividades voltadas para o arquivo do Cidade,

do Brasil, Última Hora, O Cruzeiro, Fatos e Fotos, Amiga, Veja. Alguns já extintos”. O material nos mostra, inclusive, a sistemática de trabalho que era adotada. Por exemplo, pastas de matérias são acompanhadas de pastas de fotos, coladas e identificadas: Setor, fato, local, dia, hora, nome do fotógrafo e do repórter.

“Esse arquivo nos dá um panorama não só do mundo, mas especialmente do delicado momento em que o Brasil passava e sua repercussão em nossa região”, enfatiza a professora Maria Aparecida. Caixas-arquivo contém rico material sobre educação, patrimônio histórico e ambiental, artes plásticas, carnaval, cinema. O maior setor é o de Esportes, mostrando não apenas o cotidiano regional, mas em âmbito nacional e mundial, com meia centena de caixas-arquivo, seguido do setor de Polícia. Realmente é uma rica fonte de informação e, como tal, deve ser preservada.”

Material catalogado está aberto à consulta

Estagiários do Curso de História, orientados pela professora doutora Maria Aparecida Franco Pereira, estão resgatando e preservando o acervo do extinto Jornal Cidade de Santos. Fechado há 18 anos, exatamente em 15 de setembro de 1987, periódicos encadernados e pastas de matérias e fotos foram entregues à guarda do então Departamento de História da Universidade. A coleção encadernada está na Hemeroteca do Centro de Ciências da Comunicação e Artes e as pastas vêm sendo organizadas, em um trabalho de muita paciência e dedicação. Parte do material, já catalogado, está aberta à consulta dos públicos interno e externo, das 14 às 18 horas, em uma sala-depósito, na Rua Piauí, 12.

Trabalho exige paciência e dedicação



ATUALIZANDO

Atenção pessoal, atenção ERCÍLIA: os arquivos do "**Cidade**" mudaram de endereço. O prédio da Unisantos na Rua Piauí 21 foi demolido, e os vizinhos em breve terão o mesmo destino, para dar lugar a novos empreendimentos imobiliários.

Como não havia lugar para eles na Unisantos, que desocupou e vendeu vários prédios, a Professora CIDA FRANCO, num notável esforço pessoal, levou as pastas remanescentes -- já em número muito reduzido em relação ao antes existente -- para um apartamento na RUA NABUCO DE ARAÚJO N. 103, altos, onde estão sendo reorganizadas,. O trabalho está a cargo de uma aluna, em regime de meio-expediente alguns dias por semana, e que, com muito boa vontade, atende aos interessados.

Ela não dispõe, lá, da coleção encadernada. Consultas à coleção (não sei se era a do arquivo do jornal, acho que não) na Hemeroteca da Prefeitura, no térreo do Teatro Municipal, no Canal 1 -- pessoal também muito atencioso.

ATÉ ELAS, DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, SOFREM DA SAUDADE DO CIDADÊ...



DADO DISSECANTE:

CIDADE DE SANTOS

CANTOS DE IDADES

IDADES DE CANTOS

SANTOS DE CIDADE

DADOS ACIDENTES

**SENTIDOS DE CADA
DESTINOS DE CADA
SEDE CANDIDATOS!**

ANA GRAMA AMA GRANA

SANDICE DE TODAS

Erre, 8/07

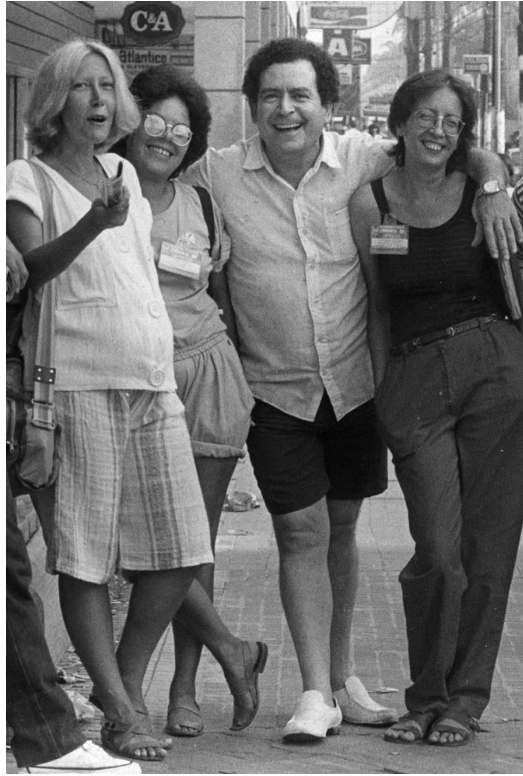
DIRETAMENTE DO BAÚ DA HILDA



QUEM ? ; CÉLIA SEOANE; HÉLDER; LUCIANA; ROBERTO PERES; SAMPAIO; BLANDY; GISELDA; PIMENTEL; FLÁVIO ROBERTO e CRISTINA; BEBÊ DIABO, ARYLCE, REINALDO SASSI, ALLENDE e SERGINHO.



CEBOLA, MOITA, PIMENTEL, GUARACY, ARYLCE, MÔNICA, PAULO PASSOS, CRISTINA e IZILDA.



RITA, IZILDA, VASCO e HILDA



NO ENCONTRO DOS 10 ANOS DE FECHAMENTO DO “CIDADE”, ROBERTO PERES, SONNIA MATEU, ENEIDA, CLÉA e ZEZÉ.



AINDA NO ENCONTRO DOS '10 ANOS, GLORINHA, ROSAMAR, ENEIDA, ZÉ LOUSADA, ISALTINO, CLÉA e MARIA INÊS.



MAIS: EDUARDO SANOWICH, SÔNIA REGINA, BETO PASCHOALINI, ZÉ LOUSADA, MAURY, RITA e WILSON.



JAN/2007, NA PINACOTECA: ROSAMAR, VERA, EUNICE TOMÉ, ZEZÉ, CLÉA, SONIA REGINA, RITA, MIRIAM, CLEINALDO e ZÉ RODRIGUES (Estadão).

O CIDADE DE SANTOS É UM CADÁVER DIFERENTE: MESMO DEPOIS DE MUITO TEMPO MORTO, CHEIRA BEM!"

Erre (para o folheto dos 13 anos do fechamento do jornal)

EXTRAÍDO DO "NOVO MILÊNIO"

O MATERIAL A SEGUIR FOI EXTRAÍDO DO SAITE "NOVO MILÊNIO" (www.novomilenio.inf.br), DO EX-CIDADE CARLOS PIMENTEL MENDES. (AS DUAS PRIMEIRAS FOTOS "DIRETAMENTE DO BAU DA HILDA" TÊM A MESMA ORIGEM.)

17-2-2003

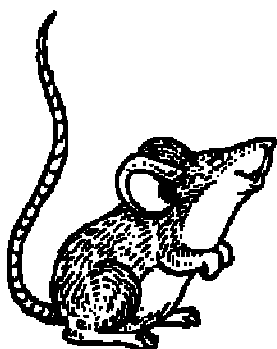


CIDADE DE SANTOS



Este espaço, o jornal eletrônico *Novo Milênio* dedica a um jornal que marcou sua época, e hoje, tantos anos depois de sua última edição, continua presente na memória dos santistas como um veículo vibrante, combativo, uma alternativa em jornalismo que nunca mais foi preenchida na cidade.

O velho *Cidade de Santos* deixou muitas histórias, também, como a dos ratinhos, companheiros de todas as horas; do Aquário, onde muito peixe graúdo nadou (e alguns foram engolidos com escamas e tudo); do porteiro que barrou o governador; da telefonista que... - histórias que estão vivas na mente de todos os seus funcionários e colaboradores.



Como não poderia deixar de ser, em se tratando do *Cidade de Santos*, esta idéia surgiu depois de várias rodadas de chope, numa reunião do pessoal que, um dia, ajudou a criar essas histórias.

Ao leitor, a certeza de que muita coisa vai rolar neste espaço, acompanhe sempre.

A todos os companheiros, um abraço do

Carlos Pimentel Mendes
(o foca da foca...)



18-11-1977 - *Em pé*: CÉLIA SEOANE, HÉLDER, LUCIANA, ROBERTO PERES, SAMPAIO, BLANDY, GISELDA, PIMENTEL, FLÁVIO, CRISTINA;;
Agachados: BEBÊ DIABO, ARYLCE, SASSI, (?), ALLENDE E SERGINHO.



MESMA DATA: PIMENTEL, AKIO, ROCHA e MÁRIO TADEI.



MESMA DATA, CRISTINA E PIMENTEL.



MESMA DATA: CRISTINA, NIVAIR, JOAQUIM E PIMENTEL.



A CONTROVERTIDA FOTO DA REDAÇÃO: QUEM SÃO?...



CIDADE DE SANTOS

Diretor-Presidente: Octavio Frios de Oliveira

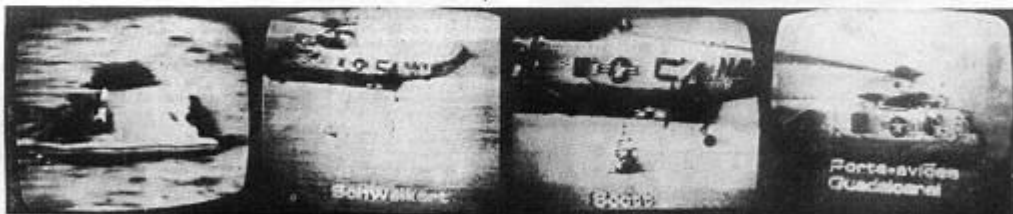
Santos, sexta-feira, 14 de março de 1969 — Ano II — N.º 613

DIAS ÚTEIS NCR\$ 0,25 — DOMINGO NCR\$ 0,30

TARQUINIO CASSADO

Página 4 do 1.º caderno.

APOLO VOLTOU, EXITO COMPLETO



A "Apolo-9" — com James McDivitt, Russel Schweickart e David Scott — desceu ontem, às 14h53 (de Brasília), no Oceano Atlântico, com apenas 10 segundos de atraso sobre o plano de voo. A capsula desceu a 5.400 metros do porta-aviões "Guedalcanel". Logo em seguida, foi iniciado o trabalho de resgate, com homens-rãs em ação. Todos os detalhes de recuperação dos três astronautas (foias) foram acompanhados pelo Brasil, através de transmissão direta de televisão. Segundo a NASA, o balanço total do voo — que foi de dez dias — é realmente positivo, constituindo-se positivamente num grande passo para a conquista da Lua pelos norte-americanos. — Página 2 do 1.º Caderno.

AGUA, TUDO EM ORDEM OUTRA VEZ



Acabou o problema da falta de água. O saneamento já fez a reedificação da adutora, na entrada da cidade, reedificando-a de baixo da área do tráfego dos veículos que descerão pelo "Elefante Branco", que afinal vai ser utilizado pelo DER. 25 homens e 6 máquinas trabalharão ontem o dia todo nessa obra. — Página 3 do 1.º Caderno.

CONVITE ESPECIAL PARA ANSELMO

A primeira "Isloca" do FIF é nacional: a Comissão Executiva achou imperdoável a exclusão de Anselmo Duarte e Lima Duarte da lista de nomes para nossa delegação e enviou dois convites especiais aos únicos brasileiros já premiados em Cannes. Outro fato muito comentado é que nenhum diretor do cinema novo foi lembrado para participar do FIF. — Página 7 do 2.º Caderno.

SUCESOR DE FARIA SERÁ MALUF

O novo prefeito de São Paulo, sucessor de Faria Lima, será o dr. Paulo Selim Maluf, atualmente presidente da Caixa Econômica Federal. Foi o nome da preferência do presidente da República e também o que o governador Sodrê escolheu, dentro de sua atribuição específica e exclusiva de nomear o prefeito da Capital. Maluf toma posse em abril. — Página 4 do 1.º Caderno.

ALMIRANTE JÁ LANÇOU SEU LIVRO



Com um coquetel no Clube XV, o livro do presidente da Marinha Mercante, almirante Macedo Soares Guimarães, foi lançado ontem. Trat sua opinião sobre nossa mercante, para a qual vê ótimas perspectivas. Amanhã o almirante parte para o Japão, onde vai discutir problemas de transporte de mercadorias. — Página 3 do 1.º Caderno.

PORTUGUESA 3 x 0. MUITO FACIL

A Portuguesa do Desportos venceu o Paulista, no Parque São Jorge, ontem à noite por 3x0, sem fazer muita força. O Paulista está muito ruim e não foi adversário. Os gols foram de Leivinha aos 12, Edu aos 19 no 1.º tempo. O último foi de Ivair, de bola e tudo, aos 29 minutos do 2.º tempo. O juiz foi Vilmar Sorra. A renda, NCR\$ 7.632,00, com 2.596 pagantes e 308 menores.

MINI-BLUSA, ARGUMENTO TURISTICO

"Assim é impossível fazer turismo". O sr. Alvaro Fontes, secretário da Pasta, não vê motivo para as determinações da Delegacia de Costumes proibindo a entrada nos cinemas de espectadores usando bermudas, sandálias e mini-blusas, e enviou ao delegado Ary Baser, ofício solicitando revogação da medida, que considera prejudicial à cidade. — Página 3 do 1.º Caderno.

DOS GUARDADOS DA ENEIDA



VISITA DO GOVERNADOR LAUDO NATEL: EM PÉ, SAMPAIO, LAUDO NATEL E BLANDY; SENTADAS, MARIINHA, ENEIDA E MADÔ (ESCONDIDINHA).



MIRIAM SILVESTRE, LA SCALA, MIRIAM RIBEIRO (DE COSTAS_), ERASMO, LEOMIL (ATRÁS, EM PÉ, RICARDO, MARIDO DA ENEIDA E

ENEIDA_), SÔNIA REGINA, VERINHA, ZEZÉ, VERA CORREA E ROBERTO PERES.



ARAQUÉM ALCÂNTARA



INDIANA "MAURI" JONES

CIDADE DE SANTOS - CIDADE DE SANTOS - CIDADE DE SANTOS

CIDADE DE SANTOS
 VÁLIDA PARA 1979

Nome ENEIDA BARRE
 TO PEREIRA

Função Redatora

Idade 30 Altura 1.59

Cabelos Loir Olhos Azuis

Eneida Barre Pereira
 Assinatura do portador

CIDADE DE SANTOS - CIDADE DE SANTOS - CIDADE DE SANTOS

SALVADOS DE GUERRA





PAULO CARUSO -

**AVENIDA
BRASIL**

Para o
companheiro
de penas e
risos,

abraços
do
Paulo
Caruso
Ampy.



ERRE, NO TRAÇO DE PAULO CARUSO (NO DIA QUE O ARTISTA ESQUECEU OS ÓCULOS EM CASA)



ERRE, ERON E O EX-ZAGUEIRO OBERDAN, DO SANTOS



DOUGLAS (EM PÉ), ALLENDE E ERRE (FOTO DE VANEY)

17-12-76

TRÊS JOVENS E UM MESMO IDEAL

Entre os 49 formandos em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação de Santos, que receberão hoje, às 20 horas, seus diplomas em solenidade na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, (à avenida Ana Costa, 55), estão três jovens que já trabalham como repórteres do jornal CIDADE DE SANTOS: Luigi Bongiovanni, Flávio Roberto Alves e Célia Maria Salgado Seoane. Indistintamente, talvez por estarem acostumados a ouvir e não a prestar declarações, os três novos profissionais demonstram uma certa timidez quando os papéis são invertidos, isto é, quando são eles os entrevistados e não os entrevistadores.

A começar com Bongiovanni, que logo se complica ao explicar que nasceu em Alexandria, no Egito, e é naturalizado italiano — pátria de seus pais —, vivendo há anos no Brasil, percebe-se o incômodo de um jornalista ao sentir-se notícia. Luigi trabalha há aproximadamente 8 meses no CIDADE, tendo antes desse período feito um estágio de um mês.

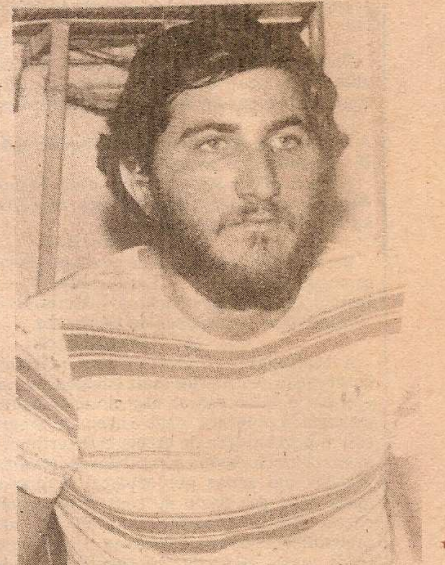
A sua escolha pelo jornalismo é explicada fluentemente: "Desde os 15 anos que gosto de escrever. Já naquela época eu fazia, com a minha turma, um jornalzinho mimeografado chamado "A Tocha", que era bem conhecido na Vila Belmiro (bairro onde reside até hoje). Isso sempre me incentivou a tornar-me um jornalista profissional. Até que me meti na jogada..."

Durante o aprendizado a que se submeteu nestes quatro anos de Faculdade, Luigi pôde notar algumas falhas, que podem ser corrigidas e também fatores que influíram beneficentemente na sua iniciação como repórter:

"A Faculdade de Comunicação era uma necessidade ao ser criada. Mas, atualmente, ela precisa mudar alguma coisa em seu currículo e para isso ela precisa ter autorização do Ministério da Educação e Cultura. As mudanças, em minha opinião, deveriam visar mais as matérias que são dadas nos anos básicos (os dois primeiros) e procurar incentivar mais as aulas práticas de fotografia, rádio, cinema e televisão. Isso não sendo feito, acaba ocorrendo o problema de sempre: o aluno acaba não recebendo a quantidade de informações necessárias e termina por não



Célia Maria Salgado Seoane



Luigi Bongiovanni

preencher os requisitos exigidos para ingressar na profissão.

"Nesse aspecto, ressalte-se a boa vontade do jornal CIDADE DE SANTOS que dá os subsídios necessários para que os estudantes acabem-se tornando jornalistas. Como exemplo, eu cito o caso de um universitário que trabalha no jornal e que quando entrou não sabia nem bater à máquina. Hoje é um bom profissional. Isso não correria em outros jornais onde a seleção é mais rigorosa."

Sobre o que espera da profissão que escolheu, Bongiovanni dá uma conclusão ligeiramente amarga: "Por enquanto o meu objetivo é continuar escrevendo e trabalhar para o meu sustento. Em termos, sinto-me recompensado pelo meu trabalho mas não aconselho essa profissão para um amigo meu."

O IDEAL

Flávio Roberto Alves, casado, nascido em Santos, já trabalha em jornal há 3 anos e meio. Ingressou no CIDADE DE SANTOS quando ainda estava no 1.º semestre da faculdade e trabalhou em dois setores: Esporte e Polícia. Permaneceu no CIDADE até agosto do ano passado, quando foi trabalhar no jornal "Estado de São Paulo". Em setembro último voltou cobrir Polícia no CIDADE.

"Escolhi jornalismo porque sou ligado em escrever e em esportes. Inclusive, antes de entrar na faculdade, cheguei

a escrever alguma coisa de esporte para pequenos jornais de outros estados do País. Escolhi porque gosto, e eu acho que é com isso que a gente tem que se preocupar, antes de se pensar na remuneração. É claro que temos que procurar equilibrar os dois fatores.

Sobre o curso que agora ele termina, afirmou: "É uma boa Faculdade, só que achei que, nestes quatro anos em que estive lá, foi muito mal administrada. Deveria haver uma renovação na cúpula diretiva. O problema mesmo não é da escola em si e sim da própria sociedade, a Visconde São Leopoldo, a mantenedora. De prático o curso não te oferece nada. Mas há outro problema a se considerar: há muita gente que não sabe por que escolheu o jornalismo".

Os objetivos de Flávio são simples: "Eu não quero ser um carreirista. O meu negócio é ser repórter e eu acho que falta muita coisa para eu aprender dentro dessa profissão".

"SEMPRE GOSTEI"

Outra jornalista que pode ser considerada uma idealista na profissão, é Célia Maria Salgado Seoane. Há 2 anos que trabalha no CIDADE, onde já esteve nos setores de Educação e Geral, fazendo agora variedades. "Sempre gostei de jornalismo. Acho que através dele posso conscientizar, ser útil à comunidade, informando bem, sem que com isso imponha algum conceito meu às ou-

tras pessoas. Escolhi por uma questão de ideal, por gostar de escrever e por ser uma profissão em que a gente está sempre conhecendo uma coisa nova. A gente está sempre aprendendo algo".

Novamente a faculdade é motivo de algumas críticas, desta feita com alguma ressalva: "Realmente eu não aprendi nada dentro da faculdade mas eu me pergunto se a culpa também não foi minha. Ao invés de eu exigir da faculdade, o que seria certo, simplesmente, ao sentir necessidade de saber, procurei um jornal para aprender. Acho que os estudantes deveriam exigir mais do curso e não procurar isoladamente através de estágios em jornal".

Suas pretensões também não são ambiciosas: "A única coisa que eu não posso esperar é ganhar dinheiro, porque isso não dá mesmo. Eu quero é ser uma boa profissional e ser respeitada como tal".

OUTRAS FORMATURAS

O Conservatório Musical Heitor Villa Lobos realiza hoje às 20 horas a solenidade de colação de grau dos seus alunos de piano, viola...

Também a Escola Estadual de Educação Canadá promove hoje a solenidade de formatura das professoras do curso normal. A cerimônia começa às 19h30 com missa de ação de graças e a seguir entrega de certificados, nas dependências do colégio Maria Imaculada.

passado, para todo o Brasil na sulta ao CIR sobre o reajuste a Prefeitura.

74? 75

MAIS TRÊS BACHARÉIS NO CIDADE



Vera Lucia Souza Dantas.

Com a solenidade de formatura da turma de 1974 da Faculdade de Comunicação de Santos, realizada ontem à noite, no Caiçara Clube, o CIDADE DE SANTOS tem, a partir de hoje, mais três bacharéis em Jornalismo: Nilce Maria Antunes Gonçalves, Vera Souza Dantas e Rivaldo Chinen. Os novos bacharéis já exerciam a profissão, enquanto estudavam: Nilce e Vera, na reportagem geral; Chinen, na cobertura de São Vicente. Longe de serem considerados "focas" (novatos na profissão), já iniciados nos segredos, e asperezas do jornalismo, eles opinam sobre a carreira.

"Jornalismo não é promoção". A frase é de Nilce Maria, que prossegue: "Jornalismo é uma profissão de fé, um sacerdócio. É uma luta constante em benefício da coletividade, uma forma objetiva de se promover coisas boas para um número maior possível de pessoas. Essas pessoas, sem demagogia, constituem o povo. Ele, o objetivo principal de jornalismo. A fixação de posições radicais fogem ao jornalismo em sua essência mais pura. As posições devem ser analisadas e confrontadas para permitir a informação e orientação precisas ao leitor, que busca no jornal, além da diversão e



Rivaldo Chinen.

orientação, a linha informativa que norteia sua conduta. O amor ao Jornalismo, despreendido e de maneira desinteressada, são características estritamente necessárias no desenvolvimento da profissão", conclui Nilce.

Para Vera Souza Dantas, o jornalismo é, antes de mais nada, uma tomada de posição diante da vida, assumida por um idealismo necessário e não encontrado em outros campos de atividade. Vera continua seu depoimento: "A adversidade, o cerceamento da liberdade de pensamento, às vezes, a limitação em algumas ocasiões, obrigam o jornalista a uma luta diária ardua, onde ele procura superar a si mesmo, para vencer todos os tipos de adversidades. Se por um lado, o Jornalismo é uma estrada de espinhos, encontramos também os atalhos de rosas. Dificilmente de um confortável escritório receberíamos a formação humanística, maior a cada dia que passa, proporcionada pelo jornalismo. Enfrentando dificuldades financeiras, na maioria das vezes, o jornal é o caminho menos indicado para aqueles que postulam a riqueza e o bem estar material. Mas, da mesma forma, é o mais indicado para os que procuram



Nilce Maria Antunes Gonçalves

no conhecimento íntimo da vida, o conforto e a riqueza espiritual". Finalizando, Vera afirma: "Jornalismo é a única forma que eu encontrei de dar um pouco de mim em benefício a coletividade, mesmo com sacrifício. O trabalho em jornal deve ser, como citou certa vez o professor Fraser Bond, da Universidade de Columbia, dê ao povo a verdade que ele precisa ter e não o que ele gostaria de saber. Lema que aplicamos desde o noviciado de "focas" no CIDADE DE SANTOS.

Rivaldo Chinen, o terceiro bacharel, encarregado da cobertura de São Vicente, acha o Jornalismo uma profissão dura, espinhosa, onde existem bloqueios constantes que devem ser superados no dia-a-dia do repórter. Segundo Rivaldo, os problemas dentro do Jornalismo começam no ambiente universitário, onde o currículo inadequado do curso impede uma melhor formação. É lógico que aprendi alguma coisa — continua Rivaldo — mas infelizmente a faculdade torna-se apenas uma ponte onde conseguimos começar dentro da profissão. De fato, o Jornalismo para mim é uma carreira. Poderia ser outra, mas escolhi essa. Consciente. Com muita esperança", conclui Rivaldo.

25-6-1975



FT, 30-8-1974



ERCÍLIA



IVANI



DE PAULA, ... ERON,VERINHA

ABAIXO: MIRIAN, TRANJAN, CARLINHOS CALDEIRA, RÔMULO

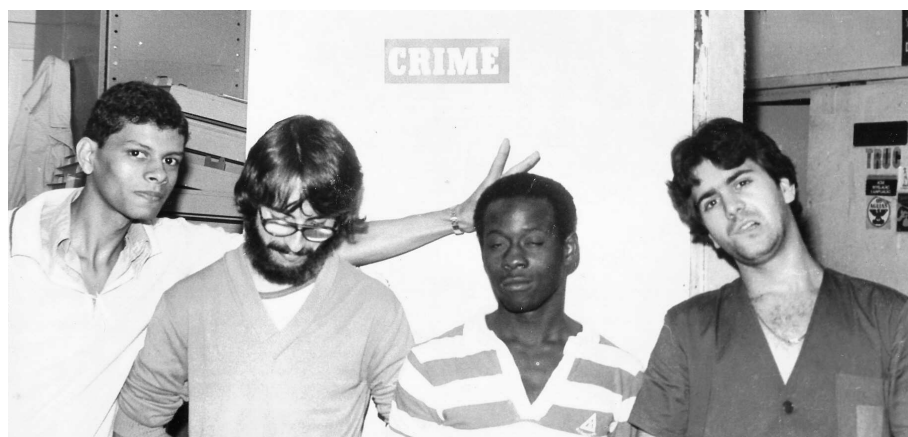


NHÔ ERXIXILIO E NHÁ XISXINA





**LENINE SEVERINO, AO LADO DO FILHO CELSO, RECEBENDO UM PRÊMIO DO PESSOAL LIGADO A ESPORTES A MOTOR, A QUE ELE ERA DEDICADO
(FOTO DO ARQUIVO DO ÁGGIO)**



VAGAREZA, CHIQUINHO, NELSINHO E PIU, LABORATORISTAS

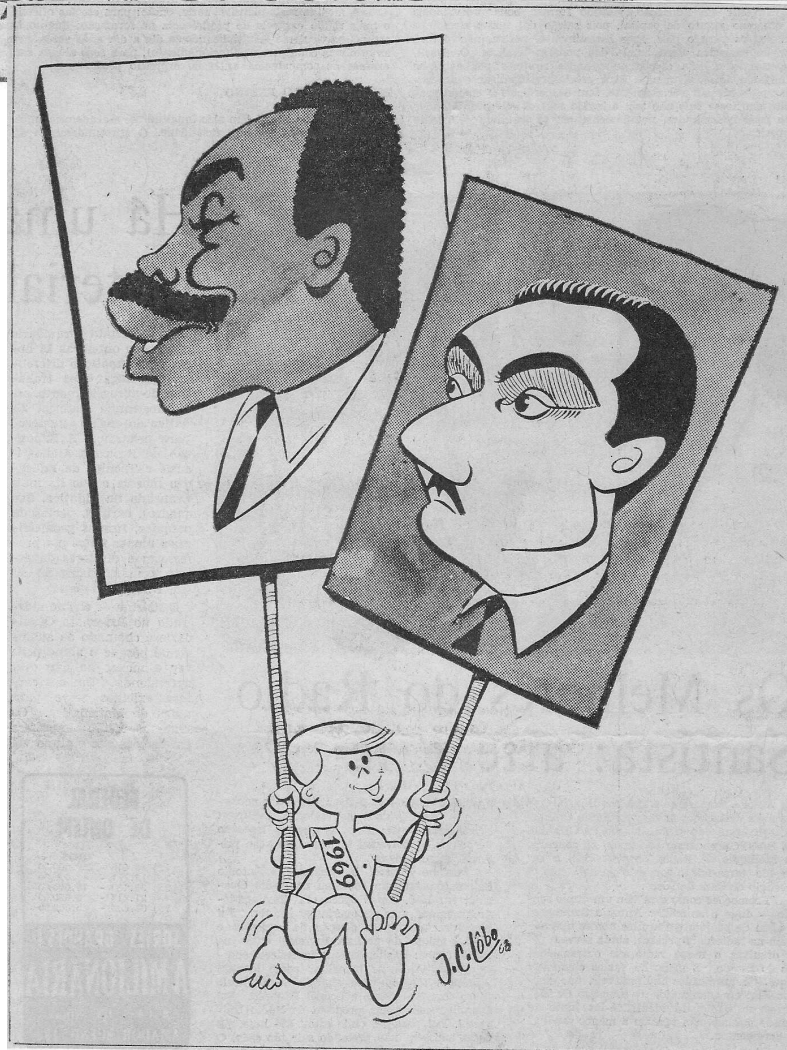
FEIJOADA NA CAPITANIA DOS PORTOS



No primeiro plano, CLÉOFE; à esquerda, de baixo para cima, 3 marinheiros, FREDDI e ÁGGIO; no alto, oficial da Marinha e o Ten .Mário Carlos Pinto, da Guarda Portuária, e, à direita, olhando para a câmera, SEQUEIRA.

(FOTO ARQUIVO DO ÁGGIO)

**CHARGES DO LÔBO NA ELEIÇÃO ESMERALDO-JUSTO,
ANTES DA CASSAÇÃO**



ALGUMA CRONOLOGIA

- 1964** Derrubada do Governo João Goulart, início do regime militar.
- 1966** Santos, área de segurança nacional.
- 1967** 30/6 “*Escândalo no 2.º BC*”.
- 1//7 PRIMEIRO NÚMERO DO CIDADE** (com FREDDI, ÁGGIO, MASCARO, FRATERNI, LENINE, HORLEI, ITAMAR, EDU, ALCI, BLANDY, MANENTE, VERINHA a apuirar)
DIRCEU, até 1973.
ALLENDE, até 69.
Até o fim, MARCÍLIO.
- 1968** 27/1 Derosse, autonomia em perigo.
Álbum Figuras da Vida Santista.
16/9 1.º Salão do Jornalista Artista `Plástico.
15/11 eleição de Esmeraldo/Justo.
13/12 **AI-5**.
- 1969** 15/4 Posse do Interventor Bandeira Brasil.
27/4 Falec. KATUCHA
8/1 1.º aviso E.M. (Atuou até 1972).
Saída ÁGGIO (p/FT, fechada em 21-3-99)
Saída BLANDY (voltaria em 1971).
Saída ALLENDE (voltaria em 1974).
(Ano de um COUTINHO (?) que transferiu a Chefia para São Paulo e mandou SCHIAVETTO para Santos, com uma equipe de radialistas de Brasília (?), inclusive CIRO LISITA (?), motivando a saída do Blandy).
- 1970** 1/5 Admissão ERCÍLIA.
29/6 Edição às segundas-feiras.
Set./Adm. NILCE.
Nov./Adm. ROCHA, vai até 22/8/86
- 1971** 1/1 Adm. MOITA, até 78.
5/5 BLANDY assume Editoria (vai até 7/5/79).
30,31/7,1/8 Flores sim x Graxa não / NILCE.
Admissão MAURI.

- 1972** Adm. ISALTINO.
- 1973** 16/4 Admissão CLEA; set. NOEMI.
Saída DIRCEU.
- 1974** Readmissão ALLENDE.
- 1975** 31-1 Adm. OSWALDINHO (até 79).
Adm. BEBÊ.
- 1976** Admissão ARYLCE; BETO PASCHOALINI.
- 1977** Adm. HÉLDER (até 1987); adm. LA SCALA (até 79).
Dez./Admissão DEJAIR.
- 1978** Adm. RITA.
Saída MOITA.
- 1979** 7/5 POSSE DE CALDEIRA FILHO PREFEITO (foi até 1/80).
1/4 Saída OSWALDINHO (voltaria em 1982); saída LA SCALA (voltaria no fim do ano, até 84)
7/5 BLANDY deixa a Editoria do Cidade (voltaria em '1986)
Greve dos jornalistas.
- 1980** 27/1 Saída de CALDEIRA.
- 1981** 26/1 "Cidadão Emérito" de Santos a CALDEIRA
22/4 *General da banda*.
Maio - Adm. WILSON, até 86.
20/10 Começa o "Mar de Lama" Cubatão.
19/11 Denúncia da anencefalia/Cubatão.
- 1982** 8/7 Read. OSWALDINHO (até 86).
Demissão BETO PASCHOALINI. Voltaria em 86.
- 1983** 2/8 Volta da autonomia - decreto Aureliano.
Saída LA SCALA.
- 1984** 25/2 Incêndio na Vila Socó/Cubatão.
3/6 eleição para Prefeito.
- 1985** Março: TRANJAN Editor Chefe (até jan/86).

10/7 saída (inglória) de Paulo Barbosa / posse O.Justo (vai até 1988).

Jul./Adm. RICARDO (fica até 3/86).

6 e 7/9 denúncia Sessão Secreta/Câmara de Santos

22/10 entrevista c/Maluf; 23/10 "Pratique a cortesia"

8/12 entrevista de Carvalhinho a A Tribuna.

1986

7/Jan. TRANJAN deixa a Editoria.

8/1 Volta do BLANDY, fica até o fim.

31/1 Saída OSWALDINHO.

22/8 Demissão ROCHA..

Saída MAURI; RICARDO, WILSON.

Demissão ITAMAR.

Retorno BETO PASCHOALINI.

Adm. WILFER.

1987

11/7 Falecimento do CARVALHINHO.

17/7 Saída HÉLDER,

15/9 ÚLTIMO NÚMERO DO CIDADE

1988

1989

1990

1991

1992

CALDEIRA racha sociedade com FRIAS, depois de 30 anos.

FRIAS assumiu a FOLHA e CALDEIRA os outros negócios.

1993

13/5 - FALECIMENTO CALDEIRA.

2000 -

Falec. GABRIEL TRANJAN (30/7).

(Ver LEODÉA BIERRENBACH DE LIMA CALDEIRA
JÚLIO DE SÁ BIERRENBACH)

Alguns dados colhidos do livro-reportagem "Cidade de Santos", de SINDIA SANTOS, 2001 (edição própria), da UNISANTA, com entrevistas de ROCHA, ÁGGIO, ARYLCE, BLANDY, CARLINHOS CALDEIRA, CLEA, MAURI, DEJAIR, DIRCEU, ERCÍLIA, ALLENDE, BEBÊ, Gastone Righi, HÉLDER, ITAMAR, ISALTINO, MARCÍLIO, NILCE, NOEMI, FRIAS, Oswaldo Justo, OSWALDINHO, RICARDO, RITA, BETO PASCHOALINI, MOITA, Vicente Cascione, WILFER, WILSON, LA SCALA, SAMPAIO. Exemplar da ERCÍLIA.



CIDADE DE SANTOS

Quarta-feira, 7 de março de 1984 — Ano XVII — N.º 5.999

Circula em todo o Estado

Redação e Publicidade: Rua do Comércio, 32

Preço do
exemplar
diariamente
Cr\$ 200,00
Domingos
Cr\$ 250,00

FAZ FALTA...